

Eu Sou Chamado?

a vocação para o ministério pastoral

..... **DAVE HARVEY**

“Esta é a consideração mais completa, mais realista, mais prática e mais genuinamente espiritual da chamada de Deus que eu conheço.”

J. I. PACKER, professor de Teologia, Regent College; autor, *O Conhecimento de Deus*

“Cada geração precisa de um novo exército de homens evangélicos que tenham um senso de destino em seu coração. Eles não estão à procura de um emprego. Estão seguindo uma chamada. Deus os está separando para o ministério pastoral. Você é um desses homens? Este livro sábio de Dave Harvey o ajudará a responder essa pergunta.”

RAY ORTLUND, pastor, Immanuel Church, Nashville, Tennessee

“Discernir a chamada de Deus com clareza é um desafio incessante, mas uma jornada necessária. Dave Harvey escreveu um dos livros mais úteis e práticos sobre a chamada cristã que já li. *Eu Sou Chamado?* guia uma ampla diversidade de leitores, não somente de pastores, em toda a chamada de Deus para ministrar em suas vidas. Estou certo de que compartilharei este livro com muitas pessoas nos anos por vir.”

ED STETZER, presidente, LifeWay Research; editor contribuinte, *Christianity Today*

“No decorrer dos anos, tenho me admirado do grande número de homens que buscaram e se envolveram no ministério pastoral mas duvidaram de sua chamada. Neste livro bíblico e agradável, Dave Harvey ajuda aqueles que têm lutas quanto à chamada de Deus para a sua vida. Precisamos de homens com fogo em seus ossos que estejam no ministério vocacional. *Eu Sou Chamado?* atrairá esses homens.”

DARRIN PATRICK, pastor, The Journey, St. Louis, Missouri; autor, *Church Planter*

“O assunto da chamada ao ministério pastoral é um assunto complicado, que envolve questões de caráter, habilidade técnica e direção

do Espírito Santo. Neste livro, Dave Harvey oferece uma ótima visão das coisas que todo aspirante ao ministério precisa considerar. Em um estilo agradável e conversacional, Dave guia o leitor em todo o ensino bíblico sobre este assunto — equilibrando cuidadosamente os aspectos externos e internos da chamada. Também provê anedotas apropriadas da história da igreja para ilustrar seus pontos. Cheio de sabedoria e discernimento, *Eu Sou Chamado?* é um livro prazeroso e desafiador para potenciais ministros do evangelho, para suas esposas e, de fato, para aqueles que já estão no ministério. Altamente recomendável.”

CARL R. TRUEMAN, professor, Cornerstone Presbyterian Church, Ambler, Pennsylvania; professor de História da Igreja, Westminster Theological Seminary, Philadelphia

“Como um jovem pastor, lutei com o assunto que Dave Harvey considera sábia e habilmente neste livro. Alegro-me de que uma geração de homens jovens possa achar nestas páginas a ajuda que procurei por trinta anos.”

BOB LEPINE, pastor, Redeemer Community Church; coapresentador, *Family Life Today*

“A história da igreja está marcada e maculada por ‘ministérios’ de homens desqualificados. A razão por que recomendo com alegria *Eu Sou Chamado?* é que Dave Harvey afirma a chamada ao ministério pastoral dentro do contexto bíblico: a chamada de Deus e a chamada de e para uma igreja local. Que Deus use este livro para levantar uma nova geração de homens que são chamados, equipados e competentes para a obra à qual ele nos chama.”

TIM CHALLIES, pastor associado, Grace Fellowship Church, Toronto

“A minha apreciação por este livro se equipara apenas ao senso de frustração pelo fato de que ele não estava disponível quando eu considerava minha chamada ao ministério pastoral. Dave Harvey con-

segue explicar e insistir nas qualificações bíblicas para o ministério sem ser desanimador e legalista. O mais importante é que as boas novas sobre Jesus são o pulso deste livro claro e envolvente. Se você está considerando entrar no ministério pastoral, *Eu Sou Chamado?* agirá como um espelho e amigo fiel. Se você já é um pastor, este livro renovará sua paixão por levantar uma nova geração de ministros.”

MIKE MCKINLEY, pastor, Guilford Baptist Church, Sterling, Virginia; autor, *Sou Realmente Um Cristão?* e *Plantar Igreja É para os Fracos*

“De acordo com o apóstolo Paulo, um ministério fiel do evangelho tem de incluir o confiar esse ministério a outros que o levarão adiante. *Eu Sou Chamado?* será de ajuda imensa para aqueles que se perguntam se são chamados ao ministério e para que os pastores já no ministério os ajudem a descobrir isso. Não conheço nenhum outro livro que faz a obra importante e prática que este livro faz tão bem. *Eu Sou Chamado?* é marcado tanto por discernimento prático e sábio quanto por uma forte vitalidade evangélica. Colocarei este livro em uso regular entre os homens jovens de minha igreja. Alegro-me de poder recomendá-lo.”

MIKE BULLMORE, pastor, Crossway Community Church, Bristol, Wisconsin

?



Eu Sou Chamado?

a vocação para o ministério pastoral

..... **DAVE HARVEY**

 **FIEL**
Editora

Eu sou chamado?

Traduzido do original em inglês

Am I Called?

por Dave Harvey

Copyright ©2012 por Dave Harvey



Publicado por
Crossway Books,
Um ministério de publicações de
Good News Publishers
1300 Crescent Street
Wheaton, Illinois 60187, USA.

Copyright © 2012 Editora Fiel
Primeira Edição em Português: 2013

*Todos os direitos em língua portuguesa
reservados por Editora Fiel da Missão
Evangélica Literária*



PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO
ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.



Presidente: James Richard Denham III
Presidente Emérito: James Richard Denham Jr.
Editor: Tiago J. Santos Filho
Tradução: Francisco Wellington Ferreira
Revisão: Sabrina Sukerth Gardner
eBook: Heraldo Almeida
Capa: Rubner Durais

ISBN: 978-85-8132-228-5

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Harvey, Dave

Eu sou chamado? / Dave Harvey ; [tradução Francisco Wellington

Ferreira]. -- São José dos Campos, SP : Editora Fiel, 2013..

1.3Mb; ePUB

Título original: Am I called? : the summons to pastoral ministry.

ISBN 978-85-8132-228-5

1. Clero - Vocação 2. Teologia pastoral 3. Vocação eclesiástica

I. Título.

13-08235

CDD: 253.2

Índices para catálogo sistemático:

1.Vocação : Perspectivas teológicas:

Cristianismo 253.2



Caixa Postal, 1601

CEP 12230-971

São José dos Campos-SP

PABX.: (12) 3919-9999

www.editorafiel.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Depoimentos](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Apresentação por *Matt Chandler*](#)

PARTE UM: DEFININDO A CHAMADA

[1 – A Chamada como Eu a Entendo](#)

[2 – Chamados para o Salvador](#)

[3 – O Contexto da Chamada](#)

PARTE DOIS: DIAGNOSTICANDO A CHAMADA

[4 – Você É Piedoso?](#)

[5 – Como Está o Seu lar?](#)

[6 – Você Pode Pregar?](#)

[7 – Você Pode Pastorear?](#)

[8 – Você Ama os Perdidos?](#)

9 – Quem Concorde?

PARTE TRÊS: ESPERANDO

10 – Enquanto Você Espera

Agradecimentos

Ministério Fiel



Apresentação

Imediatamente após a minha conversão, desenvolvi um apetite insaciável pelas Escrituras. Minha personalidade, desde as minhas primeiras recordações, era de curiosidade constante. Eu queria e até precisava saber como as coisas funcionavam. Eu desmontaria e tentaria montar de novo qualquer coisa em que pusesse as mãos.

Quando o Pai enviou o Espírito para abrir meus olhos e ouvidos para a beleza de Jesus, essa curiosidade foi redimida. Eu queria e, de novo, precisava saber como a nossa fé — a minha fé — funcionava. Por isso, estudei, li, memorizei e fiz milhares de perguntas aos pastores da Primeira Igreja Batista na qual Deus, tão graciosamente, me salvou. Não demorou muito para que eu comesse a responder perguntas de pessoas perdidas com as quais compartilhava minha vida e, o que é mais importante, o evangelho. Também, meus amigos começaram a me procurar com suas perguntas. Não saber as respostas estimulava a minha curiosidade, e eu tentaria achar a resposta.

Seis meses depois da minha conversão, começaram a me pedir que realizasse algum trabalho de ensino, principalmente nas escolas bíblicas de férias, das crianças da igreja, e em ministérios semelhantes. Minhas oportunidades culminaram no que era o nosso “culto dirigido por jovens”, no qual o pastor me pediu que pregasse no domingo à noite. Fiquei ao mesmo tempo empolgado e nervoso. Naquela noite, preguei com muito empenho, e, embora em minha opinião o sermão tenha sido mal feito e exegeticamente errado, o Espírito se moveu com poder. Muitas pessoas se arrependeram e entregaram sua vida a Cristo. Depois do culto, algumas pessoas vieram até mim e me encorajaram por dizerem que pensavam que eu era “chamado” para o ministério.

Consegui meu primeiro trabalho como pastor de jovens numa pequena igreja batista quase cinco meses depois, e foi um pesadelo. Eu estava mal preparado, não sabia o que estava fazendo, não sabia como

a igreja funcionava e estava num sistema que eu não entendia ou (sendo honesto) com o qual não concordava. Meu andar com o Senhor estava sofrendo horivelmente; eu tinha um pecado secreto em minha vida e me sentia muito, muito sozinho. Depois de uma ano, deixei o trabalho pensando que não era chamado e, em vez disso, que deveria estudar direito e apenas ensinar numa classe de escola dominical.

Creio na providência de Deus em todas as coisas, incluindo a sua disposição do tempo, mas acredito que, se Dave Harvey tivesse escrito este livro 20 anos atrás, sua sabedoria, seu conhecimento das Escrituras e sua experiência pastoral me teriam poupado de muito sofrimento e dano. Se alguém me tivesse importunado quanto à minha piedade ou feito perguntas sérias a respeito de meus pensamentos pessoais e do que eu fazia em particular, em vez de olhar para minha personalidade e habilidade de comunicar, eu poderia não ter sofrido tanto, naqueles dias, por ser desonesto e andar em rebelião flagrante diante de nosso grande Rei.

Capítulo após capítulo, Dave faz um trabalho fenomenal de delinear o que todos nós precisamos considerar, independentemente de posição e contexto de vida, para responder a pergunta *Eu Sou Chamado?* A primeira seção deste livro resume o que é a chamada e como ela vem até nós. A segunda seção está cheia de perguntas, e a maioria delas você tem de continuar a fazer mesmo depois de entrar no ministério.

Você é piedoso? Que pergunta a considerarmos! Oh! quão mais profundos e mais amplos seriam os ministérios se homens piedosos os liderassem!

Como está o seu lar? Muitos homens jovens esquecem que não liderar bem o lar nos desqualifica para liderar a igreja (1 Tm 3.4). Entre homens que respeito no ministério, tenho observado que eles têm um forte entendimento desta verdade. Leia este capítulo devagar.

Você pode pregar? Que pergunta simples e profunda! Você pode abrir a Palavra viva e proclamá-la com poder? Dave faz um grande trabalho em insistir num assunto que se torna confuso rapidamente. Raramente encontro um jovem que não acredite que possa pregar a Palavra como Spurgeon. Você não tem de ser um Spurgeon (e, encare-

mos a realidade, você não é), mas tem de ser capaz de “alimentar as ovelhas”.

Você pode pastorear? O capítulo sobre pastorear é um sopro de ar fresco num clima em que a falsa dicotomia de pregar ou pastorear parece estar crescendo. Somos chamados a fazer ambas as coisas.

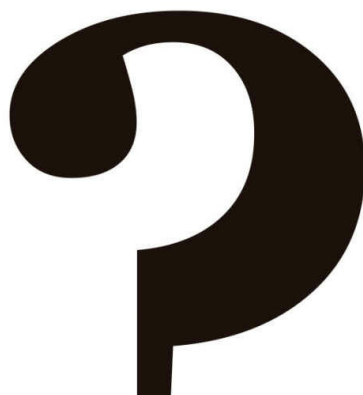
Você ama os perdidos? Fico muito feliz pelo fato de que Dave incluiu um capítulo sobre evangelização e hospitalidade. Este capítulo nos chama não somente a mostrar aos outros que eles devem se engajar no mundo, mas também que nós mesmos devemos nos engajar.

Quem concorda? As pessoas devem ver estas coisas em você. Você deve ser conhecido por sua piedade e seu amor por sua família, pelas Escrituras, pelas pessoas, ver pessoas salvas e pastorear pessoas que estão magoadas, desanimadas e feridas.

Dave termina o livro com um capítulo intitulado “Enquanto Você Espera”. Quase toda semana, uma pessoa me diz que se sente chamada, mas não sabe o que fazer. Eu tinha uma resposta longa e elaborada, mas agora posso simplesmente dar-lhes este livro que você tem em mãos.

Este livro está bem atrasado. Não importando qual seja a sua situação na vida, se o Espírito está atraindo-o, e você acha que isso se direciona a algum tipo de ministério pastoral, deixe o Espírito de Deus — agindo por meio da sabedoria, da experiência e do conhecimento de Dave Harvey — trazer clareza a essa atração.

Cristo é tudo,
Matt Chandler
Pastor principal
The Village Church



..... PARTE UM

Definindo a Chamada

1



A Chamada como Eu a Entendo

Você já foi convocado? No ensino fundamental, toda sala de aula tinha um alto-falante fixado em cima da porta. Ele retinia toda manhã, despertando-nos de nosso cochilo com toda a delicadeza de um sargento austero altamente energizado. Mas também servia a um propósito secundário, um propósito mais diabólico. Se o diretor queria você em seu escritório, o seu nome era anunciado no alto-falante. Ora, lembre-se que isso foi nos dias em que humilhação pública era igual a matemática em termos de educação completa.

Cada vez que a voz trovejava na caixa fixada na parede, eu me perguntava se tinha chegado a minha vez de fazer a longa caminhada até à sala do diretor. Ora, sei que mentes de oito anos de idade raramente pisam no planeta Realidade, mas acho que havia crianças convocadas ao escritório do diretor que nunca retornavam. Estou falando sério. Eu podia imaginar corredores secretos que iam do escritório do diretor a masmorras ou a câmaras de tortura. O que poderia explicar o fato de que algumas crianças eram tão afáveis e submissas? Imaginei que alguns poucos dos que foram chamados ficaram trancados para sempre. Algum dia, eles apareceriam em algum lugar, um resto de suas antigas personalidades, com sua vida mudada para sempre pelas convocações apavorantes de um alto-falante.

Uma convocação é uma chamada para deixar uma coisa em direção a outra.

Quando fiquei mais velho e aprendi que uma convocação podia ser uma coisa boa; como, por exemplo, quando o técnico agarra você pela camiseta e o empurra para o jogo, dizendo: “Vamos ver o que você aprendeu”; ou uma coisa inconveniente como o envelope oficial do município anunciando um dever como jurado. Uma convocação

pode também mudar a sua vida. Todos os homens lembram o serviço militar. Isso é o que chamam de recrutamento militar depois que sai do departamento de marketing. Inúmeros homens jovens têm recebido em sua caixa de correios uma notificação de serviço militar — uma convocação do governo que os obriga a se apresentarem para cumprir um dever.

Independentemente da situação, uma convocação é uma chamada para deixar uma coisa em direção a outra. Este livro trata de um tipo específico de convocação; e creio que é uma das convocações mais gloriosas e mais estratégicas que um cristão pode experimentar: a chamada ao ministério pastoral.

Para quem é este livro?

Mas espere. Antes de prosseguir, preciso ser honesto a respeito de para quem este livro foi escrito. *Foi escrito para homens que podem, algum dia, ser pastores.* Talvez você esteja anelando plantar uma igreja — este livro é para você. Talvez você esteja agora mesmo na faculdade ou no seminário — sim, este livro é para você também. Talvez você esteja em um ótimo trabalho, mas está se perguntando se não é chamado a pregar ou a liderar; ou, talvez, esteja em um trabalho que você odeia, ou mesmo não tenha um trabalho. Pegue uma cadeira e sente-se, você está no lugar certo. Um aluno de faculdade que está lutando com uma vocação? Um adolescente que tenta interpretar algumas instigações? Alegro-me de que você esteja aqui! Poderia estar realizando um ministério universitário, ou missões, ou alguma outra obra cristã vocacional. Você é o homem! Pode até ser um pastor que está se perguntando se realmente deveria estar fazendo o que faz agora. Este livro também é para você.

Mas não me entenda errado. Este não é um livro para todos. Não é um livro geral sobre liderança cristã, embora, se você é um líder, possa se beneficiar dele. Não espero que este livro ganhe muita aceitação no mercado cristão feminino, nem o espera o meu publicador! Você percebe: eu creio que a Bíblia ensina claramente que a chamada ao ministério pastoral é apenas para homens cristãos. Sei que você

pode discordar e sei que vivemos numa cultura em que limitar as oportunidades de ministério pastoral a um único gênero nos relega à categoria de relíquia estranha, bem semelhante a vitrola e a TV preto e branco. Não entrarei na contenda do argumento sobre a possibilidade de ordenar mulheres — isto é assunto do livro de outra pessoa.

No entanto, eu ficaria muito satisfeito se algumas mulheres lessem este livro, mulheres que almejam apoiar com alegria os pastores e usar seus talentos para edificar a igreja em sujeição a uma liderança bíblica. E minha esposa, Kimm, deseja que toda mulher que é, ou quer ser, uma esposa de pastor leia este livro.

Uma coisa que você observará neste livro é que ele contém muitas histórias — histórias de homens reais que ouviram e lutaram com a chamada de maneiras diferentes. Alguns são pessoas famosas que, talvez, você já conheça; outros são pessoas comuns como você e eu. Mas quero que você saiba uma coisa. As histórias não são relatadas apenas para impedi-lo de cochilar enquanto lê este livro. São retratos pelos quais vemos um vasto oceano de graça para homens chamados ao ministério.

Deus não é acidental em quem ele chama ou no que ele chama um homem a fazer.

Você entende: Deus não é acidental em quem ele chama ou no que ele chama um homem a fazer. Ele não designa burocratas sobre a sua igreja; ele designa homens — de carne e osso, fábricas de erros estúpidos, como você e eu. Deus pega um homem comum, lapida seu caráter, dá-lhe graça, treina-o por meio de provações, enche-o de zelo e encurrala-o em suas circunstâncias. Depois, você tem um pastor. Essa é uma história digna de ser contada — uma história sobre a graça.

Como eu sei? Bem, permita-me contar a minha história.

O projeto de Deus

Criado em uma denominação tradicional, eu sabia que Deus era real. Ele apenas parecia meio irrelevante. A igreja que eu frequentava fazia pouco para persuadir-me do contrário. Um órgão, muitas pessoas de cabelos grisalhos cantando com hinários e um sermão de 20 minutos que me deixava desejoso de ter meus 20 minutos de volta. Em minha mente de puberdade, este espetáculo era motivo de sono em toda a sua duração.

Por isso, eu pulei fora. Eu era aquele sujeito bastante popular no ensino médio e celebrei muitas festas no tempo da faculdade. Era um cara que amava rock-and-roll, evitava fazer os trabalhos de casa e torcia pelos Steelers. Amigos desordeiros e grandes fins de semana resultaram em médias razoáveis. Não tenho grandes confissões de destruição e desespero. De fato, a minha conversão começa com um tema espetacular: eu gozava de um tempo excelente levando a vida à minha maneira.

E deu certo para mim — por um tempo. Mas uma vida de autossatisfação é como uma dieta permanente de doces agradáveis. Eles têm sabor excelente, mas nunca satisfazem o apetite. Tempos de loucura e de dormir em sofás começaram, por fim, a ficar insípidos. Comecei a sentir fome por algo mais. Perguntas significativas começaram a vir à minha mente com uma regularidade inquietante. Se existe realmente um Deus, o que isto significa para mim? O que eu devo fazer com a vida que me foi dada? O que me surpreendeu realmente — até me perseguiu — foi o fato de que as perguntas eram as perguntas de Deus, perguntas que não me largavam quando eu apagava a luz — porque era o próprio Deus quem fazia as perguntas.

Eu me converti em 1979. Não me pergunte quando ou onde — honestamente, eu não sei. Tenho certeza de que essas respostas me serão dadas logo depois que eu deixar este corpo mortal. Por enquanto, eu tenho o ano certo. Eu acho. Talvez seja mais importante dizer que tenho procurado seguir fielmente a Cristo por cerca de 33 anos. Vinte e seis destes anos foram gastos no ministério de tempo integral. E essa é a história que eu quero realmente contar aqui.

Como um novo crente, eu era cheio de mim mesmo. Você talvez esteja pensando: “É claro que ele era orgulhoso, tinha menos de 30

anos!” Não... o orgulho, eu diria, era levemente mais acentuado. Eu achava que Deus obtivera uma grande vantagem em me converter. No mundo de Dave, onde a razão e a humildade raramente saiam de hibernação, eu era uma escolha de primeiro nível de Deus, uma aquisição séria. Eu seria um meia-armador por um dia. Imagine o que um ex-aluno de média C e bastante popular poderia fazer ao reino das trevas. As meras possibilidades faziam Satanás tremer... assim eu pensava.

Em outras palavras, eu tinha problemas. Eu era arrogante, autoindulgente, egoísta, ambicioso, impaciente e instintivamente rebelde contra autoridade — e, outra vez, isso foi depois da conversão.

E você conhece aquele dispositivo interior que impede as pessoas de dizerem as coisas pecaminosas e estúpidas que estão pensando? O meu foi domesticado por anos. Quando o pastor de nossa igreja perguntou sabiamente por que eu apenas frequentava a igreja e nunca me tornava membro. “Eu não faço compromissos” foi o que respondi. E disse isto como se estivesse expressando algum discernimento profundo. Verdade seja dita, esta pergunta me pareceu insensata. Eu ainda não tinha compreendido que a insensatez me era tão peculiar como amigos o são ao Facebook. Era minha companheira constante.

Eu era arrogante, autoindulgente, egoísta, ambicioso, impaciente e instintivamente rebelde.

Eu era um projeto. Mas, devagar, comecei a ver projeto de Deus. O evangelho estava “produzindo fruto e crescendo”, como disse Paulo em Colossenses 1.6. À medida que eu permitia que a Palavra de Deus permanecesse em minha vida, começava a viver cada vez mais como um discípulo segundo o molde de João 15. A santidade para com Deus começou a ser importante para mim. Amar a Deus e aos outros se tornou uma preocupação crescente. E, talvez, o mais importante: eu queria conhecer mais o Salvador, aprender como adorá-lo com minha vida.

Instigações fortes

Mas houve outras instigações — vagas e imprecisas, a princípio, mas suficientemente fortes para gravar perguntas em minha mente. Assumiram forma, primeiramente, na igreja local que eu “frequentava”. De algum modo, acabei com a minha peregrinação, entrei no arraial e me tornei membro da igreja. Gostei realmente disso! Comecei não somente a frequentar as reuniões e a expressar opiniões, mas também a relacionar-me com outros irmãos e irmãs, abraçando a visão de edificarmos a vida juntos. Outros homens começaram a falar à minha vida, ajudando-me a ver a impiedade em mim e a graça nos outros. Comecei a crescer na vida cristã. E comecei a servir à igreja — fazendo pequenas coisas, coisas insignificantes, porque isso foi tudo o que eles me confiaram. Também gostei disso — o que me desnor-teou. Comecei a compreender que o que eu trazia para o jogo não era realmente importante, mas o que fazíamos juntos edificava coisas que duram.

As incitações, as perguntas vagas, começaram a surgir em minha mente. Estava confuso. Um plantador de igreja ou pastor subia ao púlpito para anunciar a Palavra de Deus. Ao redor do salão, eu podia ouvir o barulhos das Bíblias e os sons abafados de pessoas se preparando para ouvir. Alguns se inclinavam para frente, ansiosos por uma ajuda especial das Escrituras. Outros eram quase temerosos, abrindo sua Bíblia com um senso desesperado de necessidade por Deus. Ainda outros firmavam as costas no banco, prontos para avaliar o pregador, desfrutar da história ou sorrir de uma brincadeira engraçada. Mas algo diferente estava acontecendo em mim. Assistindo ao drama da pregação, eu pensava: *como ele faz isso?*

Ora, talvez você responda: “Toda pessoa que já ouviu um sermão decente fez essa mesma pergunta”. Mas neste caso era diferente. Isto não era teórico. Era pessoal. Ver homens que estão no ministério usar habilmente seus dons me levou a projetar mentalmente a mim mesmo no lugar deles. Eu tinha sonhos de encharcar-me da Palavra de Deus, para que também pudesse ir ao púlpito e expor os resultados. De fato, eu costumava praticar pregação quando estava sozinho ou nas florestas. Você sabe, eu queria apenas vocalizar as coisas sobre Deus que se

agitavam em minha alma. Não houve conversões de florestas, mas aquilo fomentou um desejo de pregar a Palavra de Deus.

Isto não era teórico. Era pessoal.

E estas experiências começaram a atizar em mim uma questão profunda, uma questão de chamada, uma questão que se introduziu lentamente em meu espaço pessoal: *eu sou chamado para fazer isso?*

O que se espera que um homem faça com isso? Eu não sabia por onde começar. A resposta está em alguma experiência de ser derrubado como Paulo na estrada para Damasco? Sim, eu estava bem aberto para ver o Senhor e conversar sobre o meu futuro. De fato, se eu tivesse a atenção dele, poderia acrescentar outros itens à conversa. Mas isso nunca me aconteceu. Na verdade, nestes mais de 26 anos de ministério, descobri que, para a maioria dos homens, a resposta não vem desta maneira.

Como você sabe se é chamado para plantar uma igreja ou para ser um pastor? Lembro-me de um membro de igreja que sentou diante de seu pastor e testemunhou que tinha recebido “uma chamada para o ministério”. Continuou com muita verbosidade, informando ao pastor quão humilde era para receber a chamada e quão reverente estava em ter sido escolhido. Não fez nenhuma pergunta, não pediu nenhuma avaliação. Depois, ele informou ao pastor que deixaria a igreja para sair em busca de seu ministério. Então, é isso que acontece? Deus fala tão audivelmente a um homem que as vozes dos outros se tornam desnecessárias?

Eu me perguntava se entrar no ministério era como preencher uma vaga de emprego — ou seja, qualificações apropriadas e a oportunidade certa. Se alguém é bom em lidar com jovens e bastante criativo, e se há uma necessidade de alguém que trabalhe com jovens, então, pronto! Você conseguiu o trabalho! Qualificações mais necessárias é igual a ministério, certo?

Também houve aquelas perguntas referentes à faculdade bíblica ou ao seminário. Essas escolas existem para confirmar a chamada de um homem e colocá-lo no ministério, certo? Bem, isso não era uma op-

ção para mim. Você percebe, eu tinha muitos problemas. Eu tinha um problema chamado “dívida de faculdade e um pai sem recursos financeiros para pagá-la”. Tinha outro problema chamado “esqueça-se de pensar sobre o futuro porque você está tendo muita satisfação na escola”. E tinha um terceiro problema: “Conheci esta moça cristã maravilhosa e queremos casar agora!” Esses três problemas se combinaram para me entregar ao mundo excêntrico de ser um guarda de segurança. Em minha opinião, isso não era exatamente uma preparação paulina para o ministério.

No entanto, eu ainda permanecia com as instigações pessoais, com um desejo de estar no ministério. Qual era o passo seguinte? Como eu saberia se Deus estava me chamando para ser um pastor?

Uma aventura importante

Deus respondeu essas perguntas para mim. Quero lhe falar mais sobre minha jornada nos capítulos seguintes, porque este livro é minha resposta para essas perguntas. Essas perguntas são importantes, e não são exclusivas a mim. Podem ser essenciais ao seu futuro. Espero que você continue lendo.

Talvez a sua exploração o levou de curiosidade a seriedade e a desespero total. Creia-me: eu entendo você. Este processo é uma aventura — uma aventura bastante séria, que exige oração desesperada. Charles Spurgeon pensava assim também: “Como um homem jovem sabe se é chamado ou não? Essa é uma indagação importante, e desejo tratá-la com muita solenidade. Oh! que eu tenha orientação divina em fazer isso!”^[1] Esse é o tipo de sobriedade e dependência divina apropriada que vale a pena abraçarmos, quando começamos esta jornada.

Se você procura entretenimento, ficará desapontado. Sim, quero que este livro o envolva e o inspire, mas nunca devemos perder de vista a importância desta inquirição. A chamada de um homem ao ministério pastoral sempre tem sido tratada como uma coisa solene. O povo de Deus depende do homem certo que os guia no caminho certo. Por isso, quero oferecer algumas respostas para questões reais que você tem quando pensa no ministério pastoral.

Ao fazer isso, tenho vários objetivos. Primeiramente, à medida que lê este livro, quero que você conecte sua chamada ao ministério a algo muito mais importante: a identidade que você tem em Cristo. Como John Piper disse tão bem: “Irmãos, não somos profissionais”. Muitos homens entraram no ministério cristão e perderam de vista o que eles são como homens cristãos. Sou muito contente pelo fato de que Deus veio incansavelmente atrás do meu coração (e continua vindo até hoje), em vez de atirar-me através de uma tubulação eclesiástica impessoal. Quero ajudá-lo a ser o que você é em Cristo, à medida que responde à chamada para servi-lo.

Outro dos meus objetivos é apresentar a chamada ao ministério pastoral no contexto de uma visão gloriosa para a igreja. O ministério pastoral e, portanto, a chamada pastoral não existe à parte de sua expressão em uma igreja local biblicamente definida. Alegro-me de que Deus me seduziu com um amor pela igreja. Quero ajudá-lo a ver que você precisa da igreja tanto quanto a igreja precisa de você.

Quero que você conecte sua chamada ao ministério a algo muito mais importante.

Antes de tudo, quero ajudá-lo a diagnosticar sua chamada por meio das qualificações bíblicas para os pastores de Deus. Para as pessoas, há muitas maneiras pelas quais um homem pode se destacar — personalidade, compreensão política, inteligência, ambição egoísta. Mas a Palavra de Deus é surpreendentemente específica a respeito do que é necessário para liderar o seu povo. Sou grato por que a Bíblia me restringe como um pastor. Quero oferecer-lhe seis perguntas simples que devem ser respondidas por todo homem que se sente chamado ao ministério.

Quero ajudá-lo não somente a fazer a difícil tarefa de autoavaliação, mas também a preparar-se para a avaliação diária de outros. O ministério pode ser uma experiência solitária e frustrante. Precisamos de outras pessoas em nossa vida para nos ajudarem a chegar ao ministério e a permanecer nele. Sou muito contente pelo fato de que Deus

colocou ao meu redor, desde o começo, homens que ajudaram a confirmar, a definir e a apoiar minha chamada. Quero ajudá-lo a entender o que significa ter sua chamada confirmada.

Finalmente, espero que este livro lhe ensine como preparar-se. Você perceberá que não há uma estrada mágica para o ministério. Frequentemente, a estrada não é a de nossa própria escolha. Às vezes, não estamos nem mesmo seguros de que estamos indo na direção certa. Alegro-me muito de poder olhar para trás e ver como o Senhor usou todas as minhas experiências como preparação; e continua fazendo isso até hoje.

Quero ajudar cada homem que está neste processo a aprender como esperar com fé e preparar-se com sabedoria.

Você ainda está empolgado?

Spurgeon entendia isto corretamente: isto é um assunto muito importante. Não somente porque envolve nosso futuro pessoal — é muito mais importante do que isso! Este assunto é importante porque envolve a proclamação e a proteção do evangelho. É importante porque nos convoca a cuidar do povo de Deus. É importante porque o mundo precisa de igrejas fortes plantadas e edificadas para a glória de Deus.

Você está sendo chamado? Antes de considerarmos nossa chamada, precisamos considerar aquele que chama. Esse é o melhor lugar para começarmos a nossa jornada.

Antes de cada um dos capítulos seguintes deste livro, você terá um breve relato biográfico. Cada homem referido é um herói da fé. Juntos, eles formam um grupo diversificado, representando uma variedade de tradições religiosas. Alguns foram treinados formalmente para o ministério. Outros obtiveram sua doutrina por meio de treinamento pessoal rigoroso. Alguns foram conhecidos pela pregação; outros, pela liderança; outros, pela sabedoria; outros, pelo sacrifício. Espero que você ache um espírito familiar entre eles. Entretanto, o que estes homens têm em comum é o mais importante. Primeiro e acima de tudo, todos eles amavam o evangelho e as doutrinas da graça. Cada um destes homens não somente era constante em seu compromisso com o evangelho, mas também fazia dele a pedra angular de seu ministério. Segundo, todos eles realizaram a sua chamada no mi-

nistério da igreja local.^[2] Embora teologicamente sábios, nenhum deles deixou sua marca no mundo da academia. Embora tivessem uma mentalidade missionária, nenhum deles viajou ao mundo para começar novos trabalhos. E, embora tenham sido pregadores famosos, todos eles escreveram e falaram primeiramente para a igreja local com a qual estavam comprometidos. Em resumo, eles eram pastores — pastores de primeira classe, com certeza, mas também homens da igreja local. A maioria deles serviu apenas a uma igreja durante toda a sua vida como ministro; o tempo de ministério deles em sua primeira igreja local durou em média mais de trinta anos. Todos estes homens já passaram à glória; acabaram a sua carreira; e, agora, podemos considerar todo o fruto de sua resposta à chamada de Deus ao ministério como um estímulo à nossa própria fé.

Para estudo adicional

A Cruz e o Ministério Cristão, D. A. Carson

Biblical Eldership, Alexander Strauch

Lições aos Meus Alunos, Charles H. Spurgeon

[1] Charles H. Spurgeon, citado em James M. George, “The Call to Pastoral Ministry”, em *Rediscovering Pastoral Ministry: Shaping Contemporary Ministry with Biblical Mandates*, ed., John MacArthur Jr. (Dallas, TX: Word, 1995), 103-104.

[2] Alguns talvez digam que Lutero é uma exceção, visto que ele não foi designado formalmente como o pastor em Wittenberg. Mas isto aconteceu apenas por causa de suas responsabilidades não locais; ele permaneceu estabelecido em Wittenberg durante todo o seu ministério e pregava na igreja várias vezes por semana.

Uma História de Chamada

Thomas Scott: Chamado à Conversão^[1]

Tudo começou com um encontro casual em um jantar... e um jovem ministro ambicioso que procurava fazer um nome para si mesmo. E, nesse caso, não há nada melhor do que enfrentar alguém da velha guarda em uma batalha de perspicácia teológica para dar brilho à reputação. Assim começou o relacionamento providencial entre Thomas Scott e o respeitável John Newton, em maio de 1775.

Thomas Scott era um dos mais brilhantes jovens leões da Igreja Anglicana no século XVIII. Bem educado e um comunicador dotado, Scott tinha um pequeno problema: não acreditava no evangelho. Ele tinha novas ideias que desejava compartilhar.

Aproveitando a oportunidade do encontro no jantar, o reverendo Scott perguntou a Newton se poderia escrever-lhe para obter conselho a respeito de alguns assuntos espirituais importantes. Newton, sempre procurando animar homens mais novos no ministério evangélico, sentiu-se feliz em concordar. Mas isto não era uma mentoria. Scott tencionava pegar Newton em armadilha.

Em suas próprias palavras, Scott descreve sua estratégia:

Professando amizade e um desejo de conhecer a verdade, escrevi-lhe uma carta extensa, desejando realmente provocar uma discussão de nossas diferenças religiosas... Eu não me interessava por sua companhia. Eu não tencionava usá-lo como um instrutor e não pretendia que o mundo pensasse que, de algum modo, estávamos conectados. Empreguei todo esforço para atrair o Sr. Newton à controvérsia, contestei quase tudo que ele ensinava e fiquei bastante irritado com muitas coisas que ele afirmava.

Mas John Newton estava ciente das intenções de Scott.

As cartas de resposta de Newton confrontaram cuidadosamente as perguntas enredadoras com a verdade bíblica, enquanto evitavam as armadilhas de se envolver em teologia especulativa. E o que é mais importante: Newton estava comprometido a insistir no evangelho em toda oportunidade. Frustrado com sua falta de resultados, Scott desistiu. Mas Deus começou a expor a hipocrisia vergonhosa que Scott desenvolvera não somente em sua vida, mas também em seu ministério.

Ele escreveu a respeito de ter motivo para visitar Newton:

Sob circunstâncias desanimadoras... seu discurso me confortou e me edificou tanto, que meu coração, sendo por instrumentalidade dele, liberto do fardo que carregava, se tornou suscetível de afeição por ele. A partir desse tempo, senti-me interiormente satisfeito em tê-lo como meu amigo... Mas eu não tinha, mesmo nesse tempo, nenhum pensamento de aprender verdade doutrinária da parte dele e me envergonhava de me deter em sua companhia.

Mas as sementes do evangelho começaram a criar raízes no coração de Scott, e em algum momento do ano seguinte ao primeiro encontro deles, Scott, o pároco, se tornou Scott, o cristão. Newton ficou perplexo.

Ouvindo-o pregar nos primeiros meses do ministério evangélico de Scott, Newton exclamou:

Meu coração se regozijou e se maravilhou. Ó meu Senhor, que mestre tu és! Quão clara e solidamente ele está estabelecido no conhecimento e na experiência do teu evangelho, contra o qual ele antes contendia em cada ponto! Louvo-te por ele... Agora ele parece iluminado nas partes mais importantes do evangelho, e creio que ele será um instrumento útil em tuas mãos.

Esta crença de Newton estava bem fundamentada. Thomas Scott, ministro convertido, se tornou uma das luzes que brilharam no Despertamento Evangélico do século XVIII. Ele

colocou seu intelecto prodigioso em atividade, escrevendo o mais aclamado comentário bíblico de todo o tempo. Ele se tornou o cofundador de obras missionárias e de distribuição da Bíblia que florescem até aos nossos dias. E Scott se tornou o pastor da igreja mais influente de Londres na segunda metade do século.

Foi durante esse tempo na Capela Lock que Newton enviou um homem jovem e espiritualmente confuso para ouvir Scott. O homem não era diferente de Scott — brilhante, ambicioso, mas espiritualmente confuso. Newton estava disciplinando-o, mas sabia que ele precisava colocar-se sob o ministério de um pregador verdadeiramente dotado. E foi ouvindo a pregação semanal de Scott que o jovem William Wilberforce se estabeleceu na fé que, por fim, o levou a enfrentar o mal da escravidão.

[1] A história de Thomas Scott é adaptada de Jonathan Aitken, *John Newton: From Disgrace to Amazing Grace* (Wheaton, IL: Crossway, 2007), e de *Letters of John Newton* (Carlisle, PA: Banner of Truth, 2007).

2



Chamados para o Salvador

Chamadas telefônicas sempre tiveram um estranho poder de abalar a quietude e dar energia aos nossos filhos mais novos. Ou dormindo, ou brincando em outro cômodo, ou ouvindo música com o volume de som em “rock concert”, um simples toque de telefone os catalisaria a ação e os lançaria em direção à fonte. Colisões eram comuns, embora nenhuma visita à sala de emergência resultasse delas. Por quê? Mentes mais sofisticadas podem não entender isso, mas para os nossos filhos, desvendar o mistério de quem estava telefonando era tão cheio de suspense quanto um filme de Hitchcock. Quem sabe que divertimento poderia ser desencadeado, que viagem poderia resultar, que intrigas poderiam advir? Podia ser um Gandalf recrutando-os para uma nova aventura, ou piratas que precisam de marinheiros, ou talvez até o presidente procurando testar algumas ideias com o grupo de infantes. Aquela chamada poderia alterar toda a noite deles — talvez todo o destino.

Ou talvez apenas precisássemos sair mais.

Em qualquer caso, meus filhos detectaram algo importante: chamadas vêm de pessoas que chamam. Um toque de telefone é uma prova positiva de que alguém de fora voltou sua atenção para nós. Meus filhos sábios e discernentes compreenderam bem cedo que não poderiam fazer surgir uma chamada telefônica. Nenhuma quantidade de concentração ou pensamento de desejo pode induzir um telefone a chamar. A iniciativa daquele que chama é tudo.

A iniciativa daquele que chama é tudo.

Por essa razão, é desastroso que todo este assunto de chamada comece, muito frequentemente, no lugar errado, na pergunta errada.

Irmão, deixe-me fazer-lhe uma pergunta. Você acha que eu sou chamado?

Esta é uma pergunta muito importante, uma pergunta temível e misteriosa. As Escrituras diriam também que esta é uma pergunta solene. De minha própria experiência, posso dizer que esta é uma pergunta seriamente estimulante. Mas também quero afirmar que ela não é a pergunta mais importante. Homens que fazem esta pergunta estão, com frequência, pensando seriamente em seus currículos, reconhecendo que o essencial é sua educação, caráter, competência ou experiência. Tudo começa com o que eles são e o que estão destinados a fazer. Mas essa maneira de lidar com o assunto parece não se harmonizar com as Escrituras.

Ora, não quero ser chato, mas aprendi algo. Há outro lugar, muito mais importante, onde devemos começar: Deus. A chamada ao ministério diz respeito ao caráter e à atividade de Deus, à sua misericórdia e amor e, em última análise, à sua provisão para aqueles pelos quais Cristo morreu. Se a iniciativa daquele que chama é tudo, então, temos de nos preocupar com o Chamador Supremo!^[1] Isto é simples — e profundo!

Deus na base de toda a chamada

O pastor e teólogo Sinclair Ferguson ressaltou que “no Novo Testamento uma das mais frequentes descrições do crente, em um única palavra, é ‘chamado’”.^[2] E essa descrição nos faz perguntar: o que devemos fazer com isso?

Parece que temos apenas duas opções. Podemos pensar que isso nos torna muito importantes: Deus *me* chamou! Ou podemos entender que isso torna Deus muito importante: *Deus* me chamou!

Quem realmente está no centro da chamada do Chamador?

Conheço um homem que conhece *pessoas*, se você sabe o que quero dizer. Este homem me contou sobre uma viagem que fez e durante a qual contraiu uma gripe. Muito doente até para sair da cama, passou três dias trancado num quarto de hotel. No meio da segunda noite, seu telefone tocou. Eu o teria ignorado, mas ele o atendeu. Ouça isto: o presidente dos Estados Unidos estava na linha. Meu amigo (já decidi que todo aquele que eu conheço e que conhece também o líder do

mundo livre é automaticamente meu amigo) havia feito um trabalho para o presidente. De algum modo, o presidente soube que ele estava doente e o chamou para indagar sobre a sua saúde. Meu amigo me contou que pulou da cama e ficou de pé, com atenção, para continuar a conversa.

Quando este homem relatou a história para mim, ficou evidente que aquela chamada foi um dos momentos mais importantes de sua vida — e não por causa dele mesmo. Foi por causa daquele que o chamou.

De uma maneira infinitamente mais profunda, nossa chamada ao ministério, assim como nossa chamada à salvação, em última análise fala pouco sobre nós e muito sobre o Chamador.

Se devemos entender verdadeiramente a importância da chamada ao ministério, precisamos compreender que o ímpeto para ela se origina em um Deus sábio, amoroso e soberano. E, antes de Deus nos chamar para o ministério, ele nos chama para si mesmo.

Antes de Deus nos chamar para o ministério, ele nos chama para si mesmo.

Este Chamador “nos chamou com santa vocação” (2 Tm 1.9). Nosso autoentendimento como crentes está entretecido fundamentalmente na maravilha desta verdade repetida frequentemente:

Fiel é Deus, pelo qual fostes *chamados* à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor (1 Co 1.9).

E aos que predestinou, a esses também *chamou*; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou (Rm 8.30).

Entretanto, devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade, para o que também vos *chamou* mediante o nosso evangelho, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo (2 Ts 2.13-14).

Como você pode perceber, a chamada referida nestes versículos não é uma chamada para o ministério vocacional, e sim algo muito mais profundo e fundamental — aquilo a que os teólogos se referem como chamada eficaz (ou eficiente). Wayne Grudem define-a como “uma ato de Deus, o Pai, falando por meio da proclamação humana do evangelho, em que ele chama pessoas a si mesmo, de tal maneira que elas atendem com fé salvadora”.^[3] Esta chamada é *da parte de Deus* (Ef 1.3-6; 4.4-6) e nos chama *para Deus* (Rm 1.6-7). Em outras palavras, a chamada para a nossa salvação precede e fundamenta todas as outras chamadas.

Esta foi a verdade que Thomas Scott, o amigo de John Newton, compreendeu finalmente. Ele havia aceitado uma chamada para o ministério, mas não tinha qualquer confiança em uma chamada de Deus. Newton estava certo em persistir nisto. Estava disposto a ser ridicularizado porque sabia que um homem que exerce liderança sobre o povo de Deus que não conhece a Deus é como o *Titanic* lançado ao mar — uma tragédia em desenvolvimento.

Se entendemos corretamente o evangelho, percebemos várias coisas importantes sobre esta chamada para a salvação:

O Chamador está procurando seus inimigos — aqueles que nunca quisessem ouvir a sua voz (Rm 5.10; Cl 1.21). Ele não está procurando seus amigos ou companheiros neste mundo, porque não há nenhum.

O Chamador visitou pessoalmente a terra. A chamada do evangelho veio não como uma voz audível ou uma visão angelical, mas em uma visita pessoal, a encarnação do Senhor Jesus Cristo. “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1.14).

Por meio da cruz, o Chamador restaurou as linhas de comunicação e comunhão que haviam sido rompidas pelo pecado. Não descobrimos a chamada de Deus por nos moldarmos ao seu exemplo ou por imitarmos os seus ensinamentos. Em última análise, Jesus veio para dar sua vida, na cruz, em resgate por nós. Por meio de seu sangue expiatório, nossa conexão com o Chamador é finalmente estabelecida. Por meio dessa conexão, nosso coração é tornado novo, nossos olhos e ouvidos são abertos, e podemos ouvir e atender as chamadas incessantes de Deus.

O evangelho é o instrumento de nossa chamada. O evangelho — as boas novas de Jesus Cristo — é o instrumento pelo qual Deus nos transmite a sua chamada e nos traz à nova vida e à união com Cristo, pela graça (Ef 2.5). É uma chamada para *sair de* alguma coisa: a escravidão e a cegueira do pecado. É, também, uma chamada para *entrar em* alguma coisa: a comunhão renovada com o Deus que nos criou. Quando chegamos ao âmago do assunto, entendemos que Aquele que chama fez tudo.

Charles Spurgeon descobriu esta chamada anterior de uma maneira memorável, uma noite, quando ele estava “sentado na casa de Deus”:

O pensamento me impressionou: *como você chegou a ser um cristão?* Eu busquei o Senhor. *Mas como você chegou a buscar o Senhor?* A verdade brilhou em minha mente por um momento — eu não o teria buscado se não tivesse havido alguma influência anterior em minha mente, para fazer-me buscá-lo. *Eu orei*, eu pensei, mas perguntei a mim mesmo: *como você chegou a orar?* Fui induzido a orar por ler as Escrituras. *Como cheguei a ler as Escrituras?* Eu as li realmente, mas o que me levou a fazer isso? Então, num momento, percebi que Deus estava na base de tudo e que ele era o Autor da minha fé. Assim, toda a doutrina da graça se abriu para mim, e não me apartei desta doutrina até hoje. E desejo fazer disto a minha confissão constante: *atribuo minha mudança totalmente a Deus.*^[4]

O que Spurgeon assimilou e sustentou nos anos seguintes de um ministério frutífero foi que, antes de fazermos, Deus fez. Em todas as coisas, Deus está “na base de tudo!”

Compreendendo o evangelho

“Bem”, talvez você esteja dizendo, “eu compreendi isso, Dave. Minha soteriologia está estabelecida. Mas estou procurando ir além disso — quero uma função em que possa ajudar os outros a entender o que já entendi”.

Mas essa é a armadilha. Nós compreendemos o evangelho e, depois, nos dedicamos mais à chamada especial do ministério. Paramos de ler livros sobre a expiação e começamos a ler livros sobre liderança.

Queremos ser relevantes; por isso, estudamos a cultura mais do que a cruz. Não há critérios de crescimento que não possamos citar, novos modelos de igreja que não conheçamos, tendências de liderança que não estejamos acompanhando.

Aqui está a ironia: aqueles que são chamados a pregar o evangelho podem ser os mais suscetíveis a afastarem-se do evangelho. Por essa razão, é vital que um homem que está ponderando numa chamada para o ministério tenha uma compreensão firme e inabalável do evangelho. As palavras de Edmund Clowney sobre este assunto são tão relevantes para o plantador de igreja quanto o são para o pastor que celebra bodas de prata no ministério:

Não há chamada para o ministério que não seja primeiramente uma chamada para Cristo. Não ouse levantar sua mão para colocar o nome de Deus na invocação de bênção sobre pessoas, se você mesmo ainda não as ergueu em oração penitente em clamor pela graça salvadora. Até que você tenha feito isso, a questão com que você se depara não é realmente uma chamada para o ministério. É a sua chamada para Cristo.^[5]

Considerar uma chamada para o ministério pode ser como abrir uma vereda numa floresta coberta de perguntas.

A questão de sua chamada não é meramente subsequente à chamada para Cristo; está essencialmente ligada a ela. De fato, é somente porque a nossa chamada primária é garantida por meio do evangelho, mediante a cruz, que podemos nos regozijar em explorar a chamada para o ministério.

Obter uma compreensão firme e inalterável do evangelho ilumina a sua mente para que você pondere mais proveitosamente na sua chamada. Considerar uma chamada para o ministério pode ser como abrir uma vereda numa floresta coberta de perguntas — perguntas importantes e difíceis como: *Quem sou eu? O que aconteceria se eu me arruinasse como pastor? Eu tenho o que isto exige? Quais deveriam ser as minhas prioridades?* O evangelho responde as perguntas e garante que pensemos corretamente a respeito de nós mesmos e de nosso ministé-

rio. Desperta fé, nutre esperança e nos ajuda a ouvir com clareza o Chamador. Vamos olhar algumas das respostas que o evangelho oferece para essas perguntas importantes e difíceis e por que elas são importantes.

O evangelho define a minha identidade

Imagine ser chamado ao ministério pelo próprio Senhor Jesus — em pessoa. Aconteceu assim com Paulo. Ele estava marchando para Damasco como um matador profissional que tinha os cristãos em sua mira, quando Cristo apareceu com as notícias de uma mudança de carreira. Paulo deveria se tornar “um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel” (At 9.15). Uma chamada para um ministério global vinda do Cristo ressurreto tenderia a se tornar um formador de identidade, você não acha? Afinal de contas, uma chamada sobrenatural é uma brilhante estratégia de identificação.

Não há dúvida de que a chamada de Paulo foi singular e essencial para seu ministério. Mas o que o definiu fundamentalmente não foi aquilo que ele foi chamado a realizar, nem sua educação e posição social, nem sua carreira ou seu contexto cultural. Conhecer a Cristo como Senhor superou tudo: “Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor” (Fp 3.8).

Ser escolhido para o ministério é algo sublime. Ser escolhido para a filiação é ainda mais sublime. Que sou eu? Sou um com Cristo, não importando o que aconteça com qualquer senso específico de chamada que eu tenha. Minha união com ele é a coisa mais importante e mais significativa a meu respeito. Manter isto como nossa fonte de identidade é essencial.

Não acredita em mim? Então, converse com um homem que acabou de sair do ministério. Talvez uma igreja não possa sustentá-lo. Talvez sua saúde seja um problema. Ou talvez ele esteja sob disciplina. Não importa. Um homem descobre onde está verdadeiramente a sua identidade quando ele não pode mais realizar o ministério que se

sentiu chamado a realizar. Como costumamos dizer à nossa equipe de pastores, vivemos com a carta de renúncia em nossa mesa. Se durante um tempo de transição, eu tiver de ser forçado a abrir mão de meu ministério, algo saiu colossalmente errado. Essa é a razão por que eu preciso preservar a minha compreensão do evangelho. Ele que dá a minha identidade.

O evangelho é adequado — eu não

Há um homem sobre o qual eu gostaria de falar agora. Ele pensa que Deus pode o estar chamando para ser um pastor, mas está apavorado a respeito disso. Ele se pergunta se é capaz de cumprir sua chamada satisfatoriamente. Talvez esteja ganhando um bom salário e não queira assumir o impacto financeiro. Ou ele tem visto líderes se estatelarem e se queimarem em fracasso moral. Independentemente da razão, ele está procurando um lugar para se esconder — como se Deus visse a sua relutância e se dirigisse para a próxima vítima — ou candidato — inocente.

Posso compreender. Durante aqueles anos quando eu lutava com questões a respeito de ser chamado para o ministério, eu era o chefe de segurança de uma grande loja de departamentos. Uma vez eu tive de lutar com um sujeito e derrubá-lo no chão porque ele estava furtando roupas da loja. Não era o meu momento pastoral. Ele sangrou, os policiais vieram, e os relatos foram tomados.

Alguns dias depois, tive a grande impressão de que não fora chamado para o ministério pastoral porque era um homem de derramamento de sangue. Isso talvez pareça insensato para você, mas, quando você é um guarda de segurança sensível que está esperando se tornar um pastor, pensamentos estranhos podem lhe falar com voz bem alta. Felizmente, um pastor entrou em contato comigo e me corrigiu. Ele disse: “Dave, você é um idiota”. Bons pastores sabem exatamente o que dizer, e isso era o que precisava. Mas eu nunca me esquecerei de que me senti desqualificado, indigno e muito impuro para o que Paulo chamou de “excelente obra” (1 Tm 3.1).

Eu nunca me esquecerei de que me senti desqualificado, indigno e muito impuro para o que Paulo chamou de “excelente obra”.

Talvez você esteja pensando assim. Então, amigo, eis o que o evangelho diz: não somos perfeitos — nem mesmo capazes — mas Deus tem prazer em usar a incapacidade humana como um painel terreno para exibir a sua glória. Vemos isso em nossa salvação, na qual Deus supriu tudo, exceto o pecado do qual fomos salvos. “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8-9). Quando temos uma compreensão firme do evangelho, a graça remove os nossos olhos de nossos temores e fraquezas e os coloca em Deus. Somos realmente capazes de ouvir a chamada pastoral por causa do evangelho.

Mas não para aí. O tremor ministerial existe porque você espera um mau resultado — você tem medo de que fará algo errado ou falhará de algum modo espetacular por causa de sua inadequação. É verdade que você é indigno, incapaz, cheio de potenciais fracassos. Mas eis a boa notícia: reconhecer estas limitações é o que o torna um vaso apropriado e o introduz no caminho do serviço frutífero. Deus planejou o ministério do evangelho de uma maneira que nos diminui e o exalta. “Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar as sábias e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes... a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus” (1 Co 1.27, 29).

Não trate os seus temores e fraquezas como se fossem um fenômeno estranho, desconhecido antes nos anais da história do cristianismo. Deus dispõe o ministério de um modo que ele flui a partir de nossa fraqueza. Deus designa os menores para terem, provavelmente, o maior impacto. Talvez a sua apreensão seja apenas um sinal de que está entendendo bem as coisas.

O evangelho estabelece as minhas prioridades

O seu senso de chamada gira em torno de suas capacidades, visão

ou desempenho? A chamada do evangelho fala infinitamente mais sobre a glória e a graça de Deus do que sobre essas coisas. Quando um homem é chamado por Deus para o ministério, ele age bem ao lembrar que tanto a sua salvação quanto o seu serviço vêm de Deus e têm como alvo fazer-nos voltar para Deus. Como Os Guinness nos lembra: “Antes e cima de tudo, somos chamados para Alguém (Deus), não para algo (como maternidade, política ou ensino), ou para algum lugar (como o centro da cidade ou a remota Mongólia)”.^[6]

Nossa salvação não é um arranjo contratual em que formamos uma parceria para realizarmos certos objetivos. A chamada de Deus cumpre seus desígnios e intenções — especificamente, unir-nos em um relacionamento de amor com Ele mesmo por meio de seu Filho, um relacionamento em que estamos crescendo em intimidade com, em conhecimento de e em conformação com Jesus. Isto sempre será, dia após dia, a nossa primeira e mais importante chamada. É este relacionamento com Deus — e não com nosso intelecto, competência e nossos dons — que nos posicionará melhor para servirmos ao povo de Deus com mais eficiência. A obra reconciliadora de Deus nos faz receber a Deus e a sua Palavra e, depois, a suprir os outros com o que lemos, ouvimos e experimentamos. Todas as outras chamadas se sujeitam a esta chamada.

Certa vez, após o culto numa igreja em que preguei, fui procurado por alguém que estava considerando tornar-se membro da igreja. O jovem me perguntou: “O que você pode me dizer sobre a sua vida devocional?” Meu primeiro pensamento — *bem, com base em sua pergunta, a minha vida devocional não contribuiu para a minha pregação* — permaneceu sabiamente abafado, enquanto eu elogiava a sua pergunta. De algum modo, este ouvinte discernente chegara a perceber algo que muitos crentes nunca captam: poucas coisas podiam resumir meu relacionamento com Deus mais vividamente do que uma breve descrição de minha vida devocional. E para este rapaz o meu relacionamento ativo e fervoroso com Deus era importante.

Muitos homens veem o ministério pastoral como uma mistura feliz de estudo e doce comunhão com Deus. É como se você pudesse achar tempo entre as reuniões, aconselhamento, telefonemas, adminis-

tração, visitas hospitalares... uma lista aparentemente interminável. Há razão por que integramos uma “vida devocional consistente” a toda descrição de ministério pastoral em nossa igreja e a seguimos em nossos grupos de comunhão. Morrer para si mesmo e viver como se necessitasse realmente de Deus é tão difícil para um pastor como o é para um político, um programador de computadores ou um delegado de polícia. Mas os pastores mantêm a Deus no centro em público, à medida que o seguem apaixonadamente em particular.

O evangelho é o que realmente importa

Li recentemente uma história em um jornal. Parece que um irmão e uma irmã estavam limpando, em Londres, a casa dos pais quando acharam um vaso muito antigo. Ficaram admirados da estranha relíquia. Colocaram-no de lado e, por fim, o levaram a uma casa de leilões para vendê-lo. Ali descobriram que ele valia dois milhões de dólares.

Mas ouça isto. No leilão, lances ousados levaram o preço até 69,5 milhões de dólares. A relíquia dos irmãos era um vaso da dinastia Qing, do século XVIII. Não sei o que isso significa, mas sempre parece que algo com “dinastia” associada ao seu nome se torna imediatamente muito caro. O comentário da representante da casa de leilões cativou realmente a minha atenção. Ela disse que os irmãos não “tinham nem ideia” do que haviam encontrado, e, quando o lance final se oficializou, eles “tiveram de sair da sala para tomar um pouco de ar”.^[7]

Os cristãos são assim. Descobrimos algo valioso no evangelho — precioso para salvar-nos — mas não reconhecemos seu verdadeiro valor. Como aqueles irmãos, possuímos algo valioso, mas não o percebemos. O que foi dito a respeito deles poderia ser dito a respeito de muitos crentes — não temos nem ideia do que possuímos.

Deus levanta líderes para garantir que o evangelho seja pregado, aplicado e valorizado na vida diária da igreja. O propósito do ministério procede de e gira em torno do precioso *evangelion*, o evangelho. Remova o evangelho, e o ministério bíblico autêntico desaparece.

Pense nisto desta maneira: se o evangelho e a obra salvadora de Jesus Cristo não existissem, haveria necessidade de pastores? Aparen-

temente sim, se você andasse pelas ruas de qualquer cidade nos Estados Unidos e visse a quantidade de igrejas e outros prédios religiosos cheios de coisas que não têm nada a ver com Jesus Cristo. Ou visitasse informalmente aulas religiosas em faculdades filiadas a denominações, você poderia formular um bom argumento de que, se jogamos fora o evangelho, os pastores têm ainda bastante trabalho a realizar.

Remova o evangelho, e o ministério bíblico autêntico desaparece.

Cavalheiros, a verdade é que, se não temos um evangelho, não temos um trabalho — pelo menos como Deus o vê (1 Co 2.2). Nós existimos porque o povo de Deus precisa de homens para reuni-los em famílias locais e pregar-lhes a Palavra de Deus, com fé e poder. Certamente, eles precisam falar sobre seus problemas, ter pessoas que oficiem seus casamentos e funerais e participem de atividades familiares saudáveis. Mas tudo isso poderia acontecer sem pastores. Homens são chamados como plantadores de igrejas, como pastores, para celebrarem a dignidade de Jesus Cristo — para garantir que nunca seja dito de sua congregação em relação ao evangelho: “Eles não têm ideia do que possuem”.

Irmão, se você ama a ideia do ministério pastoral porque pensa que é qualificado para ajudar as pessoas em seus problemas, ou porque pode meditar em teologia, ou porque gosta da ideia de pessoas vindo toda semana para ouvir as coisas novas que você tem a dizer, então, preste um serviço à igreja por abandonar o pastorado. O ministério pastoral existe para a proclamação e a proteção do evangelho para pessoas que estão dentro e pessoas que estão fora da igreja. Precisamos valorizar o evangelho e saber realmente o que temos, a fim de que possamos compartilhá-lo com outros.

John Bunyan esteve na cadeia por doze anos, em vez de permitir que a pregação do evangelho fosse censurada. Seu pensamento era: *por que ser um pastor livre se não posso pregar o evangelho?* Para Bunyan, era claro: remover o evangelho torna irrelevante o ministério pastoral.

O evangelho é o suficiente?

Você está se perguntando quando sairá do banco e entrará no grande jogo? Compreende que as obras do ministério (amar a Deus e aos outros, testemunhar, servir na igreja local, discipulado, etc.) são, todas, expressões da obra da cruz em nossa vida e não uma chamada específica para o ministério?

Se você é crente, já tem um ministério de tempo integral: dar fruto como discípulo de Jesus Cristo (Jo 15.1-16). No restante deste livro, quero fomentar uma paixão pelo ministério pastoral. Mas, se você já ouviu a chamada para pastorear o povo de Deus, já ouviu o evangelho — a coisa mais importante que lhe foi e lhe será dita. E você o ouviu do próprio Chamador.

Isso é o bastante para você?

Para estudo adicional

A Cruz de Cristo, John R. W. Stott

Pierced for Our Transgressions, Steve Jeffery, Michael Ovey e

Andres Sach

Seeing and Savoring Jesus Christ, John Piper

[1] Devo este conceito de Chamador a Os Guinness, que fez uma referência breve a Deus como “Chamador” em seu livro *The Call: Finding and Fulfilling the Central Purpose of Your Life* (Nashville, TN: Word, 1998), 93.

[2] Sinclair Ferguson, *The Christian Life: A Doctrinal Introduction* (Edinburgh, Scotland: Banner of Truth, 1997), 33.

[3] Wayne Grudem, *Bible Doctrine: Essential Teachings of the Christian Faith* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1999), 296.

[4] Charles H. Spurgeon, citado em John Piper, *The Pleasures of God: Meditations on God's Delight in Being God* (Portland, OR: Multnomah, 1991), 125–26.

[5] Edmund P. Clowney, *Called to the Ministry* (Phillipsburg, NJ: P&R, 1964), 5.

[6] Guinness, *The Call*, 31.

[7] “What’s an old vase worth?”, *The Week*, November 18, 2010. Acessado em 22 de abril de 2011, <http://theweek.com/article/index/209511/a-homeless-man-CHARMS-oprah-and-more>.

Uma História de Chamada

Charles Simeon: Chamado para a Igreja^[1]

O que você faria se alguém lhe desse uma igreja, mas não o deixasse entrar? Esta foi a situação difícil que Charles Simeon enfrentou. Era o seu primeiro pastorado. Aos 20 anos, ele se convertera a Cristo em um domingo de Páscoa. Aos 23 anos, ele foi designado pároco da Igreja da Santa Trindade, em Cambridge.

Isto não era apenas um trabalho, era a realização de um sonho. “Eu sempre dizia a mim mesmo, ao passar pela Igreja da Trindade, que fica no centro de Cambridge: como eu me alegraria se Deus me desse esta igreja, para que eu pudesse pregar o evangelho aqui e fosse um arauto em favor dele na universidade.” Agora, ele estava instalado para pastorear a igreja mais proeminente no meio de uma universidade que educava os melhores e os mais brilhantes na Inglaterra.

No entanto, Simeon logo compreendeu que não estava recebendo o melhor tratamento da igreja. Uma facção razoável, que incluía muitos líderes importantes, tinha outro homem em mente para realizar o trabalho. No mundo anglicano de Simeon, a organização eclesiástica tinha o direito de instalar pastores e controlar os cultos de domingo. Mas os administradores da igreja local controlavam as instalações. Introduziu-se o impasse indesejável. Simeon não podia ser impedido de pregar no culto de domingo, mas os administradores podiam trancar os cômodos dos bancos, removendo eficientemente todo o espaço para as pessoas sentarem.

Os administradores mantinham o pastor fora do edifício pelo resto da semana. Assim, o ministério de Simeon consistia em pregar a tantas pessoas quantas pudesse acomodar nos corredores da igreja nos domingos de manhã e reunir-se com tantas pessoas quanto pudesse acomodar em seu pequeno apartamento durante a semana. Isto resume bem os pri-

meiros dez anos do pastorado de Simeon na Igreja da Santa Trindade.

O pastor Simeon estava entre a cruz e a espada. Foi designado para esta igreja pela denominação que o havia ordenado; e acreditava que fora chamado não apenas para uma igreja, mas para esta igreja e queria ser fiel. Mas também amava a igreja e não queria criar um confronto com a oposição, o que prejudicaria o rebanho. Isso não poderia acontecer. Por isso, Simeon escolheu servir aos interesses da igreja por humilhar-se a si mesmo.

Neste estado de coisas, não vi qualquer outra solução, exceto fé e paciência. A passagem da Escritura que subjugou e controlou a minha mente foi esta: “O servo do Senhor não viva a contender”. Foi realmente doloroso ver a igreja, exceto os corredores, quase abandonada, mas pensei que, se Deus concedesse uma bênção dobrada à congregação que vinha aos cultos, haveria no todo muito mais proveito do que se a congregação dobrasse em número e a bênção se limitasse apenas a metade. Isto me confortou muitas, muitas vezes, quando, sem essa reflexão, eu teria sucumbido ao meu fardo.^[2]

Simeon perseverou. Ele se recusou a exercer seus direitos como ministro, se esses direitos fossem motivo para dividir a igreja. Por quê?

Para entender a perseverança de Simeon, você tem de entender que ele era um homem da igreja. Simeon sabia que nenhum homem tinha o direito de moldar a igreja de Deus para satisfazer suas próprias necessidades. Mas ele viveu com um senso permanente de responsabilidade para com Deus por esta igreja. Embora Simeon pudesse ter ido para outro lugar, escolheu ficar e ser considerado um fracasso.

E ele ficou. Por toda a vida.

Com o passar do tempo, Deus mudou a igreja. Os corações de algumas pessoas foram amolecidos, a influência de outros diminuiu. Por fim, Simeon liderou a igreja e permaneceu lá por 54 anos. A Igreja da Santa Trindade o manteve

como seu pastor até ao dia em que ele morreu.

No santuário da igreja, há uma inscrição em sua honra:

À memória do
Rev. Charles Simeon, M. A.,
Membro sênior do Kings College
e vigário desta paróquia por 54 anos,
o qual decidiu, ou como a base de suas esperanças,
ou como o assunto de todas as suas ministrações,
nada saber, senão a Jesus Cristo e este crucificado.
1 CORÍNTIOS 2.2

[1] A história de Charles Simeon foi adaptada de Handley C. G. Moule, *Charles Simeon, Pastor of a Generation* (London: Methuen, 1892), e de John Piper, “Brothers, We Must Not Mind a Little Suffering” (mensagem pregada na Bethlehem Conference for Pastors, em 1989). Acesso em 2 de abril de 2011, <http://www.desiringgod.org/resource-library/biographies/brothers-we-must-not-mind-a-little-suffering>.

[2] Citado por Moule em Charles Simeon, 36.

3



O Contexto da Chamada

Imagine-se a si mesmo no lugar de Charles Simeon. É o seu primeiro compromisso de pastorado, e um dia há um aviso pregado na porta dizendo que seus serviços não são mais necessários. Homem, isso é uma igreja decidida. Falando por mim mesmo, em geral as pessoas precisam me ouvir pelo menos uma vez antes de dizerem isso. Mas Simeon não havia ido tão longe. Ele foi excluído, cortado e desligado. E, visto que não havia possibilidades de emprego paralelo, ele tinha poucas opções. O que um pastor recém-fabricado deveria fazer?

Hoje, temos opções. Alguém pode dizer: “Voltar a estudar”? Pegar um empréstimo, começar um PhD, armar uma tenda na biblioteca. Ou sempre há vendas — você sabe, faça um acordo sobre a taxa de comissão e viva uma vida de fé. Ou você poderia abrir um escritório de aconselhamento. Talvez começar seu próprio blog ou assumir o ímpe- to de empreendedor e dar início a um ministério. Mas quantos de nós considerariamos seriamente o caminho de Simeon? Quero dizer, por que se importar?

Charles Simeon entendeu algo que é ignorado muito facilmente em nossos dias: o Chamador conecta a chamada com a igreja. A princípio, isso talvez pareça tão óbvio quanto os avisos de “Perigo: Colina Íngreme”, no Grand Canyon. Mas para muitos homens a chamada não se cumpre exatamente em relação à igreja. Eles se veem pregando para a glória de Deus — você sabe, Bíblia aberta, braços estendidos, voz “espiritual” — e transformando a vida de pessoas por meio de ensino e conselho sábios. Mas não pensam muito a respeito de onde se espera que isso aconteça. Eles se sentem chamados para a coisa misteriosa que denominamos “ministério”, porém, de maneira estranha, não são chamados para a igreja.

No entanto, a Bíblia não fala sobre *o que fazemos* como o contexto de nossa chamada. Ela fala sobre *onde o fazemos*. Em 1 Pedro 5.2, os pastores são chamados a pastorear “o rebanho de Deus que há entre

vós”. Atos 20.28 exorta aos pastores: “Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus”. A igreja local é o contexto essencial para o ministério pastoral. Isto significa que, *se você é chamado para o ministério pastoral, é chamado para a igreja*.

Simeon não apertou o botão de ejeção e se lançou fora da igreja. Nós também não devemos fazê-lo. A igreja é o povo de Deus visível, seu corpo na terra. E a chamada ao ministério pastoral se refere à igreja.

Treinando: o “onde” é importante

Quando uma paixão pela igreja é acrescentada a uma fundamentação no evangelho, um entendimento apropriado da chamada para o ministério começa a se formar. Se você crê que é chamado para o ministério pastoral, tem de ver a chamada potencial *no contexto da igreja local*, onde o ministério é moldado e definido de acordo com as Escrituras.

Isto faz sentido. Mas pense nisto por um momento. Você pode estar em uma igreja agora mesmo, mas está considerando pegar a estrada para obter treinamento em algum outro lugar — seminário, faculdade teológica, ministério paraeclesial. Coisas engraçadas sobre nós, evangélicos: pegamos homens que estão *na* igreja e os mandamos *para fora* da igreja, para enviá-los *de volta* à igreja, a fim de realizarem o ministério *em benefício* da igreja. Alguém mais está confuso?

Suponha que você tenha um amigo cujo maior sonho era fazer rosquinhas açucaradas. Ele não podia imaginar uma vida em que não estivesse coberto de trigo e açúcar, contribuindo para o bem da pequena confeitaria em que crescera. Um sonho brota em seu coração — ele quer fazer rosquinhas para ajudar aquelas pessoas pelo resto da vida. Então, o que fazemos com este homem?

Se seguimos o modelo comum para treinamento de pastores, nós lhe falamos que ele tem de deixar a confeitaria e ir para uma escola de culinária — estudar a história de como fazer rosquinhas, analisar as complexidades das receitas, ser capaz de argumentar convincente-

mente sobre os méritos da rosquinha tradicional em comparação com as variedades de rosquinhas modernas e livres de gordura. Você entende a ideia. Este homem se torna um “profissional”. Mas esse caminho o leva para longe da confeitaria em que sempre sonhara realizar a sua visão.

De algum modo, chegamos a uma situação em que a abordagem mais comumente aceita para o treinamento de pastores é retirar homens dotados da igreja local e educá-los fora dela. Não me entendam errado — não estou criticando os seminários. Fui para um grande seminário enquanto servia à minha igreja local. Isso me deu uma profunda apreciação pelo papel importante que as instituições educacionais cristãs desempenham para ajudar a igreja a proteger a sã doutrina e treinar mestres e eruditos para o avanço do evangelho.

No entanto, há outros aspectos importantes no treinamento de homens para o ministério, áreas em que a escola bíblica ou o seminário pode frequentemente se deparar com limitações. Estou pensando especificamente em identificar homens chamados, avaliar sua chamada, averiguar seu caráter e posicioná-los para serem frutíferos em sua chamada. Essa é a responsabilidade da igreja local.

Recentemente, participei de uma discussão em mesa redonda, com os líderes de um seminário, a respeito dos muitos pastores que deixam o ministério, quer por desânimo, quer por desqualificação. Estes líderes estavam engajados em um prudente autoexame institucional quanto à sua eficácia em preparar homens para as longas provas do ministério. Eu estava lá primariamente como um aprendiz. Por fim, a discussão se centralizou no fato de que neste seminário, como em muitos outros, o processo de admissão não atentava à chamada ou ao caráter dos interessados em estudar ali. Estes líderes tiveram minha simpatia. Sua instituição estava treinando homens que tinham se comprometido a estudar para o ministério pastoral, mas sem uma avaliação saudável de sua chamada. Esta é uma limitação institucional; é também a razão por que a igreja local deve permanecer pronta para o avaliar a chamada e o caráter.

Identificar homens chamados... é a responsabilidade da igreja local.

Eis outra limitação dos seminários: se não somos cuidadosos, tratamos o ministério como um conjunto de habilidades que podem ser memorizadas, investigadas, submetidas a testes e receber notas — tudo em isolamento das pessoas que queremos servir. Considere a medicina, por exemplo. Alegro-me de que meu médico estudou na faculdade de medicina. Alegro-me de que, antes de trabalhar em pessoas vivas, ele cortava pessoas mortas. Alegro-me de que ele foi treinado para saber a diferença entre um tumor benigno e um maligno e pode falar sobre coisas que eu talvez nunca poderia entender. Alegro-me realmente de que um dia ele não apenas disse: “Vou aprender medicina” e, depois, começou imediatamente a fazer cirurgias de apendicite em meus amigos.

No entanto, o ministério pastoral não é como a medicina. A cirurgia da alma não pode ser praticada em mortos. E todo o nosso conhecimento não serve muito se não podemos torná-lo descritível para outros. Uma capacidade de analisar o grego é louvável, mas é pouco útil se um pastor não pode aplicar o evangelho à vida de alguém. Não é surpreendente que um relatório sobre transição pastoral ofereça esta observação solene:

Estudos indicam que um pastor não alcança eficácia significativa até que chegue entre cinco a sete anos de pastorado. Alguns observadores sugerem dez anos. Quando consideramos que o pastorado médio dura de três a sete anos, vemos que temos um problema. A pergunta é: qual é o problema?^[1]

Adivinhe. Eu mesmo tenho uma opinião sobre isso (uma opinião compartilhada por muitos, incluindo certo número de líderes em escolas e seminários bíblicos). Proponho que o problema surge quando um homem entra no ministério sem qualquer treinamento anterior numa igreja local. Ele não teve nenhuma experiência em cirurgia da alma.

O ministério pastoral é ministério entre o povo de Deus. Então, por que nós pensamos que podemos treinar melhor um homem por removê-lo do próprio povo entre o qual se espera que ele sirva? Se você está se perguntando se é chamado ao ministério, pense cuidadosamente sobre onde praticará o cuidar de almas.

Se você é chamado para ser um pastor, é chamado para amar a igreja

Aqui está mais uma coisa a ser lembrada se você está refletindo sobre a sua chamada e preenchendo formulários de matrícula. Os seminários nunca serão capazes de transmitir amor pela igreja local em futuros pastores, se não trabalharem em parceria com igrejas locais. Felizmente, muitos seminários fazem disso o seu alvo. Mas eles devem ser os primeiros a admitir que este é um alvo difícil de atingir. O pastor Brian Croft, de Kentucky, observa:

É muito triste e bastante frequente um jovem passar anos em um seminário e ficar isolado de qualquer envolvimento com uma igreja local. Depois, ele se forma e, de algum modo, pensa que um amor pela igreja local virá, de maneira mágica, junto com o salário que ele aceita de seu primeiro pastorado. Entretanto, um amor pela igreja local é demonstrado por um compromisso com ela, reconhecendo que ela é o meio primário pelo qual Deus está edificando seu reino e cumprindo seus propósitos no mundo.^[2]

Em sua obra *O Pastor Aprovado*, uma exposição clássica de Atos 20.28, o teólogo puritano Richard Baxter diz que, sem “o espírito público apropriado em relação à igreja” nenhum homem está preparado para ser um ministro de Cristo. Baxter descreve esse espírito nestas palavras:

Ele precisa deleitar-se em sua beleza, anelar por sua felicidade, buscar o seu bem e se regozijar em seu bem-estar. Ele deve estar disposto a gastar-se e ser gasto em benefício da igreja.^[3]

Essa é uma ideia bastante radical e não ocorreu naturalmente a Richard Baxter, como não ocorrerá a você e a mim. Ele obteve este deleite ao vê-lo no apóstolo Paulo, que disse à igreja de Corinto: “Eu de boa vontade me gastarei e ainda me deixarei gastar em prol da vossa alma” (2 Co 12.15).

Que lugar a igreja local ocupa em meu senso de chamada? Como

você a vê em relação ao seu futuro ministério? Como essencial? Opcional? Irrelevante? A igreja local é para você mais do que um lugar para o qual enviará seu currículo? O que o seu envolvimento presente com a igreja local diz a respeito de suas prioridades bíblicas? Aos seus olhos, a igreja local é o lugar onde você quer se gastar e se deixar gastar?

Encaremos a realidade. Se você é chamado ao ministério pastoral, é chamado para a igreja local. É ali que deixamos de ser amantes de rosquinhas e nos tornamos fazedores de rosquinhas. A loja de rosquinhas está em seus planos?

Como amar a igreja?

Muito bem, Dave, ouvi o que você está dizendo. Entendi. A igreja local equivale a prioridade. Mas como faço isso? Eu preciso ter um treinamento em algum lugar, certo?

Permita-me oferecer dois passos com os quais podemos começar. E introduzirei algumas observações sobre a razão por que penso que a chamada pastoral está frequentemente separada do contexto da igreja local — enquanto lhe apresento algumas maneiras concretas para combater essa tendência.

Seja ambicioso

Pense nisso. Se você quer plantar uma igreja ou se tornar um pastor, tem de aspirar pela chamada. Mas aspirar por esse tipo de coisa torna-se incômodo, sem mencionar o fato de que também é facilmente mal compreendido pelos outros. Por quê? Parece que os cristãos têm um relacionamento estranho com a ambição. Não sabemos realmente o que fazer com ela. Mas eis o que precisamos entender. Quando Paulo quis dar início à conversa sobre como identificar um homem chamado ao presbiterato, a primeira evidência que ele ofereceu está baseada em ambição: “Fiel é a palavra: se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja” (1 Tm 3.1).

Um homem verdadeiramente chamado para o ministério pastoral pulsará com uma aspiração legítima, ordenada por Deus. De fato,

Paulo indica que ele tornará, de algum modo, essa aspiração conhecida. Como Timóteo saberia a respeito do desejo de um homem, se este não lhe dissesse algo sobre o desejo?

Deus não quer que a igreja seja tão cuidadosa quanto à possibilidade de ambição egoísta, que negligenciemos a ambição santa. Há muito a dizer sobre este assunto. Se você está interessado, escrevi um livro sobre o assunto — *Resgatando a Ambição*. Mas, se você já determinou que este é o último livro de Dave Harvey que você lerá, ouça isto: um homem que é ambicioso pelo ministério pastoral ou tem sido trabalhado seriamente por Deus ou está prestes a ser trabalhado seriamente por Deus. Se esse homem é você, prepare-se para uma graça séria (e, às vezes, perigosa).

Um homem verdadeiramente chamado para o ministério pastoral pulsará com uma aspiração legítima, ordenada por Deus.

E, se pudesse falar algo aos pastores, eu diria: em 1 Timóteo, é evidente que Paulo esperava que Timóteo procurasse homens que aspiravam pelo ministério — e não os rejeitasse porque eram uma ameaça ao seu ministério. Paulo estava preparando o caminho para a chamada deles, a ambição deles. Acredite em mim: Deus tem uma maneira de corrigir a ambição egoísta e insensata quando ela aparece em homens chamados. Portanto, quando você vê um homem que aspira pelo ministério pastoral, não o rejeite. Sussurre uma oração em favor dele. Pode haver uma mão invisível se movendo em favor dele. E o mais importante é que você pode estar vendo um sinal de uma chamada.

Almeje por serviço, não por carreira

Não há nada errado com carreiras. Muitos homens jovens precisam achar uma carreira. Ter uma mentalidade de carreira pressupõe certo grau de perícia em negócios, interesse próprio, recompensa pessoal e reconhecimento público — e uma “carreira” se torna o meio para se atingir esses alvos. Não estou dizendo que estas coisas são

más. De fato, para as civilizações se desenvolverem e para a indústria e o comércio florescerem, estas coisas precisam ser estimuladas.

Mas eis o que estou dizendo. A igreja não é uma trajetória de carreira. O povo de Deus não pode ser degraus que conduzem a oportunidades maiores. Eles são o foco primário em toda a realização da chamada.

Sejamos francos. Os seminários oferecem credibilidade popular — autorização profissional para uma função de ministério. O problema não é os seminários, porque eles estão proporcionando uma educação teológica e cumprem esse alvo. O problema é o homem chamado e seu coração. A igreja sofre quando homens chamados anseiam por carreiras, e potenciais pastores buscam distinção profissional.

Em seu estridente apelo intitulado habilmente *Irmãos, Não Somos Profissionais*, John Piper diz:

A profissionalização do ministério é uma ameaça constante à ofensa do evangelho. É uma ameaça à natureza profundamente espiritual de nossa obra. Vejo isto frequentemente: o amor do profissionalismo (paridade com os profissionais do mundo) mata a crença de um homem de que ele é enviado por Deus para salvar pessoas do inferno e torná-las forasteiros espirituais que exaltam a Cristo no mundo.^[4]

Eis algo mais. Quando a igreja busca qualificações profissionais, criamos uma elite de ministério. Treinamos erroneamente pessoas para confiarem em credenciais, não em caráter ou em competência. David Wells chama o anseio por dignidade profissional de “o Doutoramento do Ministério”. Ele escreve: “Ministros inseguros que são privados de importância esperam ser elevados, por meio de profissionalização, à mesma reputação social de outros profissionais, tais como médicos e advogados”.^[5]

Quando pastores buscam proeminência, o ministério está em perigo.

Ora, para ser honesto, devo dizer que obtive um doutorado em ministério (embora ele não tenha melhorado a minha reputação social). Mas penso que Wells está falando mais do que sobre influência na

comunidade. Ele quer dizer que, quando pastores buscam proeminência, o ministério está em perigo.

Deus chama todos os pastores ao estudo, e alguns pastores, à educação superior. A história da igreja está cheia de grandes pregadores que nunca receberam treinamento formal para o ministério — talvez você já se familiarizou com os nomes de Newton, Spurgeon, Tozer e Lloyd-Jones. Também está cheia de eruditos de primeira categoria, homens que ganharam honras acadêmicas, mas nunca se referiram às suas credenciais para validação de sua chamada.

O eminente teólogo John Owen (que ganhou duas graduações em Oxford) era encantado com o inculto John Bunyan, que era seu contemporâneo. Quando isto surgiu numa conversa com o rei Charles II, o rei expressou admiração de que um homem tão erudito se assentasse e ouvisse um “latoeiro inculto” como Bunyan. Qual foi a resposta de Owen? “Vossa Majestade, eu desistiria alegremente de toda a minha erudição se pudesse pregar como aquele latoeiro”.^[6] Isso diz muito sobre a educação informal de Bunyan. Também mostra que Owen era muito mais do que um teólogo inseguro. Ele entendia que a pregação clara do evangelho era essencial, enquanto a educação não era.

Caso você esteja agora recebendo o diploma de ensino médio e começando a bater na porta de igrejas à procura de trabalho, espere. Há duas coisas importantes que você precisa ouvir.

Primeira, eu lhe direi: é provável que você não seja como Newton, Spurgeon, Tozer e Bunyan. Em vez disso, talvez você seja mais como eu era — um homem comum lutando com uma chamada incomum e me perguntando aonde toda aquela luta me levaria. Talvez possa levá-lo ao estudo acadêmico formal da Bíblia. Nunca despreze a erudição. A igreja vacilará sem pessoas habilitadas em hebraico, grego, aramaico e outras línguas necessárias à clareza e à integridade hermenêutica.

Segunda, por favor, monitore o seu coração em benefício da igreja, enquanto expande sua mente na academia. Se eles não complementam um ao outro, por movê-lo em direção à igreja, para explorar e posicionar-se quanto à sua chamada, algo está errado. Quando o seminário falha em preparar homens para o ministério na igreja local, o semi-

nário perde impacto e relevância.

O evangelho não é uma mensagem separada de um povo; ele cria um povo. E, quando a igreja local ocupa um lugar proeminente em nosso coração, somos posicionados a servir essas pessoas e não a promover as nossas próprias ambições.

Pastores, levantem-se pastores!

Permita-me falar de novo aos pastores, por um momento. Muitos jovens dotados chegam à conclusão de que não há lugar para eles em sua igreja para cumprirem sua chamada. Querem ajudar trabalhando com os jovens? Certamente. Liderar um pequeno grupo? Atender a muitas necessidades? Venham. Ser um diácono ou um missionário? Deem seus nomes! Mas, ser um plantador de igreja ou um pastor? Desculpe, amigo, todos os espaços estão ocupados, mas há uma boa escola bíblica ao longo da estrada.

Examine as qualificações bíblicas para plantar uma igreja, que, aliás, são as mesmas qualificações para pastorear uma igreja. Observe como a maioria delas envolve caráter. A igreja local é o lugar óbvio em que essas qualificações podem ser cultivadas e avaliadas. Certamente, os seminários podem transmitir conhecimento, mas eles não são estabelecidos para lidar com caráter. A avaliação de caráter exige a igreja local. Pastores, isto exige vocês.

Nenhuma igreja pode ou deveria contratar homens dotados apenas para mantê-los na igreja, mas toda igreja ou grupo de igrejas deveria ter uma estratégia para desenvolver e preparar seus próprios pastores. As palavras de Paulo a Timóteo são muito interessantes: “E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros” (2 Tm 2.2). Há realmente quatro gerações de transferência de doutrina representadas nesta ordem — de Paulo para Timóteo; depois, de Timóteo para homens fiéis; depois, de homens fiéis que a transmitem a outros. É notável: o plano estratégico de Deus para a transferência do evangelho. Foi confiado não somente a Timóteo, mas também a pastores de igrejas locais.

É inegociável: igrejas precisam treinar pastores como um investimento para o futuro. Os seminários podem suplementar, mas eles nunca substituem a igreja local. Se não identificamos e treinamos homens chamados, nós os perdemos.

Al Mohler, que lidera um dos seminários evangélicos mais prolíficos em nossos dias, nos Estados Unidos, diz isto:

Creio enfaticamente que o mais apropriado e o melhor lugar para a educação e preparação de pastores é a igreja local. Devemos nos envergonhar do fato de que igrejas falham terrivelmente em sua responsabilidade de treinar futuros pastores. Pastores estabelecidos deveriam sentir vergonha se não estão se derramando na vida de outros homens jovens que Deus chamou ao ministério de ensino e liderança da igreja.^[7]

Onde está a igreja em sua chamada?

Respire fundo, porque na próxima seção deste livro nos aprofundaremos em como você pode saber que é chamado. Mas tudo que falaremos pressupõe que o seu senso de chamada está focalizado mais em servir a igreja do que em realizar um sonho.

Eis algumas perguntas em que você deve pensar agora, porque elas farão uma grande diferença depois.

- Qual é o seu envolvimento presente em uma igreja local? Se você fosse um pastor, seria mais comprometido com a igreja do que realmente é? O que a sua resposta diz a seu respeito?
- Se lhe oferecessem uma posição de servir sua igreja atual como um pastor, você a aceitaria? Por que sim ou por que não?
- Se você fosse chamado a assumir o pastorado de uma igreja em que não conhece ninguém e ninguém o conhece, o que influenciaria sua decisão de assumir ou não o pastorado?
- Sob que circunstâncias você se veria deixando uma igreja que pastoreava?
- Qual é prática aceita de sua igreja e de sua denominação quanto ao treinamento e preparo de pastores? Com quais aspectos desta prática você concorda? Sobre quais aspectos você tem dúvidas?

- Se a igreja que você pastoreia lhe pedisse que renunciasse para que outro homem liderasse a igreja, você procuraria outra igreja para pastorear ou permaneceria na igreja como um membro fiel? O que determinaria sua mudança?

O ponto essencial: o Chamador ama a igreja. Ele criou a igreja. O Chamador garante a eficácia da igreja e promete que a igreja prevalecerá. Ele morreu em favor da igreja. O Chamador provê líderes para a igreja. Ele chama homens para essa liderança por meio da própria igreja. Portanto, desde o início temos de determinar que, em qualquer direção ministerial que estamos tomando, somos chamados a “gastar-nos e a ser gastos” em benefício da igreja.

Para estudo adicional

Por que amamos a igreja?, Kevin DeYoung e Ted Kluck
Nove Marcas de Uma Igreja Saudável, Mark Dever

-
- [1] Robert L. Withers, “Pastoral Transitions and Longevity”, *Compass Dynamics*. Acesso em 5 de abril de 2011, <http://www.compassdynamics.org/pastoral-transitions.html>.
- [2] Brian Croft, *Test, Train, Affirm, and Send into Ministry: Recovering the Local Church’s Responsibility in the External Call* (Leominster, UK: Day One, 2010), 47–48.
- [3] Richard Baxter, *The Reformed Pastor* (Portland, OR: Multnomah, 1982), 69.
- [4] John Piper, *Brothers, We Are Not Professionals: A Plea to Pastors for Radical Ministry* (Nashville, TN: Broadman, 2002), 3.
- [5] David Wells, “The D-Min-Ization of the Ministry”, em *No God but God: Breaking with the Idols of Our Age*, ed. Os Guinness e John Seel (Chicago, IL: Moody, 1992), 175 (nota de rodapé).
- [6] Edmund Venables, *The Life of John Bunyan* (London: Walter Scott, 1888), 117.
- [7] Dr. Albert Mohler, do Southern Baptist Theological Seminary, em Louisville (Kentucky). Esta citação foi extraída de uma entrevista online realizada por Adrian Warnock, acessada em 6 de abril de 2011, <http://adrianwarnock.com/2008/01/22nd-most-read-post-dr-albert-mohler/>.

Uma História de Chamada

Lemuel Haynes: Chamado à Piedade^[1]

O caráter é importante para todo pastor. Mas para alguns o caráter é o fator de credibilidade que determinará se uma chamada será consumada ou negada. No caso de Lemuel Haynes, o ministério dizia respeito ao caráter.

Haynes é uma maravilha da providência de Deus na formação de caráter em um ministro do evangelho. Nascido na Nova Inglaterra nos anos 1750, ele era da primeira geração de escravos negros na América colonial. Abandonado quando criança por seus pais, ele foi recebido por uma família cristã de pessoas brancas, dos quais se tornou servo contratado até à idade de 21 anos. Em seu lar, Haynes foi ensinado nos caminhos do Senhor e na sã doutrina de Edwards, Whitefield e outros evangélicos calvinistas. Ele era adulto quando irrompeu a Guerra Revolucionária, na qual serviu bravamente como um homem sempre disponível e um soldado regular do exército até que foi convocado a retirar-se por causa de enfermidade.

Devido ao seu intelecto prodigioso, Haynes recebeu a oferta de uma bolsa de estudos para o Dartmouth College, a fim de receber treinamento para o ministério. Mas, em vez disso, ele escolheu treinar nas trincheiras do ministério com pastores de igrejas locais. Em 1785, ele foi ordenado ao ministério pastoral como um ministro congregacional, o primeiro afro-americano chamado formalmente para o ministério. Sua primeira experiência na liderança de igreja aconteceu como parte de um grupo que plantava uma igreja em Massachusetts.

Anteriormente, oportunidades para Haynes entrar no ministério pastoral eram limitadas pelo preconceito racial, apesar de seu caráter evidente, de sua chamada confirmada e de seu dom de pregação. Mas, em 1788, ele recebeu uma cha-

mada de uma pequena congregação de 22 pessoas que solicitou seus serviços em Ruthland (Vermont). Ali, ele serviu como pastor de uma igreja constituída totalmente de pessoas brancas durante 33 anos. Durante seu pastorado, a igreja cresceu até ao número de 350 pessoas e teve uma forte presença proclamadora do evangelho na Nova Inglaterra.

Em 1818, tanto Haynes quanto a congregação chegaram à conclusão de que seu longo período de ministério na igreja em Ruthland chegara ao fim. Depois de sair, ele continuou no ministério pastoral fiel, servindo a mais duas igrejas nos 15 anos seguintes, aposentando-se finalmente do ministério por causa da deterioração de sua saúde. Ao todo, Lemuel Haynes dedicou 48 anos ao ministério pastoral em igrejas locais.

Talvez o maior legado de seu ministério seja a sua fidelidade ao caráter piedoso. Com certeza, uma razão para isto foi a pressão que ele enfrentou como um homem negro que procurava ministrar em um mundo branco que aceitava o preconceito racial como um estilo de vida. Como um patriarca dos pastores afro-americanos, ele carregou o fardo de ser “irrepreensível” de uma maneira que poucos homens podem compreender. Mas, em última análise, parece que isto não foi a razão motivadora de sua ênfase consciente em piedade. Sua maior preocupação era a glória de Cristo e a maneira como pastores, em específico, são chamados a mantê-la no mundo. Um biógrafo disse isto sobre ele: “Haynes entendia bem que o tribunal de Cristo, especialmente para um ministro, será um tempo de julgamento penetrante, um tempo em que o coração e os hábitos dos pastores serão expostos e suas justas recompensas se tornarão conhecidas”.^[2]

Qualquer homem que está considerando uma chamada ao ministério pastoral deve se submeter ao teste de seu caráter. E faria bem se atentasse às palavras e ao exemplo provado de Haynes:

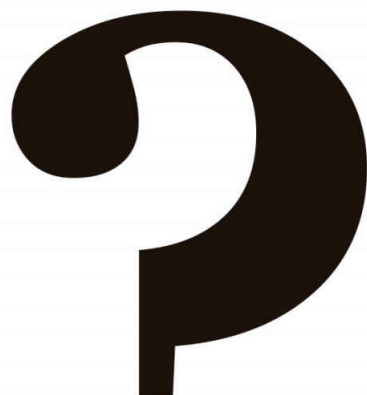
Acima de tudo, o grande Deus, com aprovação ou reprovação, contempla as transações deste dia; ele vê que motivos governam você e os proclamará diante do universo reunido. Oh! Que pensamento solene e impactante! A obra que está diante de você é grandiosa e exige profundo exame do coração, grande autodesconfiança [cautela] e auto-humilhação. Quão necessário é que você tenha a sua dependência em Deus; você não pode realizar qualquer parte de sua obra sem a ajuda dele. Sob um senso de fraqueza, busque-o para obter ajuda...

Embora a obra seja muito grande para você, permita que considerações como esta reavive seu coração desanimado. Porque a causa é boa, melhor do que a vida, você pode desistir de tudo por ela... A campanha é breve e sua guerra logo acabará; a recompensa é grande; e, sendo achado fiel, você receberá uma coroa de glória que nunca se deteriorará.^[3]

[1] A história de Lemuel Haynes é adaptada de Thabiti Anyabwile, *The Faithful Preacher: Recapturing the Vision of Three Pioneering African-American Pastors* (Wheaton, IL: Crossway, 2007), e da série “Africans in America”, da PBS Online, em <http://www.pbs.org/wgbh/aia/part2/2p29.html>, acessado em 6 de abril de 2011.

[2] Anyabwile, *The Faithful Preacher*, 21.

[3] Lemuel Haynes, extraído do sermão “The Character and Work of a Spiritual Watchman Described” (1792), apresentado em Anyabwile, *The Faithful Preacher*, 34–35.



..... PARTE DOIS

Diagnosticando a Chamada

4



Você É Piedoso?

O que era aquela voz? Samuel ouviu algo, mas não tinha certeza, e o que ele ouviu não foi claro. Era a conversa do jantar retornando à sua mente ou era apenas um sonho? Não, parecia uma voz. Ele correu para Eli e disse: “Eis-me aqui, pois tu me chamaste” (1 Sm 3.5). Perplexo, Eli o mandou de volta para cama.

Aconteceu pela segunda vez. O céu se abriu, Deus falou, e Samuel despertou. De novo, ele correu até Eli.

Em face da reputação de Eli apresentada na Bíblia, eu posso dar-me a certas elaborações. Eu o imagino afundado num sofá confortável, tendo um controle de TV numa mão e comida chinesa na outra. Está vestindo uma camiseta desbotada e cheia de manchas, comprada anos antes em um dos mais estridentes concertos no templo, ao qual ele assistiu com seus dois filhos. Limpando comida em sua boca, ele despede Samuel, dizendo: “Ei, rapaz, tome um remédio para insônia e pare de me incomodar” (1 Sm 3.6, tradução minha). Samuel fecha a porta e fica sozinho, em silêncio, antecipando algo, mas não ouvindo nada, tudo ao mesmo tempo.

Deus o chama pela terceira vez. Samuel retorna a Eli — felizmente, durante um comercial. Logo que ele está para mandar Samuel de volta para a cama, surge um pensamento inspirado. Eli “entendeu... que era o Senhor quem chamava o jovem” (1 Sm 3.8). Eli silencia o comercial e diz a Samuel que, na próxima vez que ouvir a chamada, deve dizer: “Fala, Senhor, porque o teu servo ouve” (1 Sm 3.9).

Samuel volta para cama. O Chamador persistente fala pela quarta vez. Nesta vez, Samuel o ouve! A Palavra de Deus se torna conectada com um homem de Deus. Um ministério começa.

Samuel foi chamado, mas não podia ouvir. A maioria dos homens que lutam com estas questões podem se identificar com ele. Ouvimos o que parece ser uma chamada — nossas circunstâncias falam, nossos desejos falam, outras pessoas falam. Mas como sabemos quando uma

chamada vem de Deus? Samuel não o sabia. Eli não o sabia, pelo menos não a princípio. Como podemos ter certeza?

A próxima seção deste livro é dedicada a explorar como podemos ter certeza. Exploraremos seis perguntas, e as suas respostas podem revelar uma chamada genuína para plantar ou liderar uma igreja. Gastaremos bastante tempo nas Epístolas Pastorais, porque é nelas que homens chamados devem gastar muito de seu tempo.

De fato, permita-me sugerir um exercício agora. Coloque este livro de lado, pegue a Bíblia e leia 1 Timóteo 3 e Tito 1.^[1] Depois, volte ao livro. Estas não são as únicas passagens que examinaremos neste capítulo, mas são as passagens com que começaremos. Temos muita coisa emocionante pela frente.

Você pode viver de acordo com isto?

Então, você está de volta? Que bom! Essas passagens delineiam as qualificações bíblicas para o presbiterato. São nestas passagens que encontramos a primeira pergunta que devemos fazer no que diz respeito a examinar uma chamada ao ministério: *você é piedoso?*

Quero começar por afirmar dois pontos essenciais sobre esta questão. Se você é como a maioria dos homens, a lista de qualidades apresentada em 1 Timóteo e Tito parece muito além do alcance, como aquelas com as quais você poderia indicar a si mesmo para ser juiz na Suprema Corte. (“Não, Senador, eu não sei realmente nada sobre a lei, mas acho que um trabalho do qual alguém não pode ser demitido é algo em que eu seria muito bom.”) Num primeiro momento, vemos nestas passagens padrões do tipo “exclua o homem comum” para o ministério pastoral. Quero dizer: são padrões quase apostólicos!

Portanto, eis duas coisas a serem consideradas. Primeira, a maioria destas qualidades são, de alguma forma, ordenadas para todos os crentes. Ser “temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro”, ser “não dado ao vinho, não violento, porém cordato, inimigo de contendas, não avarento” e governar “bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito” (1 Tm 3.2-4) — nenhum cristão está isento dessas coisas. Isso não significa que pastores e líderes não po-

dem beber, enquanto os crentes são livres para beber cerveja como rapazes de faculdade. Não, a maioria destas ordens se aplicam a todos os cristãos. Mas, eu entendo — é um tanto desconcertante vê-las reunidas num único lugar fitando você como um lutador ofendido em dia de combate.

Mas aqui está o meu argumento. O homem chamado ao ministério não é algum tipo de supercristão que vive por um código mais elevado. Não, ele é apenas um homem chamado e tem dons que o capacitam a liderar o povo de Deus. “O pastor contemporâneo”, diz Joel Nederhood, “é realmente nada mais do que um membro comum da igreja de Jesus Cristo, um membro que é chamado a expressar a natureza de Cristo como um ‘homem de Deus’ em um grau especialmente elevado”.^[2]

Eis outra coisa. Homens chamados podem tratar estas passagens como um padrão inflexível que exige conformidade e pune a desobediência. Isto aconteceu com Freddie. Ele estava entusiasmado a dedicar sua vida ao ministério na igreja. Então, alguém o atingiu com as qualificações apresentadas em 1 Timóteo e Tito como um golpe de luta profissional. Cambaleando ao redor sobre a lona das aspirações esmagadas, Freddie procurava um escape. Um ótimo emprego de vendas apareceu, e, pronto, Freddie estava fora do ringue, contando dinheiro. Ele ainda está bem envolvido em sua igreja, mas é perseguido pelo sentimento de que talvez não se esperava que saísse da luta tão facilmente. Aquilo que “poderia ter sido” realmente nunca desaparece.

*A chamada de Deus para um homem produz a graça indispensável
para a piedade exigida.*

Se este é seu caso, não ignore a maravilhosa notícia contida nestas passagens. É a gloriosa descoberta da *graça antecedente*. A chamada de Deus para um homem produz a graça indispensável para a piedade exigida.

Este ponto pode causar alguma surpresa legítima. Portanto, que-

ro falar mais sobre ele. Em 1 Timóteo 3 e Tito 1, vemos evidências extraordinárias da atividade de Deus que *antecede* qualquer senso claro de chamada. Pense novamente no uso que Paulo fez do tempo presente no verbo principal — “é necessário” — em 1 Timóteo 3.2. É necessário que o presbítero seja irrepreensível, temperante, sóbrio, modesto, etc. Esse tempo verbal se estende a toda a passagem.^[3] Paulo não está apresentando uma lista de alvos de caráter que ainda devem ser atingidos. Está falando de qualidades já presentes. São pré-condições para o presbíteros e não resultados pelos quais se espera.

Então, o que isto significa? Apenas isto. Paulo indica que há graça em atividade em alguns homens para produzir certo tipo de vida. Timóteo reconheceria os homens chamados porque a graça já estava agindo para criar piedade. Identificar um homem chamado não consiste de entrevistar os candidatos ou de rever as médias acadêmicas deles. Em vez disso, é um exercício glorioso de descobrir um depósito de graça capacitadora. A graça resplandece na vida deles e se torna um sinal de que são chamados ao ministério pastoral.

De fato, nenhum homem pode ser um exemplo de 1 Timóteo 3 e Tito 1, a menos que antes a graça esteja agindo em sua alma. “Graça sincera”, disse Jonathan Edwards, “é um princípio poderoso na alma, e o seu poder se manifesta, em parte, na natureza de suas ações. Ela não é uma coisa obscura, inativa, ineficaz. Há um fervor e um vigor santo nas ações da graça”.^[4]

A obra de Deus em um homem demonstra a sua chamada da parte de Deus.

Não esqueça: nunca veremos estas qualidades formadas perfeitamente em um homem. Mas, embora não formadas perfeitamente, elas devem ser evidentes e serão em qualquer homem que é chamado ao ministério. Meu amigo Jeff Purswell, o deão do Pastors College, do ministério Sovereign Grace, expressou isso em palavras simples: “A obra de Deus em um homem demonstra a sua chamada da parte de Deus”.^[5]

Isto também significa que designar pastores com a esperança de que logo eles atingirão os padrões bíblicos para os presbíteros é tanto imprudente quanto extremamente perigoso. É como pedir a alguém que aterrisse um avião porque esteve voando em um vídeo game. Os homens não se tornam pastores por causa de potencial. Eles se tornam pastores por causa da graça de Deus que já está em atividade neles.

Então, alguém pode viver à altura destas qualificações para o ministério? Sim, porque a chamada de Deus produz graça! A chamada de Deus nunca é estéril; ela produz graça para realizar o propósito da chamada. O Chamador nos ordena que sejamos e nos dá o poder para chegarmos lá. Se você é chamado, pode manter-se confiante de que Deus já começou a operar em você (ver Mc 3.13). Os padrões de Deus não são opressivos; são realmente uma confirmação magnífica de seu propósito soberano para a vida de um homem chamado. A graça de Deus produz uma vida piedosa — e essa vida piedosa contribui para confirmar a chamada de Deus.

Sejamos mais específicos quanto ao que significa realmente a piedade.

Um homem chamado é convertido e tem certeza disso

“Não seja neófito” (1 Tm 3.6). Esclarecendo isso, começemos com o que é bastante óbvio: o homem chamado tem de ser um *convertido*. Puxa, estamos sendo profundos agora, não? Os pastores têm de ser cristãos — *isso parece sabedoria de Salomão, Dave!*

Mas, implícito nesta exigência está o fato de que o homem tem sido provado na jornada da vida cristã. Sua maturidade e sua humildade têm resistido às intempéries e demonstrado que são confiáveis. É por essa razão que estas palavras são seguidas de “para não suceder que se ensoberbeça”. Paulo queria que Timóteo entendesse que designar homens imaturos para o ministério se torna um caminho perigoso.

Aqui, novamente, vemos que o evangelho deve estar orientando a nossa vida. Se um homem não tem o evangelho correto e puro quando entra no ministério, suas provações e tentações podem arruinar tudo. Não estamos falando aqui apenas de uma experiência de salvação. Es-

tamos falando também de uma teologia de salvação. Não pode haver qualquer discussão da chamada ou do ministério pastoral se não há conversão bíblica — a chamada eficaz de Deus para a salvação em Jesus Cristo, por meio da confiança no evangelho.

No entanto, há outra faceta disto. Não há verdadeira piedade sem a conversão. A conversão, como a palavra sugere, é uma mudança. Na soteriologia (a teologia de salvação), é a conversão de uma vida velha para uma vida nova, os velhos anseios são substituídos por novos. A conversão cria afeições por Deus e desejos de sermos piedosos. É o começo da mudança duradoura, gerada pelo Espírito e que agrada a Deus. O novo nascimento, como afirma John Piper, “é o remédio de Jesus para a nossa depravação, um remédio que age desde a raiz. A renovação pessoal, social e global não será possível sem essa mudança, que é a mais fundamental de todas. É a raiz de toda mudança verdadeira e permanente”.^[6]

Você pode ser um profissional religioso não convertido. Mas, para ser um pastor, você tem de ser convertido. E o homem chamado não deve ser um “neófito”, diz Paulo. Este critério de ser “neófito” é curioso e propositalmente não definido. Paulo rejeitou qualquer pressão para determinar uma exigência de idade mínima ou “anos em Cristo” para o homem chamado a liderar na igreja local — ajudando-nos, por meio disso, a evitar interpretações legalistas. Para um grupo de novos crentes, um cristão de quatro anos pode ser o sábio desenvolvido. E isto é frequentemente o que acontece em áreas onde o evangelho está prosperando como algo novo. Entretanto, quanto mais amadurecida uma congregação se torna, tanto mais maturidade ela necessita da parte de seus líderes.

De qualquer maneira, a razão para o critério de não ser “neófito” é claro. Caráter, dons e competência são essenciais, e, como o vinho excelente, eles exigem tempo para se tornarem envelhecidos na igreja local. O alvo não é apenas poupar a congregação sobre a qual ele está instituído. Isto é um mecanismo de proteção para o homem chamado, para que ele não “se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo” (1 Tm 3.6). E cair nessa armadilha é a última coisa de que um pastor precisa.

Um homem chamado tem um caráter piedoso

Em seu excelente livro *Biblical Eldership* (Presbiterato Bíblico), Alexander Strauch faz este comentário perspicaz: “Deus apresenta qualificações objetivas e observáveis para testar o desejo subjetivo de todos que buscam o ofício de presbítero. O desejo sozinho não é suficiente; ele tem de estar unido com bom caráter e capacidade espiritual”.^[7]

Bom caráter. Eis o modo como isso é retratado em Timóteo e Tito (e observe a prioridade óbvia que Deus lhe atribui). O homem chamado tem de ser:

- santo e irrepreensível (1 Tm 3.2, 8; Tt 1.6, 7)
- esposo de uma só mulher (1 Tm 3.2; Tt 1.6)
- temperante e sóbrio (1 Tm 3.2; Tt 1.6)
- respeitável e tenha bom testemunho dos de fora (1 Tm 3.2, 7)
- hospitaleiro (1 Tm 3.2; Tt 1.8)
- apto para ensinar sã doutrina e refutar aqueles que se opõem a ela, apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina (1 Tm 3.2, 9; Tt 1.9)
- não dado à bebedeira (1 Tm 3.3, 8; Tt 1.7)
- cortês, não violento nem contencioso (1 Tm 3.3; Tt 1.7)
- não arrogante nem intolerante (Tt 1.7)
- não amante de dinheiro, nem cobiçoso de ganho desonesto (1 Tm 3.3, 8; Tt 1.7)
- governe bem a sua família, tenha filhos obedientes que são crentes e não abertos à acusação de dissolução ou de insubordinação (1 Tm 3.4-5; Tt 1.6)
- não seja um novo convertido (1 Tm 3.6)
- não ame o dinheiro (Tt 1.8)
- disciplinado (1 Tm 3.8)

Por que é necessário delinear as qualificações específicas de caráter para pastores? Porque Deus é sábio e sabe o que é melhor para a igreja e para o homem que a lidera. Estas qualificações de caráter de-

talhadas protegem a integridade do ofício de pregador da igreja (Tg 3.1). Um pastor representa Cristo diante do mundo e da igreja. Ele estabelece o padrão de maturidade e conduta na igreja — um padrão que tem de ser “irrepreensível” (1 Tm 3.2; Tt 1.6). Por guardar sua vida e doutrina, (1 Tm 4.16), ele mantém a credibilidade de ambas.

Outra razão que justifica estas qualificações de caráter é que as tentações do pecado interior, especialmente a ambição egoísta e o orgulho, podem ser um desafio muito forte e constante para os líderes. A chamada à piedade protege os pastores e os impulsiona em direção à humildade. Os pastores não têm monitores. Eles não têm equipes de relações públicas. Mas a reputação é importante. Ser um pastor é ser um pecador assumido que representa um Deus santo. Um pastor tem como seu alvo a busca por piedade, porque sua vida é um vaso da mensagem que ele é chamado a pregar. E, se você compreende o valor e a glória da mensagem — e daquele que é o assunto da mensagem — compreenderá que a humildade é a única abordagem apropriada para uma vida chamada a proclamá-la.

Qualificações de caráter garantem que um homem pode lidar com as coisas quando elas ficam quentes no ofício de liderança. Pastorear é um trabalho extenuante e frequentemente desencorajador e não pode ser confiado a um homem despreparado e imaturo. Estas passagens em Timóteo e Tito esclarecem o caráter que absorve o custo da chamada.

E há o outro lado. As qualificações para o ministério subentendem que um homem pode ser desqualificado. Como um escritor comenta prudentemente, a Bíblia “diz mais sobre o que um líder deve ser do que sobre o que ele deve fazer... se ele não satisfaz as qualificações de moralidade bíblica, não é apropriado para ser um líder na igreja de Deus”.^[8]

Muito frequentemente, quando o caráter de um homem não passa no teste, ele continua no ministério simplesmente por reescrever o teste.

Muito frequentemente, um homem é separado para o ministério

por causa da política da igreja ou de vagas avaliações de sua deficiência. E, muito frequentemente, quando o caráter de um homem não passa no teste, ele continua no ministério simplesmente por reescrever o teste definindo como base a sua popularidade ou o serviço anterior. Mas as Escrituras fornecem categorias claras de avaliação que se focalizam no fruto observável na vida e no ministério de um homem. Estas categorias são grandemente proveitosas tanto ao homem quanto à igreja. A igreja é assegurada de que lutas de favoritismo ou de poder não definirão a avaliação de um homem no ministério. O homem é assegurado de que tem de prestar contas a um critério claro e bíblico.

“O ministério é uma profissão de caráter”, diz o pastor Charles Swindoll. Ele continua:

Falando com franqueza, você pode até ser promíscuo e, apesar disso, ser um bom neurocirurgião. Você pode trair seu cônjuge e ter pouco problema em continuar praticando advocacia. Aparentemente, não há nenhum problema em permanecer na política e plagiar. Mas você não pode fazer essas coisas como ministro do evangelho e continuar desfrutando a bênção do Senhor. Você tem de fazer o que é certo para que tenha verdadeira integridade. Se você não pode romper com o mal ou acabar com hábitos que trazem vergonha ao nome de Cristo, por favor, faça um benefício ao Senhor (e a nós que estamos no ministério) — desista.^[9]

Entre todas exigências para o homem chamado, o caráter produzido pelo evangelho parece ser o mais proeminente. O caráter de um homem é a característica mais predominante para a liderança na igreja — e isto será revelado em tudo, desde as variações das palavras que ele escolhe até os anseios que estão por trás de suas grandes decisões. Admiravelmente, estas exigências também ilustram a profundidade do amor de Deus. É como se Deus estivesse dizendo: “Somente a piedade mais elevada é elegível para cuidar de minha possessão amada — meu povo!”

Um homem chamado é um servo

Você o conhece. Ele trabalha um dia da semana e joga golfe nos outros seis. Quando você o chama, ele está sempre “em seu escritó-

rio”, o que às vezes pode ser um código que significa desperdiçando tempo. Ele vê a si mesmo como um pregador extemporâneo — o que significa: ele se levanta no domingo e fala sobre o que ocorrer à sua mente. Aquilo em que ele é realmente bom é no ofertório. É nisso que você vê a paixão e o poder. É nisso que o homem faz o seu melhor.

Quem é ele? Bem, ele não é um pastor, eu sei. Mas ele é o pastor que muitas pessoas em nossa cultura supõem que ocupa todo púlpito e lidera toda igreja. De algum modo, as pessoas comuns nunca conseguem ver o que o pastor realmente faz. Nunca conseguem vê-lo servindo. Lembro-me de um visitante que me cumprimentou depois de uma mensagem que preguei num domingo e me perguntou o que eu fazia como trabalho durante a semana. Talvez essa era a sua maneira de dizer: “Agora que ouvi você pregar, não abandone seu outro emprego principal!”

Permita-me levá-lo numa visita a um pequeno seminário de treinamento pastoral. Em Marcos 10, achamos Jesus e os doze discípulos a caminho de Jerusalém — pela última vez. Jesus deixa claro que morrer é a razão por que está indo para lá. Os doze não compreendem isso (e alguma vez compreenderam?). Quando Tiago e João começam uma argumentação estúpida a respeito de quem será o maior, Jesus os nivela gentilmente, e, depois, os outros dez caíram em cima deles. Se eu fosse Jesus, reprovaria todo o grupo naquele momento. Mas Jesus não faz isso, por causa da aula em andamento e porque ele quer ensinar-lhes algo importante sobre a vida depois de sua partida:

Jesus, chamando-os para junto de si, disse-lhes: Sabeis que os que são considerados governadores dos povos têm-nos sob seu domínio, e sobre eles os seus maiores exercem autoridade. Mas entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos. Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos (Mc 10.42-45).

Tendemos a considerar esta instrução como algo dirigido a todos os crentes, o que ela realmente é. Mas é instrução dirigida especificamente para líderes da igreja de Deus. Note o contraste: governadores dos povos contrastados com os futuros líderes da igreja. Aqueles exer-

cem domínio sobre as pessoas, estes servem às pessoas.

E, para garantir que não podemos restringir essa instrução à época dos apóstolos, Jesus a universaliza — ele veio para servir a “muitos” (v. 45). Portanto, esta chamada para servir, especificamente a chamada feita aos líderes da igreja para verem a si mesmos como servos, se dirige a todo aquele que aspira ao pastorado, porque ela vem do próprio Supremo Pastor.

Esta chamada para servir... se dirige a todo aquele que aspira ao pastorado, porque vem do próprio Supremo Pastor.

Um pastor é um cristão chamado de maneira especial para servir ao povo de Deus, no ministério de ensino, liderança e pastoreio. Esta identidade é essencial à sua chamada. Ela o impede de supor que sua liderança começa com seus direitos ou preferências.

Considere a seguinte perspectiva de D. A. Carson:

Como alguém que tem ensinado alunos em seminário há mais de 30 anos, preocupo-me com o número crescente de seminaristas que, ao serem indagados a respeito de onde e como pensam que podem servir melhor, respondem algo assim: “Bem, penso que gostaria de ensinar em algum lugar. Toda vez que ensinei, as pessoas me disseram que fiz um ótimo trabalho. Sinto um tremendo senso de realização resultante de ensinar a Bíblia. Acho que ficaria satisfeito em ensinar a Escritura”.

Quão patético! Conheço pagãos que têm satisfação e realização por ensinarem física nuclear. Em qualquer ponto de vista cristão sobre a vida, nunca se deve permitir que a realização pessoal se torne o elemento controlador. Este elemento é o serviço, o serviço de pessoas reais. A questão é: como eu posso ser mais útil?; e não: como eu posso me sentir mais útil?

[10]

O Dr. Carson já investiu muito de sua vida no treinamento de homens para o ministério. Sua perspectiva deveria nos tornar mais prudentes. Muitas vezes, dizemos que queremos servir a Deus, quando a maneira como vivemos revela que esperamos que ele nos sirva.

Qual é o antídoto para um ministério de servir a si mesmo? *Viver*

como um servo de Cristo.

- O homem chamado trabalha onde há necessidade e não somente onde pode expressar seus dons.
- O homem chamado trabalha para fazer dos que estão acima dele um sucesso e não para desenvolver seu próprio sucesso.
- O homem chamado se sente tão feliz em usar o serviço para lidar com suas fraquezas quanto em aprimorar suas virtudes.
- O homem chamado procura transformar em alegria a obra daqueles que estão ao seu redor.
- O homem chamado usa sua influência para promover o bem da igreja e não o seu próprio sucesso.
- O homem chamado trabalha com excelência, diligência e fidelidade tendo em vista a atenção de Cristo e não a dos outros.
- O homem chamado anda resolutamente no caminho do sacrifício e trilha com muito cuidado o caminho da promoção.
- O homem chamado recua alegremente para que outro homem avance.

Se esta conversa sobre serviço está abalando seu ponto de vista sobre a chamada, não fique desanimado. Ninguém que já pastoreou o povo de Deus ficou isento da chamada à servidão. E acredite-me: você não será uma exceção.

Seja um exemplo de sua mensagem

Há uma implicação final para todas estas qualificações listadas por Paulo: o pastor é chamado a ser um exemplo de sua mensagem. Sua liderança é confirmada pelo caráter. O pastor lidera por meio de sua vida, bem como de seus lábios.

A síntese deste exemplo é (como sempre) Jesus Cristo, a Palavra de Deus encarnada. Ele não somente ofereceu uma pregação poderosa, mas também foi exemplo da veracidade de suas palavras por meio de suas ações. Sua vida confirmava a verdade que ele falava.

Os pastores são chamados a seguir os passos de Cristo, por serem

exemplos para o rebanho (1 Pe 5.3) e por se tornarem exemplos vivos das realidades que ensinam. A graça acende o fogo para o cultivo de uma vida que reflete a imagem e a mensagem do Chamador. Sem a vida por trás da voz, a mensagem dos pastores ressoa sem valor e a imagem do Chamador é distorcida. O líder chamado não apenas regurgita verdades bíblicas; antes, ele fala sobre a Escritura por meio de como a aplica.

Para amadurecer uma igreja, são necessários tanto a mensagem de um homem quanto o seu exemplo.

A realidade é que, para amadurecer uma igreja, são necessários tanto a mensagem de um homem quanto o seu exemplo. Jesus nos deu este princípio: “O discípulo não está acima do seu mestre; todo aquele, porém, que for bem instruído será como o seu mestre” (Lc 6.40). Para o homem que aspira ao ministério, isto significa que o líder representa o mais alto nível de maturidade entre as pessoas da igreja. As suas virtudes se tornarão as virtudes deles; as suas fraquezas, as fraquezas deles. Como disse John MacArthur: “As pessoas se tornarão aquilo que os líderes são”.^[11]

Sou muito grato a Deus pela equipe pastoral de minha igreja. São homens dos quais o mundo não é digno; são exemplos de piedade, de uma maneira que me provoca. Não são apenas colegas que nos mostram seu cuidado; são modelos de padrões para mim e para outros. Quero ser como eles quando amadurecer.

Penso que a melhor maneira de terminar este capítulo é mencionar a perspectiva de Robert Murray McCheyne. Suas palavras me inspiram e me convencem, ao mesmo tempo; elas resumem o que significam as qualificações de caráter do ministério: “*A maior necessidade de meu povo é a minha santidade pessoal*”.

Essa é a razão por que a igreja, pela graça de Deus, fará sabiamente esta pergunta a respeito de todo homem que é potencialmente chamado por Deus para o ministério: *ele é piedoso?*

Para estudo adicional

The Godly Man's Picture, Thomas Watson
Humildade: Verdadeira Grandeza, C. J. Mahaney
A Caridade e Seus Frutos, Jonathan Edwards
Santidade sem a qual Ninguém Verá o Senhor, J. C. Ryle

-
- [1] Aubrey Malphurs não vê qualquer razão para separar as qualificações para um presbítero das qualificações para um plantador de igreja. Ele escreve: “Estas são as qualificações para os presbíteros, mas são também essenciais para plantadores de igreja”. Em *Planting Growing Churches for the 21st Century: A Comprehensive Guide for New Churches and Those Desiring Renewal* (Grand Rapids, MI: Baker, 2004), 111.
- [2] Joel Nederhood, “The Minister’s Call”, em *The Preacher and Preaching*, ed. Samuel T. Logan (Phillipsburg, NJ: P&R, 1986), 39.
- [3] “Os verbos que governam as exigências para o presbítero, alistadas em 1 Tm 3.2-6, estão, todos, no tempo presente. Eles são *dei* (presente do indicativo, ativo, 3ª pess. sing. — “é necessário”) e *einai* (infinitivo presente, ativo — “seja”) em 3.2.” George W. Knight, *The Pastoral Epistles: A Commentary on the Greek Text*, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1992), 160.
- [4] Do sermão “Zeal an Essential Virtue of a Christian”, em *Sermons and Discourses, 1739–1742*, vol. 22, em *The Works of Jonathan Edwards* (New Haven, CT: Yale University Press, 2003), 144; citado por Dane Ortlund em *A New Inner Relish: Christian Motivation in the Thought of Jonathan Edwards* (Tain, Scotland: Christian Focus, 2008), 120.
- [5] Jeff Purswell, “How Do I Know If I’m Called?” (palestra, New Attitude Conference, 2002). Esta mensagem pode ser acessada em *New Attitude Five 45*, CD de áudio, <http://www.sovereigngracestore.com/ProductInfo.aspx?productid=A2120-00-22>.
- [6] John Piper, *Finalmente Vivos* (São José dos Campos, SP: Fiel, 2011), 184.
- [7] Alexander Strauch, *Biblical Eldership* (Littleton, CO: Lewis & Roth, 1995), 188.
- [8] James M. George, “The Call to Pastoral Ministry”, em *Rediscovering Pastoral Ministry: Shaping Pastoral Ministry with Biblical Mandates*, ed. John MacArthur Jr. (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1995), 114.
- [9] Charles R. Swindoll, *The Bride: Renewing Our Passion for the Church* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994), 171.
- [10] D. A. Carson, *A Call to Spiritual Reformation: Priorities from Paul and His Prayers* (Grand Rapids, MI: Baker, 1992), 83.
- [11] John MacArthur Jr., citado in Alexander Strauch, *Biblical Eldership*, 70.

Uma História de Chamada

Martinho Lutero: Um Modelo de Lar Pastoral^[1]

Eles o chamam de “efeito aquário” — a consciência de que tudo que você faz é visto por alguém mais. Não é uma paranoia, porque é verdade. Tudo que você faz está sendo visto.

Talvez ninguém mais do que Martinho Lutero teve experiência com o efeito aquário. O sacerdote começou a procurar um argumento, mas, por fim, se viu no centro da Reforma. Todos os olhos estavam voltados para ele. A hierarquia católica estava esperando que ele cometesse um deslize, fizesse algo que o descreditasse; seus seguidores olhavam para ele para que lhes mostrasse como acabar com as tradições que remontavam a milhares de anos. E o mundo assistia, esperando ver o que aconteceria.

Por isso, Lutero tinha de fazer tudo com transparência. Tinha de começar uma família. Ora, lembre: durante mais de um milênio ser um ministro — pastor, sacerdote, monge — exigia uma vida de celibato. E ali estava Lutero reescrevendo o código moral. E mais — ele se casou com uma freira!

A razão por que ele se casou não é fácil imaginar. Embora tivesse afirmado a abominação de exigir o celibato, Lutero havia dito antes que o casamento não era para ele. No entanto, ali estava ele, um ex-sacerdote de 41 anos, se casando com Katherina Von Bora, uma freira desertora que era 16 anos mais nova do que ele. Publicamente, o melhor que Lutero podia apresentar para justificar a sua busca por casamento era o fato de que seu pai estava importunando-o a fazer isso. Mas aqueles que examinaram isso com mais atenção viram um homem que, em sua maneira esquisita, cortejara uma mulher formidável, que seria uma auxiliadora em sua jornada perigosa.

Durante todo o seu casamento de 20 anos, os Luteros

eram supremamente conscientes de duas coisas. Primeira, estavam esculpindo um modelo do lar pastoral que outros seguiriam, para bem ou para mal. As pessoas estavam observando. E eles abraçaram a visão da família inteira — tendo seis filhos e cuidando de um grupo familiar que incluía alguns parentes necessitados e vários pensionistas de pouco tempo. O lar de Lutero não era um lugar quieto.

Então, o que as pessoas viam quando olhavam para o casamento e a família de Lutero? Viam união — dois se tornando um. Embora os dons e as personalidades de Lutero e Katherina fossem nitidamente diferentes, Deus usou o casamento para santificar cada um deles, à medida que os anos se passavam.

Um autor resumiu assim o valor do exemplo de Lutero: “O sucesso de qualquer casamento depende de duas pessoas que não têm medo de crescer e mudar, como Lutero e Kate o fizeram^[2] — e que não têm medo de fazer essa mudança aos olhos de todo o mundo. O noivo relutante foi mudado até ao ponto em que, por fim, pôde dizer: “Não há relacionamento, comunhão ou companheirismo mais amável, amigável e encantador do que um bom casamento”.^[3]

Nos Luteranos, as pessoas tinham uma visão da família. A decisão deles de ter filhos foi radical em si mesma, e não somente por causa da ameaça constante à vida de Lutero. Em geral, naquele tempo as pessoas entendiam que, se um sacerdote e uma freira gerassem um filho um do outro, o resultado seria um monstro de duas cabeças.^[4] Em vez disso, Lutero achou em sua família uma alegria que nunca imaginara. Ele se dedicou a criar seus “pequenos pagãos” para verem sua necessidade do Salvador, mas também os tinha sob seu cuidado amoroso.

No entanto, ele achava realmente que a paternidade era mais problemática do que a questão teológica mais complicada. Como ele disse certa vez: “Cristo disse que temos de nos tornar como criancinhas para entrar no reino dos céus. Queri-

do Deus, isso é demais! Temos de nos tornar esses idiotas?”^[5]
Mas a avaliação crucial de Lutero quanto à paternidade é muito mais visionária: “Nenhum poder na terra é tão nobre e tão grande quanto o dos pais”.^[6]

Se algum pastor se pergunta se é justo ter sua vida familiar como parte da avaliação de sua chamada, deve se lembrar de Martinho Lutero. Este patriarca da vida familiar do pastor deixou um grande exemplo de fé e fidelidade familiar.

[1] A história da vida de Lutero é adaptada de Roland Bainton, *Here I Stand: A Life of Martin Luther* (NY: Abington, 1977), 223–37, e de William J. Petersen, 25 *Surprising Marriages: Faith-Building Stories from the Lives of Famous Christians* (Grand Rapids, MI: 1997), 151–165.

[2] Petersen, 25 *Surprising Marriages*, 164.

[3] Martin Luther, *Table Talk* (1539).

[4] Paul Thigpen, “A Family Album”, *Christian History*, July 1, 1993.

[5] Citado por Roland Bainton em *Here I Stand*, 236.

[6] Martinho Lutero, citado por Steven Ozment, “Reinventing Family Life”, em *Christian History*, July 1, 1993.

5



Como Está o Seu lar?

Ajudar homens a investigar sua chamada pode ser mais eficaz se falarmos com eles depois de comerem. Isto não é um princípio paulino, mas descobri anos atrás que os homens falam mais abertamente sobre seus sonhos quando estão empanturrados de carne e brócolis. (Não critique isso, se você ainda não o tentou.)

À luz de uma perspectiva de recrutamento de plantador de igreja, o jovem que estava à minha frente, na mesa, comendo frango frito com molho agri-doce, naquele dia, era um bom candidato. Ele era treinado em seminário, experimentado em ministério, conectado com os círculos evangélicos ao redor de nossa cidade e ansioso por pregar. Era como um jogador famoso no banco de reservas. Eu esperava colocá-lo em campo para ser o armador de jogadas.

Depois, o jovem mencionou de passagem que sua esposa e ele frequentavam igrejas diferentes. Isso lhe parecia incidental. Para mim, uma bandeira de alerta havia sido levantada, e a ideia de colocá-lo em campo precisava ser revisada. Inquirindo a respeito da igreja que sua esposa frequentava, descobri que a igreja ensinava doutrinas fundamentais contrárias às doutrinas em que ele acreditava. E disse que isso o perturbava. Sim, perturbava a mim também.

Quando ele perguntou qual seria o próximo passo em direção ao ministério, eu lhe disse que qualquer avaliação de sua chamada envolveria uma investigação desta aparente dicotomia em seu lar. Sugeri que a investigação começaria, talvez, com o que a escolha de sua esposa quanto às igrejas revelava sobre a sua liderança na família.

Eu nunca mais o vi.

A evidência diária

Um erro comum entre aqueles que se sentem chamados a plantar ou a pastorear igrejas é este: alguns homens estão dispostos a liderar a

igreja antes de liderarem sua própria família. De fato, alguns homens parecem dispostos a liderar a igreja em detrimento de sua família! Ambas as opções são inaceitáveis a Deus. Ele propõe uma pergunta que não oferece respostas múltiplas: “Se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus? (1 Tm 3.5).

Você lembra 1 Timóteo 3 e Tito 1? Uma das coisas mais impressionantes a respeito das qualificações bíblicas para pastores é a suposição bíblica de que o lar revela e confirma o líder. Paulo é muito claro sobre isto:

- “esposo de uma só mulher” (1 Tm 3.2; Tt 1.6)
- “hospitaleiro” (1 Tm 3.2)
- “que governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito” (1 Tm 3.4)
- “que tenha filhos crentes que não são acusados de dissolução, nem são insubordinados” (Tt 1.6)

E não é segredo que muitas das outras qualificações que Paulo menciona serão testadas e reveladas — repetida e inevitavelmente — no lar:

- “temperante” (1 Tm 3.2)
- “apto para ensinar” (1 Tm 3.2)
- “não arrogante, não irascível” (Tt 1.7)
- “justo, piedoso, que tenha domínio de si” (Tt 1.8)

Um exame atencioso das listas de Paulo mostra que a maneira mais rápida de determinarmos se um homem é qualificado para liderar uma igreja é fazermos uma leitura de como ele lidera eficientemente sua esposa e seus filhos. Se ele lidera bem, as vozes de seus queridos se levantarão para confirmar sua chamada e testemunhar sua credibilidade. Se ele lidera mal, seus queridos ofuscarão sua candidatura ao ministério com perguntas inquietantes e mensagens contraditórias.

Um conselho para homens solteiros

Bem, homens solteiros, ouçam-me. Imagino que vocês estejam sentados e prontos para abandonar este capítulo e, talvez, até sua chamada ao ministério, porque estamos falando sobre vida familiar, e vocês não têm esposa nem filhos. Eu lhes pouparei os comentários costumeiros dirigidos a homens solteiros — Jesus era solteiro, Paulo era solteiro, etc. — para fazer dois comentários que lhes podem ser mais proveitosos neste processo.

A sua chamada fará uma reivindicação à sua esposa e à sua família.

A grande maioria dos homens no ministério são casados, e isso talvez inclua você. Por isso, é melhor saber que a sua chamada fará uma reivindicação à sua esposa e à sua família. Quando você embarcou no bom navio do *Ministério*, as passagens também foram emitidas para sua futura esposa e seus filhos. Vocês partiram juntos nesta viagem. Assegure à sua esposa de que você é excelente em conhecer o navio. Ela não precisa de uma chamada independente para navegar, mas precisa realmente saber que está casada com um homem que está numa viagem. Ela deve estar preparada a dizer: “Aonde quer que fores, irei eu e, onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus” (Rt 1.16).

No entanto, aqui está algo mais que você deseja compreender. Quero que você veja este capítulo não como uma chamada a que corra e se case, e sim como uma chamada a viver sob o princípio de liderança bíblica que deve guiar todo o resto de sua vida: você liderará com base em quem você é em particular. Agora mesmo, talvez você esteja vivendo com colegas de seminário ou com seus pais. No futuro, será com uma esposa e provavelmente com filhos. Mas você tem de aprender a viver e liderar de dentro para fora. Como disse John Kitchen: “A vida que você leva em particular determina o ministério que você pode ter em público”.^[1]

O laboratório de liderança

Pense nisto. Por que você acha que a Escritura direciona nossa atenção para o lar? Duas razões vêm à nossa mente:

O lugar mais difícil para vivermos a vida cristã

Sei que a vida militar tem seus desafios peculiares; a vida política oferece tentações indizíveis, e a carreira corporativa traz provações diárias para os cristãos. Entretanto, estou firme nesta proposição: o lar é o lugar mais difícil para vivermos a vida cristã. É um lugar único.

Pense nisto. Não há nenhum outro lugar onde expectativas elevadas (amar sua esposa como Cristo amou a igreja) se deparam com um desejo de ser negligente. Não há nenhum outro ambiente em que um papel estratégico (pai) enfrenta distração deste papel (entretenimento). Não há outro instrumento pelo qual o coração humano é descortinado — as pessoas se deparam com o verdadeiro você. Mostre-me outro lugar onde tudo isso acontece 24 horas por dia, 7 dias por semana, e do qual tenho certeza de que nunca sairei.

Há, porém, algo mais. O lar oferece a maior exposição que revela se você satisfaz as qualidades de caráter para o ministério apresentadas nas Escrituras. Nesse sentido, o lar é essencial à análise da chamada. Acho que isso acontece porque Deus sabe algo que ignoramos frequentemente. Você pode fingir no trabalho ou se mostrar religioso na igreja, mas sua família sabe e revela a sua verdadeira condição.

No lar, ninguém é impressionado por realizações, posição ou renda.

Meu lar tem o Davi na versão rude, não editada. Minha filha me disse, outro dia, que havia se encontrado com alguém que se referira a mim como um autor. Ela me disse que nunca pensava em mim dessa maneira, e isso é uma prova positiva de que ela lê realmente o que tenho escrito. Mas penso que ela também queria dizer que não me vê primeiramente por meio dos papéis que eu desempenho fora do lar como pastor, palestrante ou escritor. Você percebe: no lar, ninguém é impressionado por realizações, posição ou renda. Para ela, eu sou apenas o papai, o irmão crente, o colega pecador, o homem que os cumprimenta no corredor toda manhã, ora por eles à noite e nunca acha

suas chaves.

Sim, há tempos em que todos desejamos que nossos familiares não esqueçam que somos pastores. Mas isso é artificial, porque o que fazemos *lá fora* não é geralmente o que somos no lar. Nossa família nos vê na rotina da vida, combatendo maus hábitos, atravessando conflitos, confiando em Deus quanto às finanças — quem nós realmente somos. É a experiência sincera da vida real que faz do lar um lugar difícil para vivermos o que cremos. Mas também se constitui uma grande exposição de nossa liderança. John MacArthur, que conhece a Bíblia e pastores, conhece também este assunto:

Se você quer saber se um homem vive uma vida exemplar, se ele é firme, se pode ensinar, ser um exemplo da verdade e pode levar pessoas à salvação, à santidade e a servir a Deus, então, observe o mais íntimo de todos os relacionamentos desta vida e veja o que ele faz ali. Olhe para a sua família e você achará as pessoas que o conhecem melhor, que o escrutinizam mais de perto. Pergunte-lhes que tipo de homem ele é.^[2]

Onde a liderança começa

Em 1 Timóteo 3.5, Deus apresenta uma pergunta não porque está à procura da resposta. Ele já sabe a resposta. Deus quer apenas assegurar que os futuros pastores também a saibam. “Pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?” (1 Tm 3.5).

Em palavras simples, ele não sabe — não deve. O lar é o lugar onde a sua liderança começa.

Há certa sabedoria popular nesta lógica. Se não funciona no lar, por que levá-lo à rua? Como diz a nota de rodapé da Bíblia de Estudo ESV, “o lar é o campo de prova do caráter cristão e, por isso mesmo, o campo de preparação para o ministério”.^[3] Ou, dizendo isso em outras palavras, o lar é o laboratório para o homem chamado; é o lugar em que sua habilidade de aplicar o evangelho à vida dos outros pode ser medida.

Os puritanos chamavam os lares de “pequenas igrejas”. A implicação é clara: o meio mais imediato para determinarmos se um homem é qualificado para liderar ou plantar uma igreja é avaliarmos

quão eficazmente ele está liderando seu principal membro (sua esposa) e sua principal congregação (seus filhos).

Assim como o lar é o lugar mais difícil para vivermos a vida cristã, assim também o lar é o lugar mais difícil para o pastor aplicar o evangelho à vida dos outros. Por quê? Bem, para mim, visto que o evangelho é o meu instrumento de trabalho — estou trabalhando com ele todo o dia — estou pensando: *preciso realmente trazê-lo para o lar?* Além disso, podemos oferecer aos membros da igreja a esperança e a instrução do evangelho, confiantes de que Deus pode mudar o coração no passar do tempo. No lar, não estou buscando mudança gradual de coração. Estou procurando que as coisas sejam diferentes agora mesmo. (O evangelho não me promete isso, embora eu possa desenvolver alguma lei e culpa que insiste nisso.) O problema é que minha família pode me ouvir gentilmente instruindo e encorajando pessoas na igreja e perguntar que tipo de bagunça precisam criar para conseguirem que me relacione com eles da mesma maneira, no lar.

Irmão, permita dar-lhe uma sugestão. Se você quer ministrar fielmente o evangelho na igreja, tem de ministrá-lo primeiramente no lar. E isso significa que o evangelho precisa penetrar seu coração e sua vida mais do que tudo. Se você é capaz de ajudar sua esposa e seus filhos a entenderem e a se apropriarem do evangelho, Deus pode realmente estar chamando-o a cuidar da igreja.

Lembro-me de fazer parte de um culto de ordenação em que pediram à esposa de um pastor que falasse sobre o seu esposo. Ela compartilhou os efeitos do exemplo de seu marido, inspirado no evangelho, sobre ela e sobre os filhos. Ela disse: “Ele é o mesmo no lar como o é na igreja. Não há padrões duplos, nem duplicidade. Se você filmasse nossa família, não veria surpresas”. As palavras da esposa testemunharam, em voz alta, sobre a vida daquele homem. Disseram coisas valiosas à igreja, tanto sobre a liderança daquele homem quanto sobre o Deus que ele era chamado a representar.

Se você quer ministrar fielmente o evangelho na igreja, tem de ministrá-lo primeiramente no lar.

No que diz respeito a esclarecer a chamada, *o lar oferece uma evidência primária e permanente de uma chamada pastoral*. Para cada homem que é potencialmente chamado por Deus a este ofício nobre, a igreja perguntará sabiamente: como está o seu lar?

Saiamos do geral para o específico. Dave, no que concerne ao lar, *em que Deus está especificamente interessado?* Grande pergunta. Vejamos juntos a resposta.

Um casamento exemplar

Ora, não pule do trem aqui. Quando eu digo exemplar, não estou dizendo sem falhas. Se um casamento sem falhas fosse o padrão, todas as igrejas teriam de demitir seus pastores, começando pela minha. Exemplar significa servir como exemplo ou ilustração de algo.

De acordo com a Bíblia, todo casamento cristão é uma figura ou parábola que aponta para a grande realidade do amor de Cristo pela igreja (Ef 5.32). Esta é uma verdade admirável que merece nossa atenção dobrada, mas não aqui e não agora. Visto que este não é um livro sobre casamento, eu me limitarei a isto: o casamento de um crente dá testemunho desta outra realidade gloriosa.

Kimm e eu tivemos um conflito recentemente. Eu tinha uma opinião diferente a respeito da criação de um de nossos filhos. Era uma questão de nuance, aquilo em que a maior parte da paternidade se desgasta. Bem, ela compartilhou sua opinião, e eu não fiquei contente. Ora, visto que este é um livro para homens e todos fazemos parte deste clube, posso afirmar algo livremente. Todo esposo supõe que, quando os outros discordam dele, estes precisam de que ele fale mais alto e mais extensamente. Foi isso que eu fiz.

Eu ainda não havia compreendido o que minha esposa não entendia a respeito de minha abordagem. Mas, felizmente, Deus me mostrou, mais uma vez, com paciência, minha ira (“Como ela duvida do pastor?”) e estupidez (fazer algo que nunca tinha dado certo antes como se de repente viesse a dar certo). Portanto, aprendi uma lição e acho que cresci um pouco. A única coisa que eu não fiz naquela situação foi estabelecida como um exemplo — a menos que você esteja pro-

curando um grande exemplo de estupidez irada. Isso foi exemplar!

Veja 1 Timóteo 3.2: “É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher”. “Irrepreensível” age de maneira interessante nesta seção da Escritura. Parece resumir as outras qualidades que Paulo delineia. Não creio que seja exagero entendermos “irrepreensível” como de valor abrangente que define e aprimora cada outra qualidade. Esta palavra evoca um padrão de vida que recomenda, e não condena, o evangelho glorioso.

Não é por acaso que depois desta palavra a primeira coisa listada — “esposo de uma só mulher” — se refira ao importante assunto de casamento. O mesmo padrão é observado em Tito 1.6: “Alguém que seja irrepreensível, marido de uma só mulher”. Não importando o que possamos inferir disso, ser irrepreensível é uma qualificação essencial ao pastorado, e, quando Deus a aplica, ele o faz primeiramente no casamento.

Ser irrepreensível é uma qualificação essencial... e, quando Deus a aplica, ele o faz primeiramente no casamento.

“Esposo de uma só mulher” significa apenas “sem concubinas”. Algumas comentadores bíblicos traduziram a expressão grega *mias gynaikos andra* por, literalmente, “um homem de uma única mulher”. Aprecio isso! Se isso não é um tema perfeito para música sertaneja, então, não sei o que é. Embora as interpretações variem, esta expressão grega parece incluir, pelo menos, uma ideia básica — o pastor é fiel à sua esposa. Isto significa que ele não tem várias esposas, outros relacionamentos sexuais ou qualquer coisa que possa trazer vergonha ao seu casamento.^[4] “Neste ponto de vista”, diz Gordon Fee, “exige-se do *presbítero* que ele tenha uma vida conjugal exemplar, fiel à sua única esposa em uma cultura em que a infidelidade conjugal era comum e, às vezes, admitida”.^[5]

Como você pode ver, a questão não é se o casamento do pastor exemplificará algo — isso é pressuposto. O casamento é uma figura de Cristo e a igreja. A única questão aqui é: quão bom será o exemplo?

Deus chama o pastor a ser modelo no matrimônio. Se você é chamado, isso se manifestará no casamento.

Uma esposa apoiadora e responsável

As pessoas amam a minha esposa. Estou falando sério e não estou dizendo isso apenas porque ela é minha esposa. Ela tem uma personalidade que ilumina o lar. Convites para viajar e pregar dizem geralmente: “Traga Kimm. Se você não puder vir, mande-a”.

Isso não é apenas uma coisa pessoal. Kimm ama o que Deus me chamou a fazer. Ela gosta muito de mandar-me para longe e receber-me de volta em fraqueza. Pela maneira como Kimm vê as coisas, a minha chamada ao ministério era um pacote que continha dois itens.

Sejamos realistas. É quase impossível sermos bem sucedidos no ministério se temos uma esposa que não está envolvida. Devemos lembrar: o ministério não é um passo na carreira para algo maior. É uma chamada para vermos o evangelho conectado com as pessoas e com os problemas. Para que o ministério funcione bem, sua esposa precisa estar convencida de que você é chamado a ministrar e de que ela é chamada a segui-lo no ministério.

O ministério faz reivindicações à esposa do pastor. Não é algo do que um marido possa ou deva isolá-la. Veja 1 Timóteo 3.2: um presbítero tem de ser “hospitaleiro”. É difícil ser hospitaleiro — que significa basicamente usar seu lar para amar os outros e servi-los — com um esposa não apoiadora. “Minha esposa gostaria muito de estar aqui esta noite, mas ele não se sente realmente dotada para este tipo de coisa. E, além disso, é a noite de lazer dela.” Eu não penso assim.

Mas há outra parte nisto. Olhe o versículo 11. Se você concorda com a ideia de que Paulo está se referindo à esposa do diácono (com a qual eu concordo), então, surgem mais algumas especificações: respeitáveis, não maldizentes, temperantes e fiéis em tudo. O que estou dizendo é que, se estas qualidades se aplicam à esposa do diácono, não é exagero entendê-las como se aplicando também à esposa do pastor ou do plantador de igreja. O homem pode ser chamado, mas essa chamada alcança tanto o marido quanto a mulher. Descobrir que uma avalia-

ção completa para o ministério vai além do esposo e inclui ela mesma pode ser um tanto inquietante para uma esposa.

Ora, talvez você esteja dizendo: “Eu me sinto inequivocamente chamado, mas minha esposa não se sente!” Você pode surpreender-se com o fato de que muitos homens começam nestes termos. Meu conselho é este. Não fique ansioso, mas atente à oportunidade. Dê evidência de sua chamada na maneira como você pastoreia a sua esposa. Cuide dela, responda suas perguntas, seja paciente, procure a ajuda de outros, orem juntos, inspire a fé de sua esposa, seja mais paciente. Se a chamada existe, a esposa segue.

Descobrir que uma avaliação completa para o ministério vai além do esposo e inclui ela mesma pode ser um tanto inquietante para uma esposa.

Aqui está outra aplicação que você talvez queira considerar. Embora tanto o marido quanto a mulher precisem estar na mesma posição quanto à chamada, a chamada é apenas para o homem. Você observa este padrão nas Escrituras? A chamada foi para Moisés, Paulo, Timóteo... e podemos ver o quadro todo. Se não vemos isto com clareza, há duas maneiras como os problemas podem acabar. Uma maneira é que uma esposa pode ter seu próprio senso de chamada envolvido num papel de liderança não oficial na igreja. Para algumas esposas, isto pode despertar uma ambição errada por ser vista na igreja como uma líder implícita. Outras esposas podem viver sob expectativas esmagadoras. Apenas porque compartilham a cama com o pastor, elas podem se sentir pressionadas a desempenharem uma função na igreja ou serem modelo de algo que não têm graça suficiente para fazer.

E, se você é solteiro, mas ouve a chamada, ofereço-lhe este conselho: escolha com sabedoria! Não creio que alguém pode aprimorar a maneira como Charles Bridges destaca este ponto em sua obra clássica *O Ministério Cristão*: “Quão momentosa é, portanto, a responsabilidade da escolha de casamento de um ministro”.^[6] É realmente momentosa. Então, escolha uma mulher que ama a Deus, ama o evangelho e

ama a igreja. Uma mulher que seguirá um homem como você até aos confins da terra.

Filhos obedientes e fiéis

Muito bem, cinja os lombos, porque aqui vem a seção mais delicada. Neste ponto, você é instruído de que, se é chamado para o ministério, Deus o considera responsável por certas coisas a respeito de seus filhos que podem ser difíceis de avaliar.

No entanto, refresquemos nossa mente com a verdade sobre a graça que você já recebeu. Estas listas nas Epístolas Pastorais não são, primeira e principalmente, um padrão pelo qual os pastores em exercício devem estar analisando minuciosamente a sua vida. Se este é seu caso, desça do carrossel de condenação agora mesmo. Em vez disso, estas listas são sinais da chamada, evidências de que a graça de Deus está em operação num homem, posicionando-o para plantar igrejas ou para pastorear. As listas são dadas primariamente como “o que devemos ver ao selecionarmos um pastor” e não como “os pastores têm de ser todas estas coisas em todo o tempo ou são imediatamente desqualificados”. Paulo está dizendo que, se você é chamado ao ministério pastoral, isso ficará evidente para os outros por meio de sua liderança no lar e pelo comportamento de seus filhos.

Então, com isso esclarecido, eis como 1 Timóteo e Tito descrevem a paternidade de um homem chamado:

- “criando os filhos sob disciplina” (1 Tm 3.4)
- “que tenha filhos crentes que não são acusados de dissolução, nem são insubordinados” (Tt 1.6)

Ora, antes que você jogue isso fora em desespero, porque não sabe se seus filhos são convertidos, deixe-me oferecer algumas sugestões pastorais que devem reformular o modo como lemos estas passagens. Primeiramente, lembre nosso ponto anterior sobre graça antecedente. Se Deus o chamou para o ministério, ele supre a graça para a paternidade frutífera.

Em segundo, até o melhor plantador ou pastor de igreja do mundo não pode regenerar o coração de seu filho. Você não pode induzir um filho à conversão, como não pode induzir pessoas à salvação. Afir-mamos a regeneração pelo poder de Deus, e não pelo exercício da pa-ternidade. Mas somos chamados a fascinar nossos filhos com Jesus, a deleitar-nos no evangelho e a treiná-los fielmente, fazendo tudo isso enquanto confiamos que o Espírito aja em nossos filhos. E ele age!

Por fim, como você talvez possa dizer, sou do círculo que afirma que “crentes”, em Tito 1.6, significa literalmente “fiéis” ou submissos aos pais;^[7] e a próxima frase concernente a “dissolução” ou a “insu-bordinação” qualifica o que Paulo está dizendo aqui. Em outras pala-vras, os filhos são submissos, não se dão a um estilo de vida dissoluto, à dissipação e à rebeldia contra seu pai.^[8] Esta passagem se dirige cla-ramente aos filhos que vivem no lar.^[9]

Gosto realmente da maneira como a igreja de John Piper, Bethle-hem Baptist Church, lida com este assunto:

Tito 1.6 diz que os filhos dos presbíteros devem ser *pista* (fiéis). *Tekna* é, no grego, a palavra neutra que expressa o significado de “filhos”, e *pista* concorda com ela. Então, o texto diz “filhos fiéis”.

Ora, se você torna absoluta a ideia de que “eles têm de ser crentes”, en-tão, eu não somente teria de renunciar, mas também cada pastor teria de renunciar até que seus filhos se tornassem crentes. (Eu lhe apresentarei um dos argumentos contra essa ideia. Os filhos se tornam crentes, eles não nascem crentes — a menos que você sustente uma opinião muito in-comum sobre o batismo, como alguém que batiza infantes.)

Então, a ideia seria que você não pode ser pastor enquanto eles não se tornarem crentes — quer dizer, ninguém que tenha filhos menores de seis anos poderia ser um pastor. Outro entendimento seria que, se eles professam a fé e, depois, se afastam da fé, você tem de deixar o pastora-do...

Portanto, não penso que o propósito destas estipulações em 1 Timóteo e Tito seja levar à renúncia imediata de pastores, e sim discernir se um ho-mem tem maturidade e habilidade para liderar uma família bem ordena-da. Essa é a razão de ser do texto.^[10]

Com isso em mente, eis algumas implicações que todo homem que tem filhos deve considerar ao pensar em sua chamada.

A paternidade fiel pode ser vista geralmente pelos frutos na vida dos filhos.

A ideia simples da Escritura é que a paternidade fiel pode ser vista geralmente pelos frutos na vida dos filhos. Os filhos podem oferecer um meio para você verificar o gerenciamento do lar e, por isso, ajudá-lo a saber se está sendo chamado para liderança na igreja (1 Tm 3.5). Lembre: as listas não são dadas primeiramente como um instrumento de avaliação para descobrirmos se um homem é desqualificado, e sim para nos mostrar o que devemos procurar naqueles que aspiram ao ministério pastoral. Deus nos convida a um exame mais atento dos filhos porque os pais são tão predispostos a exagerar a respeito de como estão agindo. “Talvez em nenhum outro lugar”, diz Charles Bridges, “somos tão sujeitos a autoengano ou tão pouco abertos a convicção como na maneira como administramos nossos filhos”.^[11]

À luz destas verdades bíblicas, emerge um perfil de paternidade para o homem chamado ao ministério:

- Com submissão: ele deve liderar de uma maneira que seus filhos sigam enquanto estão sendo pastoreados em direção à sua própria fé no Salvador. De maneira geral, eles se conformam aos padrões de comportamento e valores que o pai estabelece (embora estes padrões não devam ser vistos como algo que se aplica somente aos filhos de pastores).
- Não aberta à acusação de dissolução ou de insubordinação: ele deve liderar de uma maneira que retém sua influência para as decisões morais, mantendo sabiamente diante dos filhos as bênçãos que provêm de ser criado em um lar de pastor.
- Ele deve liderar em comunidade: isto está implícito na pressuposição da Escritura de que a igreja observa o comportamento de nossos filhos — e, de maneira correta ou incorreta, deduzirá certas coisas desse comportamento. Estas passagens implicam também que o pastor está aberto à observações dos outros a respeito de como a sua família está

indo.

Encaremos a realidade. Um homem chamado não regenerará o coração de seus filhos. Mas ele pode edificar um lar em que respeito, obediência e uma orientação voltada para Deus se tornam parte da cultura da família. A ordem desse lar dá testemunho da capacidade de um homem para celebrar e aplicar o evangelho.

Assim como a igreja nunca será perfeita e pode até causar razoável consternação ao pastor em certos momentos, o lar de um pastor não é imune às operações do pecado na vida e nos relacionamentos. Mas como um homem lida com as provações de sua família — onde ele busca ajuda, em que ele confia para fazer a diferença, o que ele está disposto a sacrificar pelo bem de outros — isso dirá muito sobre como um homem administra uma igreja. “A exigência concernente a ‘governar bem sua própria casa’ é especialmente importante”, diz Vern Poythress, “porque as mesmas habilidades e sabedoria necessárias para a boa administração da família se aplicam também à administração da casa de Deus”.

Conclusão

Um casamento exemplar, uma esposa apoiadora e filhos fiéis se unem para mostrar um sinal imprescindível da chamada: um lar que é bem governado (1 Tm 3.4). Um homem não precisa ser perfeito para ter um lar bem governado, mas, sem dúvida, ele tem de ser diligente. Parte da razão por que um lar bem governado é um critério proveitoso é que isso exige a maioria das outras qualidades para produzi-lo. É difícil ter um lar bem governado se você não tem autocontrole, ou é arrogante, ou irascível, ou um beerrão. Nesses casos, a tripulação se amotina muito antes de o navio deixar o porto para a sua viagem.

Um homem chamado... pode edificar um lar em que respeito, obediência e uma orientação voltada para Deus se tornam parte da cultura da família.

Isto é muito admirável. Deus planejou o ministério cristão de modo que ele é mais eficaz e exalta mais a Deus quando o ministério resulta e dá testemunho de nossa vida no lar. A família se torna um sinal da chamada.

Então... como está a sua família?

Para estudo adicional

Deus, Casamento e Família, Andreas J. Köstenberger e David W. Jones

Biblical Foundations for Manhood and Womanhood, Wayne Grudem, editor

Pastoreando o Coração da Criança, Tedd Tripp

[1] John Kitchen, *The Pastoral Epistles for Pastors* (Woodlands, TX: Kress, 2009), 132.

[2] John MacArthur Jr., "The Character of a Pastor", em *Rediscovering Pastoral Ministry: Shaping Pastoral Ministry with Biblical Mandates*, ed. John MacArthur Jr. (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1995), 91.

[3] *ESV Study Bible* (Wheaton, IL: Crossway, 2008), em 1 Timóteo 3.4–5.

[4] "Negativamente, a expressão proíbe todo desvio da fidelidade, do casamento monogâmico", Alexander Strauch, *Biblical Eldership* (Littleton, CO: Lewis & Roth), 192. Para um estudo adicional sobre este assunto, ver a perspectiva de João Calvino sobre estas passagens em seus comentários sobre as Epístolas Pastorais (disponíveis em várias edições); George W. Knight, *The Pastoral Epistles*, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1992), 157–58; e William Mounce, *Pastoral Epistles*, vol. 46, em *Word Biblical Commentary*, ed. Bruce M. Metzger (Nashville, TN: Thomas Nelson, 2000), 170–73.

[5] Gordon D. Fee, *1 and 2 Timothy, Titus*, vol. 13, em *The New International Biblical Commentary*, ed. W. Ward Gasque (Peabody, MA: Hendrickson), 80.

[6] Charles Bridges, *The Christian Ministry* (London: Seeley and Burnside, 1830), 169.

[7] George W. Knight, em seu comentário sobre Tito 1.6, em *The Pastoral Epistles*, sugere que a descrição qualificadora dos filhos neste versículo "significa 'fiéis' no sentido de 'submissos' ou 'obedientes', como um servo ou mordomo é considerado... quando cumpre as ordens de seu senhor". Knight reconhece que "este entendimento proposto é contrário a um padrão consistente na tradução inglesa recente... mas as considerações acima parecem convincentes", 290.

[8] "O contraste é feito não entre filhos crentes e filhos não crentes, e sim entre filhos obedientes, respeitosos e filhos rebeldes e imoderados." Strauch, *Biblical Eldership*, 229. O que está em jogo, sugere Strauch, é "o comportamento dos filhos e não seu estado eterno".

[9] D. A. Carson: "Visto que os filhos estão sob o teto de seu pai, o bispo/presbítero precisa ordenar sua casa de modo que demonstre ser capaz de ordenar a igreja". Carson, *For the Love of*

God (Wheaton, IL: Crossway, 1998), leitura para 2 de novembro. John R. W. Stott: “O texto sugere que Paulo tinha a infância em mente. Porque, embora *tekna* (“filhos”) pudesse ser usada, em geral, para falar de posteridade e, ocasionalmente, de adultos, ela se referia usualmente aos mais novos que ainda estavam na menoridade (que varia em culturas diferentes) e eram, portanto, considerados como estando ainda debaixo da autoridade de seus pais”. Stott, *Guard the Truth: The Message of 1 Timothy and Titus* (Carol Stream, IL: InterVarsity, 1996), 176.

[10] John Piper, “Should a Pastor Continue in Ministry if One of His Children Proves to Be an Unbeliever?” (sermão, Bethlehem Baptist Church, 15 de maio de 2009). Disponível em <http://www.desiringgod.org/resourcelibrary/ask-pastor-john/should-a-pastor-continue-in-ministry-if-one-of-his-children-proves-to-be-an-unbeliever>. Acessado em 28 de janeiro de 2011.

[11] Bridges, *The Christian Ministry*, 166.

Uma História de Chamada

David Martyn Lloyd-Jones: Chamado a Pregar^[1]

Às vezes, a chamada para pregar vem acompanhada de um preço que pode parecer muito elevado. Essa foi a situação para David Martyn Lloyd-Jones quando lutava a respeito de sua chamada. DMLJ (como ele era conhecido por pessoas que tinham de escrever muito o seu nome) nasceu em Cardiff, no País de Gales, e cresceu em uma família de classe operária. Quando era menino, não tinha interesse por qualquer coisa, exceto esportes. Mas, de algum modo, na idade de 13 anos, ele chegou à inexplicável conclusão de que deveria ser um médico. Ele foi um excelente aluno na escola e, aos 17 anos, estava começando os estudos em medicina num prestigioso hospital-escola em Londres. Recebeu seu diploma de medicina e, sob a tutela de Lord Horder, tornou-se o médico do rei e o mais respeitado médico de seus dias. Numa época em que muitos homens jovens ainda tentavam descobrir como equilibrar suas contas, DMLJ avançava rapidamente em uma carreira profissional lucrativa e respeitada.

Mas, enquanto desempenhava sua função, se viu confrontado com a condição humana — e com a enfermidade incurável do pecado que afligia cada alma. Para a sua admiração, ele descobriu que o diagnóstico mais preciso estava sendo treinado nele mesmo. No período de dois anos em sua carreira médica, DMLJ foi trazido à saúde espiritual eterna pelo Grande Médico.

O mundo no qual ele começou a viver como novo cristão não era um solo fértil para o evangelho. Frequentar a igreja era uma parte regular da vida de muitas pessoas, mas isso era tudo. O cristianismo se tornara uma religião de fazer o bem, promovendo o progresso social e o potencial humano. Como um jovem crente, DMLJ procurou um mentor espiritual, mas não achou nenhum em sua profissão. Lord Horder

procurou mostrar-lhe tudo o que a carreira de médico poderia oferecer, mas, por fim, a vida vazia dos brilhantes e dos poderosos fez DMLJ perder o interesse pelo sucesso mundano. Foi nessa época que ele descobriu um ardente desejo de pregar Cristo para os perdidos.

Quase imediatamente o jovem doutor começou a se perguntar se deveria abandonar a medicina em favor da pregação. Por dois anos, um tempo de grande angústia espiritual, ele agonizou quanto à decisão. Ainda que as pessoas mais íntimas procurassem convencê-lo de que, como médico cristão, ele estava posicionado para realizar o maior bem temporal e espiritual, DMLJ fez uma declaração solene de seguir seu senso de chamada ao ministério — mas, depois disso, entrou em dúvida profunda, que foi momentaneamente solucionada por uma renovada dedicação à profissão médica.

O dilema da chamada não desapareceu até que, por fim, ele resolveu deixar a medicina em favor do púlpito. Poucos anos depois, DMLJ revelou o segredo para esta decisão, conforme relatou àqueles que lhe perguntaram sobre a certeza da decisão:

Senti-me como se lhes estivesse dizendo: ‘Se vocês conhecessem mais sobre a obra de um médico, entenderiam. Gastamos maior parte de nosso tempo tornando as pessoas saudáveis para retornarem aos seus pecados!’ Eu vi homens em seu leito de enfermidade, lhes falava sobre a sua alma imortal, e eles prometiam grandes coisas. Depois, eles melhoravam e voltavam aos seus velhos pecados! Vi que estava ajudando estes homens a pecar e decidi que não faria mais isso. Quero curar almas. Se um homem tem uma doença física e sua alma está bem, em última análise ele está bem; mas um homem que tem um corpo sadio e uma alma oprimida está bem por sessenta anos ou mais, depois ele tem de encarar uma eternidade no inferno. Oh! sim, às vezes temos de desistir daquelas coisas que são boas em favor daquela que é a melhor de todas — a alegria da salvação e da novidade de vida.^[2]

Falado com a lógica impecável de um médico. Falado

com a preocupação intensa de um pregador! DMLJ deixou a medicina aos 27 anos de idade e passou os 30 anos seguintes como pastor da Westminster Chapel, em Londres. Ele pregou pela última vez em 1980, entrando na glória no ano seguinte, depois de décadas de proclamação fiel do evangelho. Seus sermões e instrução para pregadores ainda alimentam a igreja de Deus em nossos dias.

[1] A história de Lloyd-Jones é adaptada de Iain Murray, D. Martyn Lloyd-Jones: The First Forty Years (Edinburgh: Banner of Truth, 1982).

[2] Citado por Murray, D. Martyn Lloyd-Jones, 80.

6



Você Pode Pregar?

Como um baterista, Tommy levava o entusiasmo a um nível totalmente novo. Empoleirado atrás de sua bateria Yamaha de oito peças, vermelha, com dois tambores, este rapaz era um sucesso. Ele presidia o equipamento como um juiz da Suprema Corte — com excelência, domínio e ritmo. Fiquei fascinado.

Tommy tinha apenas 12 anos, mas tinha permissão de usar muñequeiras enquanto tocava, um símbolo claro de aprovação adulta, visto que essa forma de afirmação pessoal era desaprovada em nossa escola fundamental. Mas não para Tommy! Tommy podia rodopiar uma baqueta com uma mão, enquanto batia o contratempo com a outra. E, quando se virava para o tarol, era selvagem, quase violento. Tommy o atacava como se estivesse espancando o pobre tambor inconsciente.

Como um menino de dez anos chegando ao mundo da imagem pública, eu tive algo semelhante a uma revelação enquanto assistia ao Tommy: eu era chamado para tocar bateria.

Logo descobri que havia um grande problema com meu sonho: eu não tinha ritmo. E não aceitava isso. Quando o professor da banda foi amável ao ponto de ser honesto, eu lhe respondi com meu conhecimento de Motown e com minha disposição de trabalhar com empenho. Ele foi paciente, mas também foi claro em dizer que visão não era suficiente. “É uma questão de talento para bateria”, ele disse, “e você não tem nenhum”. Passei os dois anos seguintes lutando por algo que eu nunca possuiria. O que me faltava de talento, eu compensava com tocar bateria agressivamente mal.

Parecia uma combinação perfeita, a bateria e eu. Eu tinha visão e motivação. Os rapazes da banda até gostavam de mim. Mas o problema permanecia: eu tinha um desafio concernente a ritmo. Na vida de um menino de dez anos, a realidade raramente aparecia para uma visita. Mas, por um breve momento, eu ouvi a sua voz sensível e enten-

di a mensagem.

Se um cara não pode manter um ritmo, todo o desejo do mundo não o tornará um baterista.

Se você está se perguntando aonde estou querendo chegar com isto, deixe convidar o Príncipe dos Pregadores para fazer a conexão. “Cavalheiros”, dizia Charles Spurgeon, “se você não pode pregar, Deus não o chamou para pregar”.^[1] E isso nos remete à pergunta no título deste capítulo.

Se um cara não pode manter um ritmo, todo o desejo do mundo não o tornará um baterista.

Agora, vamos dar um passo além e, por isso mesmo, inspecionar o terreno que já percorremos. Por uma boa razão, você percebeu que o evangelho é enfatizado neste livro. Além disso, vimos de novo como o evangelho pega tolos completos, que vivem na morte e adoram ídolos e os transformam em filhos de Deus, discípulos e adoradores — embaixadores do reino de Deus. Também vimos como tudo que entendemos sobre a natureza da chamada para o ministério tem de ser definida com base nesta transformação dinâmica que ocorre por meio da chamada de Deus no evangelho. Isto é algo realmente extraordinário.

Nossa conversão por meio do evangelho é mais do que simplesmente uma passagem para o céu; é também uma experiência catalisadora. Não somente fomos vivificados “juntamente com Cristo” (Ef 2.5), mas também fomos salvos “para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Ef 2.10). Você assimilou isso? Por causa do evangelho, há *boas obras que devemos fazer*. E isto é especial e intensivamente verdadeiro para os homens que Deus chama para liderarem a igreja. Quando Deus chamou Barnabé e Saulo para plantarem igrejas, isso não era um retiro espiritual. Deus foi bem claro — isto era *obra*: “Separai-me, agora, Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado” (At 13.2).

Nos próximos capítulos, enquanto continuamos a considerar o que é exigido do homem chamado por Deus, nos moveremos das qua-

lificações de caráter para as capacidades para a obra reveladas nesse homem pela graça de Deus. Neste capítulo, examinaremos a mais gloriosas destas capacidades. O homem divinamente chamado é capacitado por Deus para liderar por meio do maravilhoso ministério da pregação.

Acima de tudo, pregue

Se você fosse listar todas as qualificações dos presbíteros com base no Novo Testamento, ela representaria uma lista pouco extraordinária. Não insignificante e, sem dúvida, longa, mas não impressionante. Acredito que estou falando que as mesmas coisas esperadas dos presbíteros são recomendadas para os outros cristãos nas passagens da Escritura. E, mais, elas são todas a respeito de caráter, exceto uma: o homem tem de ser “apto para ensinar” (1 Tm 3.2). Esta é a única habilidade ou talento inegociável na lista de exigências para liderança. Paulo a expõe um pouco mais para Tito: “Apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem” (Tt 1.9).

Há uma porção de coisas que um pastor *deve* ser apto a fazer. Entretanto, há claramente uma coisa que ele *tem de* ser apto a fazer para manter o ofício. Ele tem de ser apto para pregar.

Ambas as passagens acham um resumo solene na última epístola que Paulo escreveu antes de sua morte: “Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina” (2 Tm 4.1-2).

A Bíblia estabelece uma ligação inseparável entre pregar (ou ensinar) e pastorear.

Não sei o que você pensa sobre isto, mas, se Paulo quisesse atrair

minha atenção para um anúncio importante, acho que ele não poderia fazê-lo com alguma coisa melhor do que “Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, *pela* sua manifestação e *pelo* seu reino”. Com essa introdução, você sabe que algo muito importante está prestes a ser revelado.

E o que é esse algo? Prega a Palavra! Isso é o que, em última análise, define o ministério. Há muitas necessidades que exigem a atenção de um pastor e muitas vozes que clamam por seu tempo. Mas a prioridade de um pastor é pregar. Em tempo ou fora de tempo, não importa. Os pastores têm de pregar incessante, corajosa e pacientemente, cumprindo seu encargo como aqueles que são responsáveis pela própria Palavra de Deus. As suas igrejas são o rebanho, e eles são os pastores. O mandamento de Cristo para os pastores é o mesmo que ele deu a Pedro: “Apascenta as minhas ovelhas” (Jo 21.17).

A Bíblia estabelece uma ligação inseparável entre pregar (ou ensinar) e pastorear. Para ser um presbítero, você tem de ser capaz de ensinar; e, se você é um presbítero, tem de ensinar. Embora o Novo Testamento não cite nenhum dom específico de “pregar”, a proclamação pública da Palavra de Deus é inquestionável,^[2] posicionando claramente este nobre dever de “pregar a Palavra” no âmago do ministério pastoral. Essa é a razão por que Paulo afirma-o tão enfaticamente para Timóteo na última epístola que escreveu.

“A pregação fiel da Palavra de Deus”, escreve John MacArthur, “é o elemento mais importante do ministério pastoral”. Em seguida, ele explica:

O meio ordenado por Deus para salvar, santificar e fortalecer sua igreja é a pregação. A proclamação do evangelho é o que desperta a fé salvadora naqueles que Deus escolheu (Rm 10.14). Por meio da pregação da Palavra, vem o conhecimento da verdade que resulta em santidade (Jo 17.17; Rm 16.25; Ef 5.26). Pregar também estimula os crentes a viverem a esperança da vida eterna, capacitando-os a suportar o sofrimento (At 14.21-22).^[3]

O povo de Deus é guiado de maneira primária através do ministério público. É simples. Muitos homens amam a Palavra de Deus, po-

dem conduzir discussões eficazes, podem articular doutrinas com clareza ou são comunicadores que entretêm as pessoas. E estes homens têm um papel significativo a desempenhar na igreja de Deus. Mas a graça de Deus é expressa por meio do poder da pregação que transmite a verdade, convence os corações e estimula a fé em Deus quanto às promessas do evangelho. “Não importando o que vocês saibam”, disse Charles Spurgeon, “não podem ser ministros eficazes se não são aptos ‘para ensinar’”.^[4]

Se você é chamado a pastorear ou a plantar uma igreja, é chamado a pregar. Se você é atraído a pregar ou se não tem pensado muito em pregar, isso pode exercer alguma influência quanto a estar ouvindo ou não a chamada.

Pregar é proteção

Você já considerou por que a habilidade de proclamar eficientemente a Palavra de Deus é tão importante para os pastores? Veja a questão desta maneira. Se eu lhe perguntasse: qual era o problema preeminente nas igrejas do Novo Testamento?, como você responderia? Era moralidade tolerante? Era insensibilidade espiritual? Pouco zelo evangelístico? Era um impacto anêmico sobre a cultura ao redor? A resposta pode nos surpreender. É algo sobre o que não falamos com frequência em nossos dias. Estou falando de *falsos mestres e falsa doutrina*.

Você acredita nisso? Em todas as cartas do Novo Testamento, o escritor aborda, de alguma maneira, problemas doutrinários. Não estamos falando de pontos insignificantes de teologia, e sim de assuntos doutrinários que distorcem e pervertem o glorioso evangelho. Por quê? Porque entender o evangelho corretamente e mantê-lo correto é o segredo para ter a vida correta.

Os pastores protegem as pessoas por proclamarem e preservarem o evangelho. Eles garantem que o evangelho nunca seja aceito sem bases convincentes. Os riscos são muito elevados, como D. A. Carson ilustra:

Uma geração de menonitas amava o evangelho e acreditava que a implicação do evangelho estava em certos compromissos sociais e políticos. A geração seguinte aceitou esse evangelho inquestionavelmente e enfatizou os compromissos sociais e políticos. A geração presente se identifica com os compromissos sociais e políticos, enquanto o evangelho é confessado de maneira diferente ou rejeitado; ele não está mais no âmago do sistema de crenças de alguns que chamam a si mesmos de menonitas.^[5]

Mudança no evangelho foi um problema na igreja do século I e tem sido um problema através dos séculos da história da igreja. Por causa dessa ameaça constante, o presbítero tem de ser “apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina, de modo que *tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem*” (Tt 1.9). Paulo ressaltou esta exigência por meio de sua exortação pessoal a Tito: “Tu, porém, fala o que convém à *sã doutrina*” (Tt 2.1). A *sã doutrina* distingue a verdade do erro; estabelece o pregador na verdade, e a verdade, no pregador.

Pregar *sã doutrina* significa que você está mantendo o evangelho bastante claro e no cerne de tudo que você prega e faz. O homem chamado por Deus pode assimilar, em medida crescente, como o evangelho se conecta com a vida. Ele conecta adversidade, sofrimento, casamento, dinheiro, filhos, morte — as coisas da vida — tudo ao evangelho. Enquanto ele faz isso, o evangelho é integrado à igreja, e a igreja é integrada ao evangelho.

Infelizmente, nosso ponto de vista cultural sobre a pregação é formado amplamente pelo que vemos na TV. Ora, os homens (ou mulheres) que vemos na TV são comunicadores dotados. Alguns deles podem pregar — quero dizer que é difícil tirar meus olhos deles. Mas, se você examina a apresentação, a cadência, as palavras elaboradas cuidadosamente e o volume, não demora a compreender que uma presença magnética de TV não é suficiente. Um pregador precisa mais do que elocução. Precisa de conteúdo. Precisa do evangelho.

*Mudança no evangelho... tem sido um problema através dos séculos
de história da igreja.*

E, irmãos, não devemos pensar que apenas ser capaz de apresentar a doutrina, argumentá-la do púlpito e ilustrá-la a partir da vida real é o essencial. O evangelho não é só conteúdo. É conteúdo que revela Jesus Cristo. Se podemos pregar as verdades do evangelho de uma maneira que deixa as pessoas indiferentes em relação ao Salvador que enche o evangelho de significado, não estamos pregando o evangelho. Não proclamamos a verdade essencial. Nós levamos a “coisa grande e excelente”, disse Calvino, por causa da qual os líderes são “colocados sobre a igreja, para que representem a pessoa do Filho de Deus”.^[6]

Como os pregadores são feitos

Você já teve um GPS com um péssimo senso de direção? O meu é assim. Ou me odeia. Ou é possuído.

Recentemente, eu iria falar em uma reunião vespertina. Carreguei com atenção o endereço correto em meu GPS e segui a voz calma que me guiava através de um labirinto de ruas na cidade não familiar. A instrução final me deixou num terreno vazio na parte errada da cidade, olhando admirado para uma carcaça de carro em cima de blocos de cimento. Quando telefonei para um rapaz do lugar da reunião, ele me informou que eu estava 25 minutos distante. Foi nesse momento que ouvi meu GPS rir de mim.

Por isso, eu o esmurrei. Por que não? Existem poucas coisas mais inúteis do que um GPS com problemas de orientação.

Felizmente, como estamos descobrindo, a chamada para plantar ou pastorear igreja oferece um caminho mais claro. A chamada para pastorear é uma chamada para pregar. O processo será estimulante, mas não será sem esforços. Em 1910, perguntaram ao bispo William A. Quayle se pregar é “a arte de fazer um sermão e de comunicá-lo”. Ele respondeu: “Ora, não, isso não é pregar. Pregador é a arte de fazer um pregador e de comunicar isso”.^[7]

Se Deus está criando isso em você, prepare-se para um passeio. Certos desejos se moverão em seu coração, e surgirão circunstâncias que você nunca planejou. Eis algumas coisas que Deus fará em você e

exigirá de você, se estiver tornando-o um pregador.

Estude diligentemente

“Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2 Tm 2.15).

Paulo diz a Timóteo que procure *apresentar-se aprovado* em manejar a Palavra de Deus. Para manejá-la corretamente, precisamos estudá-la bem. A chamada coloca o estudo no topo da lista de “afazeres” do pastor.

Acredito que uma das razões por que Paulo faz disto uma prioridade é que o estudo nunca é um perturbador. Ele não lhe envia mensagens de texto e lhe pede um encontro para um cafezinho. Não enche seu e-mail de spam com ofertas que você não pode resistir, nem tenta contatá-lo online todos os dias. Se você não procura o estudo, ele não o procurará. A única maneira de procurar o estudo constantemente é aprender a amá-lo — querê-lo quando todas as outras coisas do ministério querem você.

Para cultivarmos um desejo permanente por estudo, precisamos criar uma biblioteca. Pense em uma biblioteca teológica como uma “faculdade de mestres” que estão comprometidos em ajudá-lo a fazer o seu melhor para manejar a Palavra da verdade. Escolha cuidadosamente os livros para a sua biblioteca, inclinando-se fortemente para aqueles que são respeitados há muito tempo. Consulte-os regularmente; não apenas coleciono livros, mas leia-os. Todo pastor que pensa que já tem todos os livros de que precisa para manejar a Bíblia se verá, por fim, naquela classe de pessoas que “se envergonham”, sobre as quais Paulo advertiu Timóteo. Essa é a razão por que eu sempre digo a quem aspira ao pastorado: *você tem de ler para liderar*.

Ler alimenta. Abre a nossa alma para uma extensa família de conselheiros. Você está descontente? Sente-se com Thomas Watson e ouça seu diagnóstico. Está vazio? Leia Edwards e fique cheio. Tem sido caluniado? Leia a biografia de Spurgeon e obtenha perspectiva. Está perplexo? Deixe Benjamim B. Warfield elucidar questões complexas com clareza bíblica, penetrante e teológica.

E leia não somente aqueles que já morreram. Quero dizer, pense nisto — há autores vivos agora que ainda serão lidos mesmo daqui a um século. Mas não precisamos esperar cem anos. Lê-los agora nos alimentará para que, por nossa vez, alimentemos outros.

Uma das últimas orientações de Paulo a Timóteo foi esta: “Quando vieres, traze... os livros, especialmente os pergaminhos” (2 Tm 4.13).

Quando o assunto de estudo faz parte das palavras finais de um homem, você sabe que o estudo se tornou muito importante para ele.

Se você ouviu a chamada, este assunto também será muito importante para você.

Esteja pronto para sofrer

Lutero disse que há três coisas que fazem um teólogo: *oratio* (oração), *meditatio* (meditação) e *tentatio* (tribulação).^[8] Acho que a mesma coisa pode ser dita dos pregadores. A descrição de Paulo sobre o ministério nunca constituiria um anúncio de um seminário: “Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos” (2 Co 4.8-9). Mas é a conclusão que Paulo extrai que achamos mais impressionante: “De modo que, em nós, opera a morte, mas, em vós, a vida” (2 Co 4.12).

É muito admirável, mas parece que Paulo concluiu que havia algum benefício transmitido aos coríntios pelo fato de que ele sofria. O sofrimento o colocou numa condição espiritual de liderar melhor, de ser uma voz mais confortadora: “Se somos atribulados”, disse Paulo, “é para o vosso conforto e salvação; se somos confortados, é também para o vosso conforto” (2 Co 1.6). Nesta passagem, Paulo fala sobre uma grande quantidade de conforto. E o mais importante é que ele está falando sobre um princípio de liderança que vem junto com a chamada. É Romanos 8.28 aplicado aos líderes: *Deus faz os sofrimentos*

do pastor cooperarem para o bem do povo.

John Piper é mais eloquente neste assunto do que eu mesmo poderia ser. Então, ouça como ele o expressa:

Deus nunca desperdiça a graça do sofrimento (Fp 1.29). É dada aos seus ministros conforme ele acha melhor, e seu propósito é a consolação e a salvação de nosso povo. Nenhum sofrimento pastoral é sem propósito. Nenhuma dor pastoral é sem objetivo. Nenhuma adversidade é absurda ou sem significado. Toda aflição tem seu alvo divino na consolação dos santos, mesmo quando nos sentimos menos úteis.^[9]

Eis a dedução: o conforto vem por meio da pregação de um homem afligido. Portanto, Deus ordenará provações para ajudar você a pastorear e a pregar. Eu sei que isto não é uma apresentação muito agradável do ministério. Afinal de contas, onde podemos ler uma descrição de um trabalho de engenheiro que diz: “Objetivo de Jó: sofrer para aprimorar habilidades de engenharia”? Mas, essa é a maneira como Deus arranhou as coisas para os pastores.

Você ainda quer estar no ministério?

Seja vigilante

“Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes” (1 Tm 4.16). Cuide de você mesmo. Cuide da sua doutrina. Persista nisto, e, assim, tanto você quanto os seus ouvintes serão salvos.

Uau! Sem dúvida, isto aumenta os riscos. De algum modo, há uma ligação entre a perseverança da igreja e o meu autoexame persistente. De fato, o meu autoexame precisa envolver não somente a minha vida, mas também o meu ensino. Permita-me dizer outra vez: *uau!*

A chamada para o ministério é uma chamada para vigiar. Avaliamos a nós mesmos, avaliamos o nosso ensino, pedimos que os outros nos avaliem e desfrutamos o escrutínio da igreja. Se, como Sócrates disse, “a vida não examinada não é digna de ser vivida”, então, o ministério tem de ser a vida elevada.

Eis a minha sugestão. Se você está lutando com o assunto de sua

chamada, comece a fazer a si mesmo algumas perguntas que perscrutam o coração. Convide outros a fazerem parte de sua vida e peça-lhes que vigiem também. Peça a seu pastor oportunidades de compartilhar a Palavra e, depois, solicite avaliação. Ache uma maneira de outros ajudá-lo a “cuidar” da sua doutrina.

Em nosso processo de plantação de igreja no ministério Sovereign Grace, temos uma ferramenta chamada e-5. O “e” significa essencial; portanto, estas são as cinco qualidades essenciais. Adivinhe qual é o fator principal e mais importante? Você o adivinhou — pregação! Mas a ferramenta é específica em alguns aspectos diferentes da pregação que nos ajudam a avaliar a experiência do ouvinte. Dê uma olhada:

- O fator *evangelho*: a pregação do homem está movendo as pessoas em direção ao evangelho.
- O fator *Bíblia*: ele tem uma aptidão para doutrina? Ele faz exegese competente das Escrituras?
- O fator *entusiasmo*: as pessoas ficam animadas quando ouvem que ele está escalado para pregador?
- O fator *pessoas*: ele comunica de uma maneira que ajuda as pessoas? As pessoas dizem que se sentem como se ele as entendesse e relacionasse a Bíblia com os problemas que elas enfrentam?
- O fator *coesão*: as mensagens dele são claras e fáceis de ser acompanhadas?
- O fator *convidado*: os visitantes são inclinados a voltar e a ouvi-lo pregar de novo? Os sermões dele tornam o evangelho claro para os não crentes?

Há outros fatores, mas você captou a essência.

Se você não têm muitas oportunidades de pregar, talvez deva examinar como esse tipo de ferramenta se aplica à maneira como você lidera um estudo bíblico ou uma reunião de oração. Você lidera a adoração? Como os seus comentários pregam entre as canções? Você pode até pensar nisto, se realiza muito ministério ou aconselhamento pessoal.

O povo de Deus precisa de pregadores

Os campos de hoje clamam por homens que podem organizar pensamentos e comunicar doutrina de maneiras que revelam a glória de Deus e despertam afeições correspondentes. Deus está chamando homens que possam falar sua Palavra em harmonia com ele — homens que usam a linguagem com habilidade, como um médico escolhe sabiamente o melhor tratamento depois de estudar a infecção. Seja na pregação ou no aconselhamento, estes homens tornarão a Palavra de Deus clara, compreensível, convincente e aplicável. Afinal de contas, eles são embaixadores de Deus, embaixadores comprometidos com o dever de tornar clara e eficaz a mensagem daquele que os enviou.

Se você está lutando com o assunto de sua chamada, comece a fazer a si mesmo algumas perguntas que perscrutam o coração.

O pregador da Palavra de Deus atrairá pessoas e elevará sua visão de Deus. “Ser capaz de reunir uma congregação”, disse Charles Chaney, “é o selo da chamada de alguém”.^[10] E o que leva uma congregação a se reunir em volta desse líder chamado é a pregação eficaz. Este fenômeno — o reunir e o retornar das pessoas para ouvir nossa exposição — é uma confirmação bíblica e confiável de nossa chamada. É também a razão por que a igreja, pela graça de Deus, fará apropriadamente uma pergunta franca a respeito de você e de um homem potencialmente chamado por Deus para o ministério: ele pode pregar?

Para estudo adicional

Pregação Cristocêntrica, Bryan Chapell
A Supremacia de Deus na Pregação, John Piper
Between Two Worlds, John R. W. Stott
Pregação e Pregadores, D. Martyn Lloyd-Jones

-
- [1] Charles H. Spurgeon, citado por Fred Smith, em *Learning to Lead: How to Bring Out the Best in People* (Waco, TX: Word, 1986), 23.
- [2] Mt 4.17; Mc 1.14; Lc 4.43; At 14.21–22; 1 Co 1.17–25; 1 Tm 4.13–14 e 2 Tm 4.1–4, citando apenas algumas passagens.
- [3] John MacArthur Jr., “Preaching”, em *Rediscovering Pastoral Ministry: Shaping Pastoral Ministry with Biblical Mandates*, ed. John MacArthur Jr. (Dallas, TX: Word, 1995), 250.
- [4] Charles H. Spurgeon, *Lectures to My Students* (London: Passmore and Alabaster, 1877), 28.
- [5] D. A. Carson, citando um líder menonita, em Melvin Tinker, *Reversal or Betrayal?* (Lewes, UK: Berith, 1999), 271.
- [6] João Calvino, comentário sobre João 3.29, citado por Charles Bridges, *The Christian Ministry* (London: Seeley and Burnside, 1830), 15.
- [7] Citado em Darrell W. Johnson, *The Glory of Preaching: Participating in God’s Transformation of the World* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2009), 172.
- [8] *Oratio, meditatio, tentatio faciunt theologum* — isto era um tema frequente em Lutero. Por exemplo, no prefácio da edição de Wittenberg dos escritos de Lutero (1539), ele afirma que no Salmo 119 nós “achamos três regras apresentadas em todo o salmo. Elas são *oratio, meditatio, tentatio*”.
- [9] John Piper, “Brothers, Our Affliction Is for Their Comfort”, em *The Standard*, December 1982, 28–29.
- [10] Charles L. Chaney, *Church Planting at the End of the Twentieth Century* (Carol Stream, IL: Tyndale, 1993), 227.

Uma História de Chamada

James Montgomery Boice: Um Pastor na Cidade^[1]

James Montgomery Boice foi um pastor chamado para a cidade. Nascido em Pittsburgh, em 1938, ele tinha 30 anos quando veio para o seu primeiro pastorado na Tenth Presbyterian Church, em Philadelphia. Embora fosse um erudito por treinamento, ele queria investir sua vida no ministério pastoral. E via a sua chamada para essa igreja não como um trampolim para outro ministério, e sim como um compromisso com as pessoas às quais ele fora chamado a servir.

Pastorear na cidade exigia um homem disposto a edificar uma igreja para o futuro, sem abandonar o seu passado. Ele entendeu seu lugar numa tradição de grande pregação e grande liderança na Tenth Presbyterian Church. Entretanto, ele veio para a igreja quando Philadelphia estava em decadência econômica e social. Membros muito antigos estavam deixando a cidade em busca de igrejas suburbanas mais seguras. Sob o ministério de Boice, a igreja construiu uma barreira espiritual. Criou ministérios para alcançar as diversas populações urbanas. A Tenth Presbyterian Church se tornou um lugar em que os pobres recebiam misericórdia, estudantes achavam comunhão, pessoas de negócio achavam visão, os afligidos sexualmente achavam refúgio, e os perdidos ouviam o evangelho. Sob a liderança de Boice, ovelhas foram acrescentadas e acharam cuidado. Boice disse certa vez: “Durante 150 anos esta igreja tem ensinado a Palavra de Deus... Esta obra ainda não está terminada. Tem de ser feita geração após geração”.^[2]

Pastorear na cidade exigia um homem comprometido com a verdade e com a defesa da verdade. Boice não somente protegeu a muralha da igreja, mas também transformou a igreja em uma fortaleza de sã doutrina e fidelidade bíblica. Quando a denominação da igreja se afastou da fé cristã histó-

rica, Boice levou a igreja para uma nova e produtiva filiação. Ele se tornou um preletor conhecido internacionalmente em favor da proclamação clara e inteligente da verdade no mundo pós-moderno, escrevendo comentários centrados no evangelho e se tornando um dos fundadores da Alliance for Confessing Evangelicals. Boice sabia que o ministério pastoral era mais do que crer na verdade; era defender a verdade em que você crê. Ou, como ele disse, “a questão não é apenas onde estamos, mas também por que estamos onde estamos”.

Finalmente, pastorear na cidade exigia um homem que viveria a sã doutrina diante das pessoas às quais ele fora chamado a servir. Na primavera de 2000, Boice descobriu que tinha câncer e somente algumas semanas de vida. Amando seu povo até ao fim, ele se levantou num domingo e compartilhou o que Deus lhe estava mostrando em face da morte:

Se eu tivesse de refletir sobre o que está acontecendo teologicamente aqui, há duas coisas que eu enfatizaria. Uma é a soberania de Deus. Isso não é uma novidade. Sempre falamos sobre a soberania de Deus aqui. Deus está no controle. Quando coisas como esta surgem em nossa vida, não são acidentais. Não é como se, de algum modo, Deus esquecesse o que está acontecendo e algo mau se introduzisse... Deus faz todas as coisas de acordo com a sua vontade. Sempre dizemos isso.

No entanto, o que mais me tem impressionado é algo além disso. É possível, não é, concebermos a Deus como soberano e, ao mesmo tempo, indiferente? Deus está no controle, mas ele não se importa. Mas isso não é verdade. Deus não é somente aquele que está no controle; Deus é bom. Tudo que Ele faz é bom. E o que Romanos 12.1-2 diz é que temos a oportunidade de, pela renovação de nossa mente — ou seja, como pensamos sobre estas coisas — provar realmente qual é a vontade de Deus. E, depois, o texto diz: “A boa, agradável e perfeita vontade de Deus”. Isso é bom, agradável e perfeito para Deus? Sim, é claro, mas o fato é que isso é bom, agradável e perfeito para nós. Se Deus faz algo em sua vida, você

mudaria isso? Se o mudasse, você o tornaria pior. Não seria tão bom.

Portanto, é dessa maneira que queremos aceitar isso e seguir em frente — e quem sabe o que Deus fará?^[3]

Para ser um pastor, você tem de se comprometer com as ovelhas. A sua doutrina será a doutrina delas quando você vivê-la diante delas. E, com isso, quem sabe o que Deus fará?

[1] A história de Boice foi composta usando informações do website da Tenth Presbyterian Church (<http://www.tenth.org>), do website da Alliance for Confessing Evangelicals (<http://www.alliancenet.org>) e do website monergism.com (<http://www.monergism.com/thethreshold/articles/bio/jamesmboice.html>).

[2] “A Long History”, This People, This Place, Tenth Presbyterian Church, acessado em 13 de dezembro de 2011, [http://www.tenth.org/index.php?id=334no_cache=tx_bddbflvvideogallery_pi\[video\]=1](http://www.tenth.org/index.php?id=334no_cache=tx_bddbflvvideogallery_pi[video]=1).

[3] “Dr. Boice’s Testimony”, Tenth Presbyterian Church, acessado em 13 de dezembro de 2011, <http://www.tenth.org/index.php?id=364>.

7



Você Pode Pastorear?

O pescador se tornou um pastor. De um ponto de vista econômico e social, o capital de Pedro estava crescendo. Mas isso não importava. A chamada era clara, pessoal, inconfundível, proferida pelo próprio Salvador. Pedro nunca esqueceria... nunca *poderia esquecer*.

Os eventos daquela semana singular foram nada menos do que cataclísmicos. Algumas das recordações ainda eram tão angustiantes; somente Deus poderia dar-lhes alívio. Jesus, aquele para quem Pedro confessara: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16.16), fora crucificado bem diante dos olhos deles. Ele morrera sem roupas e pregado numa cruz — torturado, ensanguentado, sozinho, sem os amigos.

Pedro estava devastado. Um pesadelo se tornara realidade. Deus veio, Deus amou, Deus morreu. O que aconteceria agora? Não havia como voltar para trás nem como avançar. Pedro estava paralisado num crepúsculo sombrio, preso entre vergonha e desespero. Aqueles poucos dias foram como um navio batido por uma tempestade que lutava para não afundar sob os vagalhões da culpa. As noites — bem, ele não podia nem falar delas. Foram escuras demais para descrever com palavras.

Pedro, a rocha, o único que anunciara ousadamente a sua lealdade e fidelidade: “Senhor, estou pronto a ir contigo, tanto para a prisão como para a morte” (Lc 22.33), havia falhado — terrivelmente. Não importa como ele tentou justificar isso, a verdade nua e crua era inescapável. Ele falhara para salvar sua pele — três vezes.

No entanto, aconteceu: notícias de uma visão. O Jesus crucificado ressuscitara dentre os mortos. Veio a todos eles — falando de paz. Mas ainda não falara com Pedro. O que o Salvador diria ao seu discípulo mais tolo?

A resposta veio numa manhã. Pedro encontrou Jesus preparando o desjejum. O Criador de todas as coisas estava fritando peixe. Eles comeram sem falar. Afinal de contas, talvez havia esperança para um co-

varde.

Depois, Jesus rompeu o silêncio, dizendo: “Simão, filho de João, amas-me mais do que estes outros?... Apascenta os meus cordeiros”. De novo: “Pastoreia as minhas ovelhas”. E mais uma vez: “Apascenta as minhas ovelhas” (Jo 21.15-17). Isto foi inconfundível. Pedro foi perdoado. Pedro foi chamado. O pescador deveria se tornar um pastor.

Os colegas presbíteros e você

Alguém deve se perguntar se essa recordação estava afetando Pedro trinta anos depois. Com as nuvens de perseguição se reunindo sob a tempestade da insanidade de Nero, os cristãos dispersos na Ásia precisavam de esperança. Eles iriam sofrer. Precisavam de pastores. Compelado pelo Espírito, Pedro lhes escreveu:

Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e ainda coparticipante da glória que há de ser revelada: pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho. Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a imarcescível coroa da glória (1 Pe 5.1-4).

Se aprendemos alguma coisa até aqui, é isto: a chamada não diz respeito primeiramente ao que temos de fazer, e sim ao que Deus fez em Cristo e o que Deus provê para os chamados a liderar sua igreja.

Com isso estabelecido, precisamos realizar uma análise do que somos chamados a fazer. Então, prepare-se para abordarmos uma pergunta que revelará amplamente se você entende a essência de toda esta jornada: *você pode pastorear?* Para explorarmos o que isso realmente significa, vamos retornar ao apóstolo Pedro.

Como eu sei se posso pastorear?

Para algumas pessoas, a palavra “pastorear” traz à mente pinturas de aquarela no berçário da igreja. O pastor está cuidando das ovelhas, enquanto o sol se põe atrás dele em respingos de esplendor. Ou o

pastor está apoiado ao seu bordão olhando por sobre um campo muito verde. Ele tem olhos azuis e um longo cabelo ondulado, seu olhar é solene, suas vestes, sem manchas.

Mas, quando Pedro disse “pastoreai”, seus leitores daquele tempo visualizavam um trabalhador rosado que cuidava de animais. Esse homem tinha uma jornada de trabalho de 24 horas, durante sete dias por semana, observando pastos, capturando desgarrados, dispensando primeiros socorros, tratando de ossos quebrados, garantindo que as ovelhas ficassem seguras e bem alimentadas. Esse homem trabalhava duro, ficava sujo e até sabia como lutar com seu cajado.

Quando Pedro disse aos presbíteros: “Pastoreai o rebanho de Deus”, ele tinha tudo isso em mente. Um pastor do povo de Deus é responsável por cuidar deles. É responsável por alimentá-los com a Palavra de Deus em sua pregação, aconselhamento e conversas diárias. É responsável por proteger as ovelhas de falsos mestres, do veneno de falsas doutrinas, da influência do mundo. Há uma razão por que “pastorear” é uma das metáforas mais proeminentes na Escritura para descrever o ofício de pastor. “A responsabilidade fundamental dos líderes da igreja”, diz Tim Witmer, “é pastorear o rebanho de Deus”.^[1] O seu sucesso no ministério está sempre ligado ao bem-estar deles. Fazer isso bem começa com saber o que significa.

Nas páginas seguintes, examinaremos como Pedro descreve o pastorear “o rebanho de Deus”. Passaremos rapidamente por 1 Pedro 5, mas perceberemos que tudo que falamos está arraigado no texto.

Você cuidará?

“Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós” (1 Pe 5.2). Esta ordem dada aos presbíteros é um imperativo estranho — nos faz sentir que Deus a vê com bastante seriedade. “Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós.” Nenhum homem chamado pode realizá-la facilmente. Esta ordem lhe diz algo importante, algo urgente. Se você acha que é chamado, atente a isto.

O que significa cuidar do rebanho de Deus? *Significa supervisão espontânea e zelosa.* Nos capítulos anteriores, discutimos o assunto de ser exemplo para o rebanho, agora devemos nos mover às outras porções

desse texto. Exercer supervisão é realmente o que a palavra grega *episkopeo* significa. Esta palavra significa, literalmente, “olhar sobre” e inclui a ideia de olhar com cuidado e vigiar diligentemente. Em seu livro *Shepherds After My Own Heart* (Pastores Segundo o Meu Próprio Coração), Timothy Laniak define-a como “uma atenção vigilante às ameaças que podem dispersar ou destruir o rebanho”.^[2] O pastor é um guardião em serviço, pronto para ser usado pelo Supremo Pastor, para guiar e proteger seu rebanho.

O pastor... tem os recursos ilimitados de Deus para fazer o que um pastor precisa fazer em qualquer circunstância.

Imagine que seu país foi invadido por um exército hostil ao cristianismo. Agora, imagine que você é um pastor da igreja que enfrenta perseguição (está acontecendo a alguns servos de Deus, enquanto você lê isto). Para honrar verdadeiramente ao Supremo Pastor e servir ao seu rebanho, você precisaria ser mais do que dotado e disponível. Precisaria ser espontâneo, “como Deus quer” (1 Pe 5.2). O pastor não foge quando a perseguição vem. Em um sentido terreno, ele não tem para onde ir, mas tem os recursos ilimitados de Deus para fazer o que um pastor precisa fazer em qualquer circunstância, porque “Deus quer” que ele o faça.

Significa amar. Falando em termos práticos, pastorear significa amar pessoas. Você não pode amar o ministério e se aborrecer das pessoas. A chamada é uma chamada para amar pessoas.

“Amar a pregação”, diz Lloyd-Jones, “é uma coisa; e amar aqueles para quem pregamos é algo bem diferente”.^[3] Um homem chamado por Deus para liderar seu rebanho ama ambos. E ambos são essenciais ao seu dever. O estudo e a reflexão exigidos de um pastor não têm o propósito de torná-lo um eremita acadêmico; em vez disso, seu estudo deve levá-lo a alimentar mais eficazmente a igreja. Ele tem de possuir uma capacidade básica de comunicar o coração e o amor de Deus ao povo de Deus.

E este amor tem de ser resoluto. O jornal *U. S. Today* fez um histó-

ria de capa, dois dias antes do Natal, sobre os pastores de ovelhas de nossos dias. O artigo descrevia como centenas de pastores peruanos são trazidos para os Estados Unidos todos os anos. Esse homens são, de certo modo, seriamente rudes. Sabem como lutar com um leão da montanha para resgatar uma ovelha e castram um cordeiro à velha maneira — com seus dentes. Felizmente, os pastores de igreja são poupados dessas tarefas delicadas, mas o amor que eles manifestam exige frequentemente rudez semelhante.

Quando uma ovelha erra, um bom pastor a procura com amor que fala a verdade. Às vezes, irmãos, um pastor tem de sacrificar o ser amado para expressar amor. Pessoas enredadas no pecado querem “apoio” e “entendimento”, o que em nosso mundo significa, geralmente, liberdade para fazer o que desejam, apesar dos mandamentos da Palavra de Deus. Amar as pessoas significa que nos importamos tanto que estamos dispostos a fazer parte de um processo de disciplina — sempre misericordiosos e humildes, mas comprometidos resolutamente com a glória de Deus. Às vezes, um pastor bondoso precisa de muito amor para salvar uma alma da morte. A chamada para pastorear é uma chamada ao amor resoluta e bíblica.

Significa fazer a conexão entre o cuidado e o Supremo Pastor. A igreja local imerge as ovelhas nas coisas da vida. Considere os mistérios da experiência humana — o casal sem filhos que acabou de ter seu terceiro insucesso, o novo crente ainda emaranhado num vício, o homem provedor que trabalha duro mas acabou de perder o emprego, um pecador que está à beira da morte e se defronta com a certeza do julgamento. Isto não é um drama de TV. É a realidade!

Nesses momentos desesperadores, quem é designado para guiar o povo de Deus através dos vales inexplicáveis para beberem das fontes da providência e da bondade de Deus? Quem lhes lembrará que o Supremo Pastor é o Bom Pastor (Jo 10.11)? Ninguém menos do que os pastores da igreja. Que gloriosa manifestação da graça de Deus — criar um ofício especial para nosso cuidado durante tempos de provação e sofrimento! Bem longe das luzes de conferências e do cristianismo televisivo, pastores cuidadosos labutam em obscuridade para confortar a alma das pessoas. Eles conectam as ovelhas com o Supremo

Pastor.

Para mim, isso fez uma grande diferença nas últimas três décadas, sempre que provas e dificuldades exerceram pressão. Criar adolescentes, enfermidades físicas, desarmonias no casamento, revezes ministeriais — e tudo isso apenas no último mês! Se não fosse a habilidade de pastores amorosos que me dirigiram ao Supremo Pastor e à verdade de seu evangelho que satisfaz a alma, eu estaria em uma cela almofadada de um hospital psiquiátrico sob os cuidados atenciosos de meus novos amigos de bata branca. Mas, graças aos cuidados de meus pastores, agora eu amo a Deus mais profundamente e aplico o evangelho de maneira mais completa.

Você liderará?

Não se engane. Pastorear é liderar, liderar é pastorear.^[4] É impossível “pastorear” (1 Pe 5.2) e não liderar. Mas liderança é frequentemente como uma jarra vazia — você pode enchê-la com qualquer definição que deseje. O que significa para um pastor ter o dom de liderar? Como você sabe se tem esse dom?

Vamos lembrar, primeiramente, que liderança começa com graça. A riqueza da graça de Deus é descoberta nos lugares mais extraordinários; e um deles é no dom de liderança. Deus dá a certos homens graça na forma de uma habilidade de liderar a igreja.

Paulo nos instrui em Romanos 12 que, “*tendo... diferentes dons segundo a graça que nos foi dada*”, devemos usá-los. Em seguida, ele alista vários dons e nos diz como usá-los bem. Entre eles, há esta afirmação: “O que preside, com diligência” (Rm 12.6-8). O dom é liderança; o encorajamento é usar este dom “com diligência”. Embora Deus tenha distribuído seus dons a todos na igreja, ele deu a certos homens o dom de liderança. Estes homens devem ser identificados e encorajados a liderarem com dedicação.

Com o que se parece o dom de liderança no ministério pastoral? Desejo oferecer-lhe alguns “fatores de liderança”. Eu os tenho observado em homens que vestem bem o manto do pastoreio. Não classifique a si mesmo — os dons emergem com o passar do tempo, frequentemente em preparação para tarefas específicas. Mas isto pode ajudá-

lo a ter melhor domínio de suas fraquezas e suas virtudes, visto que elas podem se manifestar no ministério pastoral.

- O fator “pregação como direção”: você pode estabelecer uma dieta de pregação para a igreja que oferece direção e alimenta as almas.
- O fator “siga-o”: as pessoas falam sobre o impacto que você têm em suas vidas. Outras pessoas dotadas querem colher frutos de sua vida.
- O fator “faço-o acontecer”: quando você vê uma necessidade ou um problema, pensa em soluções e ação.
- O fator “você pode vê-lo”: você pode ver o quadro mais amplo e ter confiança no futuro. E, quando fala com outras pessoas, elas também o veem.
- O fator “ordem a partir do caos”: você entende o valor de planejamento, organização e eficiência. Sua vida não parece uma cama desarrumada.
- O fator “mobilize as tropas”: você sabe que a melhor maneira de causar impacto é não fazer tudo por si mesmo. Você ama colocar as pessoas em lugares em que elas podem ser eficientes e frutíferas.
- O fator “aprenda a liderar”: você não está contente com o que sabe e estuda a fim de crescer em entendimento.
- O fator “ambição santa”: você não está interessado em estabelecer desafios ou em fugir deles. Você quer fazer tudo que puder para o avanço do reino de Deus.

Certa vez estive envolvido no fechamento de uma igreja urbana cinco anos depois do seu início. A igreja desfrutava de relacionamentos significativos e ensino vibrante, mas começou a estagnar. Sinais cruciais de viabilidade não estavam presentes. Ninguém ignorava a necessidade de igreja urbanas e os desafios de plantá-las. Tomar a decisão de incorporá-la de volta à igreja de origem foi doloroso para todos — incluindo eu mesmo. Mas, no decorrer de todo o processo, vimos maravilhosamente a presença do Senhor na humildade do pró-

prio plantador da igreja. Quando ele olhou para trás, reconheceu que não possuía liderança suficiente como um plantador de igreja para pastorear verdadeiramente a igreja.

O heroico plantador de igreja foi bastante prudente para compreender que limitações de liderança podem criar limitações na igreja. Em vez de tomar egoisticamente o controle, ele considerou com humildade que sua falta do dom de liderança podia ser uma ação de Deus que o redirecionava para fora de plantação de igrejas. Ele estava fazendo as perguntas certas. Agora, anos depois, ele está em um ministério pastoral de tempo integral, servindo numa equipe em que seus dons podem florescer e suas fraquezas são compensadas pelas virtudes de outros.

Você perceberá a sua necessidade por uma equipe?

“Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles... tornando-vos modelos do rebanho” (1 Pe 5.1, 3). O ministério era um lugar solitário para Ted. A plantação da igreja estava avançando rapidamente. A visão que alimentara suas orações durante anos estava agora acontecendo ao seu redor. Ele era um homem ocupado, e todos precisavam dele. Mas Ted experimentava algo que nunca esperara. Estava sozinho. Era um tipo estranho de solidão. Seu casamento estava indo bem; ele amava gastar tempo com sua família. Mas, quando entrava em seu escritório, era como entrar em uma câmara de isolamento. Ele falava com pessoas o dia todo, ajudando-as, dando-lhes orientação, encorajando-as — e certamente ouvia a apreciação delas. Contudo, havia fardos que ele tinha de carregar, confidências que tinha de guardar, temores com os quais tinha de lutar — coisas que ninguém mais poderia realmente entender; nem sua esposa, nem seus amigos, nem seus líderes de ministério. Ted amava ser pastor, mas, se ele fosse honesto, isso era fatigante. Ele nunca pensara que o ministério pareceria tão... *remoto*.

Infelizmente, há muitos homens como Ted, que ficam mergulhados na solidão do ministério pastoral. Alguns homens servem heroicamente, achando a graça de Deus nos anos de isolamento. No entanto, tragicamente, muitos homens dotados e sinceros se exaurem no minis-

tério devido ao isolamento. Alguns sucumbem sob os passos da imortalidade ou experimentam a devastação de um casamento terminado — estudos mostram que 75% dos homens que caem em má conduta sexual “indicaram que estavam sozinhos e isolados”.^[5] Todavia, muitos homens deixam quietamente suas atividades pastorais, obtêm a licença para vender seguros e prosseguem na vida.

Talvez você esteja pensando: “Certo, Dave, eu entendi. Vou me assegurar de que trabalho em uma igreja que tem uma equipe pastoral. Assim, não ficarei sozinho”. Talvez... mas talvez não. Parece que a outra razão importante por que homens deixam o ministério é que eles ficam cansados da competição com outros líderes na igreja.^[6] Então, aqui está você, pronto para lançar-se ao ministério pastoral; e acabei de rejeitar tanto o fazê-lo por si mesmo ou o fazê-lo em uma equipe. Qual é a outra opção — clonagem?

A liderança da igreja no Novo Testamento era um empreendimento compartilhado... conhecida como equipe ministerial.

Penso que o apóstolo Pedro nos dá a resposta se estamos dispostos a vê-la. Em uma palavra, é *pluralidade*. Se você não é familiarizado com esta palavra, segure-a aí. Pluralidade é apenas uma maneira de descrevermos a evidência bíblica de que a liderança da igreja no Novo Testamento era um empreendimento compartilhado.^[7] Na linguagem do século XXI, é conhecida como equipe ministerial.

Como vemos isso em 1 Pedro 5? Se você examinar o texto, não poderá entender a instrução fundamental de Pedro para os pastores sem ver a pluralidade. Ele se dirige a presbíteros, com um “s”. De fato, no Novo Testamento, presbíteros são sempre plural,^[8] não considerando a referência de Pedro a si mesmo ao se dirigir aos outros e designar-se “presbítero como eles” (5.1). O ministério de Pedro estava conjugado com o de outros homens, que deviam ser “modelos” para o rebanho (5.3). No Novo Testamento, as igrejas tinham idealmente mais do que um presbítero.

De fato, não tenho certeza de que você pode aplicar responsavel-

mente as instruções de Pedro, como um pastor, ou de qualquer outro texto do Novo Testamento sobre o ministério de pastorear, no sentido de que pastorear é um trabalho de um único homem. Como disse um comentador, “parece que as igrejas apostólicas tinham, em geral, uma pluralidade de presbíteros”.^[9] Em *Biblical Eldership* (Presbiterato Bíblico), Alexander Strauch afirma: “No que concerne à igreja local, o Novo Testamento dá um testemunho claro de um padrão coerente de liderança pastoral compartilhada”.^[10]

Ora, eu entendo que pode haver ocasiões em que um homem está labutando sozinho em um ministério de igreja local. Alguns plantadores de igreja experimentam isso. Se este é o seu caso, simpatizo com você e o respeito por seu ótimo trabalho. Não lhe direi que há um maneira certa pela qual uma igreja tem de ser governada para tornar possível uma equipe ministerial. Tenho visto equipes ministeriais estabelecidas em igrejas que têm diferentes estruturas de governo. A questão não é a estrutura. É reconhecer humildemente que homens precisam de comunhão para liderarem bem, e a igreja precisa de uma comunhão de líderes. Como um amigo me disse certa vez: “A sabedoria de uma equipe é melhor do que a genialidade de um só homem”.

Se eu estivesse escrevendo um livro sobre governo eclesiástico (como as igrejas são governadas), entraria num estudo detalhado do testemunho bíblico sobre a pluralidade de liderança. Mas você poderia cair em sonolência. Portanto, se você está procurando um pouco de remédio para narcolepsia, eis algumas coisas breves para você ponderar. Uma equipe ministerial bem constituída provê:

- um lugar em que homens com dons diversos contribuem com suas virtudes individuais para o governo da igreja
- apoio relacional para pastores em meio às provações e tentações inevitáveis do ministério
- uma diversidade de conselhos em decisões importantes
- proteção contra a dominação de uma ou duas personalidades fortes
- flexibilidade para dispor a equipe de modo a adequar-se às necessidades variáveis da igreja

- perspectiva de gerações diferentes para a igreja, quando homens jovens e veteranos experientes sentam-se todos juntos à mesma mesa de responsabilidade

Em minha família de igrejas (Sovereign Grace Ministries), somos intencionais no que diz respeito a manter a pluralidade de presbíteros. [11] Usamos a equipe de presbíteros com um pastor principal. O fluxograma de minha própria igreja parece um mapa de metrô — e parece mudar cada semana, porque não estamos interessados em proteger território ou em preservar hierarquia. Estamos construindo uma equipe ministerial. É bagunçada, mas não é isolada. E nunca é monótona.

Irmãos, não queremos realizar o ministério sem outros homens ou em competição com outros homens. Isto é uma receita para esgotamento ou ruína. O ministério é uma obra árdua. Por que levar um fardo que Deus não tencionou você tivesse?

Se você acha que recebeu uma chamada do Supremo Pastor para pastorear o seu povo, precisa estar pensando *agora mesmo* sobre a necessidade bíblica de uma equipe de pastores. Coloque a sua vida em comunhão agora, para que esta equipe se torne mais fácil depois. Não faça escolhas que o levem à reclusão de Ted. Ficar sozinho e isolado é para prisioneiros, não para pastores.

Você manterá Cristo em primeiro lugar?

Quando Pedro, uma “testemunha dos sofrimentos de Cristo e ainda coparticipante da glória que há de ser revelada”, exorta aos presbíteros: “Pastoreai o rebanho de Deus”, ele tem muitas coisas em mente (1 Pe 5.1-2). Ele precisa incluir questões de cuidado e autoridade. Precisa oferecer clareza a respeito das motivações apropriadas para o ministério. Precisa dar ajuda aos crentes que estão sofrendo ou prestes a sofrer. Pedro conhece bem o terreno. Mas não podemos abordar esta passagem — e não podemos entender o que significa ser um pastor — sem observarmos onde começa e onde termina. Já falamos sobre isso, mas este assunto é digno de toda ênfase que você lhe puder dar novamente. Se você deduzir alguma coisa aqui, seja isto: para Pedro, o pastorear dizia respeito a Cristo.

“Testemunha dos sofrimentos de Cristo e ainda coparticipante da glória que há de ser revelada.” Sem dúvida, Pedro estava se referindo à sua autoridade singular para falar aos presbíteros. A ressurreição de Lázaro, a noite no Getsêmani, a prisão e a crucificação de Cristo — Pedro tinha visto tudo isso! Como um dos principais discípulos entre os doze originais, ele teve um papel único como companheiro de Cristo e testemunha ocular do seu sofrimento.

No entanto, é mais do que isso. Pedro viu a Cristo em glória. Os sofrimentos de Cristo, seu retorno, suas recompensas — tudo isso apontava para um Salvador magnificente crucificado e ressuscitado em glória. Jesus é o Supremo Pastor que cuida de todas as ovelhas. Ele é o Supremo, e todo o pastorear é feito em sujeição a ele e por causa dele.

*Pessoas sofrerão e precisarão ouvir a voz dos pastores terrenos
recordando-lhes o cuidado do Supremo Pastor.*

Cavalheiros, Pedro está sendo um modelo de algo para todas as gerações de pastores. Pessoas sofrerão e precisarão ouvir a voz dos pastores terrenos recordando-lhes o cuidado do Supremo Pastor. Se você é chamado a ministrar, tem de lembrar que Cristo é o Supremo Pastor, e não você. Nosso papel é dar testemunho de Cristo. Como Edmund Clowney disse: “Pedro queria preparar seus colegas presbíteros para darem seu testemunho por refletirem o evangelho em suas vidas”.^[12]

Quando você entrar no ministério pastoral, desejará ajudar pessoas. E provavelmente terá muitos pensamentos nobres a respeito do que as pessoas necessitam. Mas acredite-me quanto a isto: você não tem o que elas realmente necessitam. O que você tem é Cristo. Mantenha os sofrimentos e a glória dele em primeiro lugar. O casal em conflito precisa que você lhes dê isso, bem como a mãe solteira atribulada que têm dois filhos adolescentes e o pai que acabou de ser diagnosticado de câncer. Então, siga o exemplo de Pedro. Quando você exorta pessoas que estão sofrendo ou servindo, lembre-lhes o Salvador. Dê

testemunho dos sofrimentos de Cristo em favor deles, falando esplendidamente sobre a sua volta para buscá-los, aconselhe com ousadia sobre o seu poder de mudá-los.

Sempre um pastor, nunca sozinho

Certa vez estive numa conferência sobre plantação de igreja em que um pastor veterano fez as seguintes observações. Cerca de 400 igrejas são começadas todo ano nos Estados Unidos. Isso é encorajador. Mas, depois, ele comentou que 700 igrejas fecham suas portas cada ano. Cerca de 1.500 pastores deixam o ministério cada mês — um total de 18.000 por ano. Somente 10% dos pastores permanecem no ministério até aos 65 anos de idade.^[13]

Em outra conferência semelhante, um homem descreveu sua experiência recente de plantação de igreja em uma cidade americana de tamanho médio. Durante seu primeiro ano de plantação da igreja, 25 outras igrejas estavam sendo plantadas naquela mesma área. Vinte e cinco! Mas foram as palavras seguintes daquele homem que pareceram desanimar toda a sala. Depois de somente alguns poucos anos, a sua igreja era a única que ainda continua em atividade.

Ouvi isso e pensei: o que aconteceu com todos aqueles outros pastores? O que aconteceu com aqueles homens que aparentemente se desgastaram com um fervor pelo ministério? Talvez, como Ted, eles se viram sozinhos e perderam seu zelo. Talvez os problemas das ovelhas foram maiores do que a fé deles para lidar com tais problemas. Talvez a oposição os removeu do dever. Talvez compreenderam que seus dons não eram a combinação correta para o trabalho que receberam. Espero que estejam dando frutos num ministério que lhes seja apropriado.

Em qualquer caso, entristece meu coração ouvir que homens perderam igrejas e que igrejas perderam homens. O apóstolo Pedro nos lembra que um dia o Supremo Pastor aparecerá e dará coroas de glória (1 Pe 5.4) aos seus servos fiéis. Por isso, para manter homens no ministério, nada é mais importante do que a lembrança de que o Salvador virá novamente! Até lá, homens têm de permanecer firmes e

preparados para responder esta pergunta: *você pode pastorear?*

Para estudo adicional

Shepherds After My Own Heart, Timothy Laniak
The Shepherd Leader, Timothy Z. Witmer
Instrumentos nas mãos do Redentor, Paul David Tripp
O Pastor Aprovado, Richard Baxter

[1] Timothy Z. Witmer, *The Shepherd Leader: Achieving Effective Shepherding in Your Church* (Phillipsburg, NJ: P&R, 2010), 2.

[2] Timothy Laniak, *Shepherds After My Own Heart: Pastoral Traditions and Leadership in the Bible* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2006), 233.

[3] D. Martyn Lloyd-Jones, *Pregação e Pregadores*, 2a ed. (São José dos Campos, SP: Fiel, 2008), 90.

[4] “Pastorear é uma das metáforas primárias pelas quais os autores bíblicos conceituaram liderança.” Laniak, *Shepherds After My Own Heart* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2006), 21.

[5] Ralph C. Wood, em “Why Pastors Leave Parish Ministry”, uma resenha do livro *Pastors in Transition: Why Clergy Leave Local Church Ministry*, escrito por Dean B. Hoge e Jacqueline E. Wenger; resenha feita para The Christian Century Foundation. Wood cita estatísticas relatadas por Hoge e Wenger. Sua resenha foi acessada em 7 de abril de 2011, em <http://www.religion-online.org/showarticle.asp?title=3319>.

[6] Wood, “Why Pastors Leave Parish Ministry”.

[7] Alexander Strauch, *Biblical Eldership* (Littleton, CO: Lewis & Roth, 1995), 37.

[8] Exceto quando se refere a um presbítero específico (1 Tm 5.19; 1 Pe 5.1), o seu uso no Novo Testamento é sempre plural.

[9] J. L. Reynolds, “Church Polity or the Kingdom of Christ”, em *Polity: Biblical Arguments on How to Conduct Church Life (A Collection of Historic Baptist Documents)*, ed. Mark E. Dever (Washington, DC: Center for Church Reform; Nine Marks Ministries, 2001), 349.

[10] Strauch, *Biblical Eldership*, 37.

[11] Wayne Grudem disse: “O pastor da igreja será um dos presbíteros na sessão (o corpo de presbíteros em uma igreja reformada), *igual em autoridade com os outros presbíteros*. Esta sessão tem *autoridade de governo* sobre a igreja local” (ênfase minha). Wayne Grudem, *Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrine* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994), 925–26.

[12] Edmund Clowney, *The Message of 1 Peter* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1988), 198.

[13] Paul Johnson, palestra, Covenant Fellowship Church, Glen Mills (PA), 16 de outubro de 2004.

Uma História de Chamada

Charles Spurgeon: Amando o Perdido^[1]

Aquilo que torna um homem feliz diz muito a seu respeito. E aquilo a que um pastor se dedica mais profundamente pode nos dizer o que o torna feliz. Em referência a Charles Spurgeon, o que o deixava feliz é muito óbvio — o ministério de pregação. Afinal de contas, ele imprimiu sermões que totalizam mais de 2 milhões de palavras. Estima-se que ele pregou para mais de 10 milhões de pessoas durante sua vida — incluindo mais de 23 mil em uma única reunião. Spurgeon é o autor cristão mais amplamente publicado na história; e quase tudo impresso que procede dele é um sermão. Não é admirável que ele seja chamado “o Príncipe dos Pregadores”.

No entanto, Spurgeon não era motivado apenas pelo desejo de pregar. O que o motivava a ir ao púlpito, a reuniões com inúmeras pessoas, ao ministério de treinamento por meio do seu Pastor’s College, a plantar igrejas e a fomentar missões era um desejo intenso: Spurgeon amava os perdidos!

Considere a evidência. Um biógrafo resumiu desta maneira o ministério de Spurgeon:

A pregação de Spurgeon tem sido avaliada, seus escritos, analisados, sua filantropia, considerada, e seu envolvimento político, resumido. Entretanto, foi o seu papel de pastor/evangelista que dominou seu ministério. A evangelização estava no âmago de tudo que ele procurava fazer. Pregando no púlpito ou falando com indivíduos, Spurgeon era sempre um evangelista. As muitas formas de ministério evangélico surgiram, todas, de sua paixão intensa pelas almas.^[2]

Um historiador batista concorda, citando o próprio Spurgeon:

De todas as nossas congregações deveria subir um clamor

amargo a Deus, se conversões não são vistas frequentemente. Se a nossa pregação nunca salva uma alma, e não tende a fazer isso, não deveríamos glorificar a Deus melhor sendo agricultores e comerciantes? Que honra Deus receberia de ministros inúteis? O Espírito Santo não está conosco, não somos usados por Deus para cumprir seus propósitos gratiosos, se almas não são vivificadas para a vida eterna. Irmãos, podemos suportar sermões inúteis? Podemos ser infrutíferos e, ao mesmo tempo, contentes?^[3]

O cínico pode dizer: “Sim, se eu tivesse o dom de Spurgeon, poderia pregar e esperar tranquilamente que conversões acontecessem”. Mas Spurgeon fez distinção entre o dom de pregar e o amor pelo perdido. Um era um dom a ser usado no serviço, o outro era uma motivação para o serviço. Como ele disse: “Prefiro ser o meio de salvar uma alma da morte do que ser o maior orador na terra”.^[4] A chamada de Deus para Spurgeon, assim como para qualquer pregador, era para buscar os perdidos ao seu redor. Pregador se tornou o meio de graça à sua disposição.

Irmão, se você aspira imitar o Príncipe dos Pregadores, não olhe primeiramente para o homem no púlpito e seus programas. Olhe para a sua paixão. Eis a paixão de Spurgeon:

Se pecadores serão condenados, deixemos, pelo menos, que saltem para o inferno por cima de nossos corpos. E, se eles perecerão, que pereçam com os nossos braços agarrados em seus joelhos, implorando-lhes que parem. Se o inferno tem de ser cheio, que o seja, pelo menos, em desafio aos nossos esforços; e não deixemos que ninguém vá para lá sem ser avisado e sem orarmos por ele.^[5]

[1] A história de Spurgeon é adaptada do livro *Spurgeon: Prince of Preachers* (Grand Rapids, MI: Kregel, 1992), de Lewis Drummond, e do artigo “A Lesson from Spurgeon on Evangelism”, de Tom Ascol, em *Founders Journal*, publicado por Founders Ministries SBC, número 33 (<http://www.founders.org/jour->

[nal/fj33/editorial.html](http://www.fj33.com/editorial.html); acessado em 7 de abril de 2011).

[2] Stephen Nichols, citado por Drummond em Spurgeon: Prince of Preachers, 29.

[3] Citado por Tom Ascol, "A Lesson from Spurgeon on Evangelism".

[4] Citado por Drummond, Spurgeon: Prince of Preachers, 29.

[5] Citado por Tom Ascol, "A Lesson from Spurgeon on Evangelism".

8



Você Ama os Perdidos?

“Não queremos nem saber”, eles disseram. “Pague a dívida!”
Fiquei chocado.

Quero dizer, isso não foi exatamente o que eles disseram, mas certamente se parecia com isso. A carta do banco dizia que o pagamento de meu empréstimo estudantil tinha de começar imediatamente. Eu estava desempregado e não tinha nem um centavo — não tinha dinheiro. Escrevi um apelo à compaixão deles. No entanto, eles responderam com uma cláusula do meu contrato. Tempos difíceis ou não, era minha responsabilidade começar a emitir cheques. Talvez eu me confundi, porque o contrato de financiamento era claro. Outra educação acabara de começar. Conheça os termos antes de assinar o contrato. Examine!

Você ficou surpreso quando leu o título deste capítulo? Talvez esteja pensando: “Bem, Dave, eu pensava que este livro era a respeito de ministério pastoral. Qual é o problema com a evangelização? Voltemos aos assuntos referentes ao pastor e diga-me como posso pregar como Spurgeon”. Se tudo que você quer é pregar como Spurgeon, isso é fácil. Tenha um cérebro de gênio que faz da teologia algo simples e junte-o a um domínio quase sobrenatural da linguagem. Portanto... esqueça pregar como Spurgeon. E ele preferiria que você pensasse em evangelização.

Muitos homens que pensam na chamada pensam em *pastorado*, porque estão considerando assim: “Ó Senhor, a *evangelização não!*” Mas a igreja é constituída dos evangelizados, e essas pessoas têm de vir de algum lugar. O evangelho é para todos, e isso significa que a chamada para ser um pastor não acaba nos salvos. Então, se você é chamado a pregar o evangelho, é também chamado a interagir com as pessoas que não o têm. Esse é o acordo. E, como meu empréstimo, esses termos são inegociáveis. Uma chamada a ministrar é uma chamada a labutar entre os perdidos.

Uma chamada ao ministério conduz o homem para além das fronteiras confortáveis da comunidade da igreja.

No último capítulo de sua última carta, Paulo exorta a Timóteo: “Faze o trabalho de um evangelista” (2 Tm 4.5). Paulo estava comunicando a Timóteo os termos de um ministério pastoral eficaz e todas as suas implicações. Apertado entre as exortações para pregar, manter a sã doutrina e cumprir seu ministério, encontramos este mandamento inevitável. Uma chamada ao ministério conduz o homem para além das fronteiras confortáveis da comunidade da igreja. É uma chamada para a obra do evangelho no mundo.

O pastor Mark Dever, que é um modelo deste mandato de pastor/evangelista, bem como qualquer pastor vivo, expressa-o com clareza:

Eu geralmente sei que alguém não foi chamado para o ministério quando ele gosta de trabalhar somente com os crentes e fazer coisas da igreja. Admiro a pessoa que se dá bem em um ambiente de trabalho não cristão e que, por causa do reino, sente-se chamada a estar na “retaguarda” e passar a sua vida suprimindo as necessidades daqueles que estão na frente de batalha do ministério. Como pastor, estou numa posição que é, ao mesmo tempo, frustrante e privilegiada. Ela é frustrante porque realmente aprecio as oportunidades de passar algum tempo com amigos, parentes e vizinhos incrédulos; por ser pastor, tenho de procurar criar estas oportunidades intencionalmente. Mas minha posição é também privilegiada porque ao menos uma vez por semana posso me reunir com umas poucas centenas de pessoas, preparando-as para compartilhar o evangelho com seus amigos e famílias durante o resto da semana. Ser ministro da Palavra é um chamado que tem o seu preço nas oportunidades de evangelismo pessoal, mas também nos permite grandes oportunidades de encorajar outros.^[1]

Paulo resumiu tudo isso em seis palavras: faze a obra de um *evangelista*. Há um conteúdo solene guardado nestas seis palavras. Vamos abrir o caixote e dar uma espiada.^[2]

Faze...

Grande palavra. *Faze*. É um verbo, cheio de ação e intenção. No grego desta passagem, ela constitui uma ordem, insistindo em que nossa visão de chamada avance para missões. Eu a amo porque ela toma a evangelização e o homem chamado e os conecta por meio de uma ordem que envolve trabalho. Isso é o que eu preciso: uma instrução direta mostrando-me o que devo conquistar.

Sim, oração em favor dos perdidos é importante. Todo pastor deve orar em favor dos perdidos. Mas isso não é o que esta passagem está mandando. Estamos sendo chamados a fazer esta obra. Fazer estratégias a respeito de como a igreja pode ser mais evangelística também é essencial, mas não é sobre isso que o texto está falando. Não está falando sobre advertir, palestrar ou ler sobre estratégias. É mais simples do que isso. Faça-a.

Tenho de admitir: fico mais à vontade com outros assuntos do ministério pastoral. Para mim, quase qualquer coisa é mais fácil do que fazer evangelização. Visitar é mais fácil, aconselhar é mais fácil, liderar é mais fácil, fazer palestra sobre abstinência para os adolescentes é mais fácil. No que diz respeito à evangelização, é admirável como a trindade ímpia — o mundo, a carne e o Diabo — convergem para manter-me no sofá. Observe, porém, que Paulo não disse: “*Sinta a obra de um evangelista*”, ou: “*Pondere na obra de um evangelista*”, ou: “*Afirme*”, ou: “*Encoraje*”. E, com toda certeza, ele não disse: “*Evite a obra de um evangelista*”. Não, o conselho é, definidamente, “*Faze*”. Qualquer coisa menos do que “*faze*” deixa um homem na condição de ocioso. E muitos de nós já estão nesta condição. Não queremos isso!

Fazer envolve fazer. Fazer a obra de evangelização coloca os pastores em movimento. Une o pastor com a Grande Comissão por empurrá-lo para fora da igreja e colocá-lo em circulação.

Durante a guerra civil inglesa, as tropas de Oliver Cromwell se defrontaram com uma falta de metais preciosos para contribuir ao empreendimento da guerra. Cromwell os enviou a vasculhar a terra — eles precisavam achar metal em algum lugar. Chegou-lhe a informação de que o único metal disponível era o que estava nas estátuas de santos nas igrejas. Cromwell proferiu sua famosa resposta: “Bem, der-

retam os santos e ponham-os em circulação”.^[3] E assim eles fizeram.

Isso é uma ilustração do que eu penso que Deus tenciona fazer com o pastor. Ele derrete o coração do homem em favor dos perdidos e coloca em circulação o santo chamado ao ministério. E algo maravilhoso resulta: quando ele alcança os não crentes, começa a ver o mundo de maneira diferente. Necessidades se tornam reais. O estado de queda é sentido. Compaixão flui com proclamação. O evangelho é conectado com o mundo real fora do escritório do pastor.

Deus nos enviou seu Filho. Deus envia pastores ao mundo. Se você não quer alcançar pessoas com o evangelho, talvez não seja chamado a ser um pastor. Pastores fazem a obra de evangelização.

Fazer a obra de evangelização coloca os pastores em movimento.

Ora, se pregar é uma prioridade pastoral (e é realmente), então, fazer a obra de um evangelista flui abundantemente em nossa pregação. É nela que o perdido vem até nós. Deus ama tanto o mundo que desperta alguns a irem ao culto dominical. Eles entram e sentam, desconfortáveis, desorientados e temerosos de fazerem algum erro protocolar em meio a um grupo de pessoas religiosas. Mas estão ali, havendo rendido voluntariamente seu tempo em quantidade suficiente para ouvirem o que você tem a dizer. O que eles ouvirão de você?

Parte do fazer a obra de um evangelista significa pregar de maneira evangelística. Isso não significa que toda mensagem é para o perdido e começa e termina com um convite para vir à frente. Não posso pensar em uma maneira melhor de perder ovelhas do que se tornar um pastor que nunca fala para o rebanho!

Pregar de maneira evangelística significa algo muito mais frutífero. Significa que o homem chamado tem de comprometer-se com um futuro em que prepara mensagens não para as reuniões, mas para as pessoas. A maioria de seus ouvintes será salva; alguns não o serão.

A voz de um bom pastor alcança tanto a igreja quanto o mundo. Desde seu comentário de introdução até seus pontos de aplicação, ele reconhece a presença do não crente e procura campos em que o evangelho possa ser plantado. Ele nunca compromete o evangelho; ele co-

munica a verdade. Mas o faz de maneira que diz: “Posso me identificar com sua vida e suas lutas”. E, se isso parece difícil, é porque realmente é. Mas um homem chamado tem a capacidade de fazê-lo. Mais do que isso, ele é mandado a fazê-lo.

A obra...

Eis uma palavra interessante escolhida por Paulo: *obra*. A palavra grega traduzida por *obra* significa realmente *obra*! Atividade, labor, iniciativa — tudo isso está incluído. Em outras palavras, como aquela experiência esclarecedora com os banqueiros do financiamento universitário, boas intenções não satisfazem. A evangelização tem de se mostrar na maneira como vivemos e ministramos.

Para fazer a obra, temos de torná-la uma prioridade. No caso dos pastores, isto é muito importante. Encaremos a realidade. Os pastores cuidam de ovelhas. Eles não são instalados para olhar para fora do rebanho. E o Senhor sabe que há bastante problemas no aprisco para manter um pastor normal imergido no ministério. Para a maioria dos pastores, isto significa fazer uma prioridade de algo que parece nunca surgir na perspectiva de nossa vida. Tenho certeza de que é assim para mim.

Trabalhe para alcançar os de fora; trabalhe para cultivar relacionamentos; trabalhe para envolver-se com a comunidade.

Eu acordo todas as manhãs ao lado de minha esposa cristã e dirijo-me para um escritório cheio de cristãos. Ali tenho reuniões com outros cristãos que falam sobre como ajudar cristãos a serem melhores cristãos. Assento-me diante de meu computador cristão e escrevo e-mails cristãos para outros cristãos. Acho que estou tentando dizer que a única coisa que me colocará em frente de não crentes é um incêndio furioso do escritório que trará bombeiros não crentes ao nosso prédio. Ou eu posso *trabalhar*. Trabalhar para alcançar os de fora; trabalhar para cultivar relacionamentos; trabalhar para envolver-se com a co-

munidade. Trabalhar para fazer a obra de um evangelista! Esta é a beleza desta ordem. Ela fixa o exterior em nossa vida e nos posiciona para sermos modelos disso para a igreja.

No ano passado, comecei a fazer uma matéria numa faculdade local. Uma razão por que fiz isso foi conectar-me com o que os perdidos estão pensando nestes dias. Por isso, acabei me sentando atrás de uma moça que se apresentou como uma lésbica ateísta. Não temos esse tipo de pessoa em nossas reuniões de presbíteros. Conhecê-la foi alegria pura. No momento oportuno, pude compartilhar o evangelho com ela. Mas exigiu algum trabalho. Ainda penso no que ela dizia a seus amigos a respeito de mim. Assusta-me um pouco.

Mas não somente ajustamos as nossas prioridades pessoais. Edificamos uma igreja com prioridades bíblicas. Pastores evangelísticos edificam igrejas equilibradas. O que isso significa? Eis como o dizemos em nossa igreja: “A Covenant Fellowship existe para valorizar, proclamar e desenvolver o evangelho de Cristo”. *Valorizar* é a dimensão para cima; *proclamar* é a dimensão para fora; e *desenvolver* é a dimensão para dentro. Uma igreja saudável combina as ênfases “para cima”, “para fora” e “para dentro” sem permitir que qualquer um dos focos domine a igreja. “Devemos nos acautelar”, diz Grudem, “de quaisquer tentativas para reduzirmos o propósito da igreja a apenas um destes três e afirmarmos que ele deve ser o nosso foco primário”.

[4]

Uma das coisas que aprecio realmente em relação aos homens que constituem nossa equipe pastoral é que eles querem fazer a obra de evangelização em cada esfera do ministério em que servem. Por exemplo, os homens de nossa equipe pastoral que têm responsabilidade de aconselhamento estabeleceram que discernir uma potencial oportunidade evangelística é sua maior prioridade no aconselhamento. Nossa igreja apoia esta prioridade evangelística. Não é incomum um pastor telefonar para um membro da igreja com o qual acertou uma entrevista e dizer-lhe: “Podemos remarcar a nossa conversa? Se eu tiver um tempo livre hoje, terei uma oportunidade de conversar com alguém que não conhece a Jesus”. Nunca tivemos alguém que disse: “Ei! Espere aí! Eu sou membro da igreja! Cheguei aqui primeiro!” Os pastores vão regularmente a áreas em que pessoas se reúnem

apenas para compartilharem o evangelho. Estes são pequenos passos que damos para fazer a obra de um evangelista.

Há muitas outras coisas que eu poderia dizer aqui. Suponha que um dia você seja um pastor de uma igreja crescente. Entretanto, à medida que você se envolve e fala com as pessoas, dificilmente encontra alguém que seja um novo convertido. Vocês estão crescendo, mas não estão acrescentando pessoas que vêm do mundo. Então, de onde vêm as novas pessoas? Talvez da igreja que está ao longo da mesma rua.

Estudos mostram que muito do crescimento de igreja que acontece hoje resulta de santos que trocam de igreja — a movimentação de crentes de uma igreja para outra. Não estou dizendo que cristãos não ligados a igrejas — e há muitos por aí — não podem ser um alvo legítimo para plantadores de igreja e para estratégias de expansão. Mas, quando plantações de igreja ou igrejas já estabelecidas crescem às custas de outras igrejas que pregam o evangelho, o reino de Cristo está realmente avançando? Em seu livro *Stealing Sheep* (Roubando Ovelhas), William Chadwick observa: “A mudança de santos de uma igreja para outra está matando a igreja”.^[5] E permita-me ser um pouco autêntico aqui. Se você edifica uma igreja com as pessoas de outro pastor, um dia você será o outro pastor que será deixado por causa da próxima coisa nova.

No entanto, por cultivarmos e transferirmos uma obra ética em direção aos perdidos (a dimensão para fora), edificamos igrejas estáveis nas quais o crescimento inclui conversões. Quando a eficácia pastoral inclui evangelização, a medida do sucesso da igreja local incluirá conversões. Pessoas que estudam este assunto lhe dirão que, se você quer ter um impacto cultural em sua área, então, você precisa ter 25% de seu crescimento resultante de conversões.^[6] Eu não sei como eles medem estas coisas; mas, o que perdemos se tornamos isso o nosso alvo? Nada, apenas um pouco de tempo livre.

Os pastores australianos Colin Marshall e Tony Payne nos lembram: “A evangelização está no âmago do ministério pastoral. O ministério não é apenas lidar com crises e problemas imediatos, ou apenas construir números, ou reformar as instalações. É fundamentalmente preparar almas para a morte”.^[7]

De um evangelista

“Evangelista: um portador de boas notícias; usada a respeito daqueles que proclamam o evangelho.”^[8] Definições como esta são muito úteis quanto à obra, porque funcionam como uma ordem de trabalho. Não apenas fazemos e não apenas trabalhamos. Temos um trabalho específico. Somos portadores, proclamadores do evangelho. Isto parece óbvio, mas vale a pena ser ressaltado. O evangelista não é um homem em atividade que faz boas obras ou narra histórias morais com uma reviravolta inspiradora. Ele é um proclamador de uma mensagem específica: o evangelho.

Você já pensou o que seria exercer o pastorado e sair pelo mundo desta maneira? Em algumas tradições, um homem usa um colarinho clerical que revela a todos que ele trabalha para Deus (pelo menos, eu acho que isso é o que o colarinho significa). Eu não uso colarinho clerical. Às vezes, eu uso uma touca. Com minha touca, posso viver toda a minha vida fora da igreja sem qualquer referência ao fato de que carrego a mensagem mais importante da história do universo. E, se penso em mim mesmo apenas como um pastor de meu rebanho, posso me convencer de que tudo que faço fora da igreja é coisa particular. Mas fazer a obra de evangelista é viver dentro e fora da igreja como se a cada momento de sua vida você estivesse prestes a ter um encontro que pode mudar uma vida.

Viva... como se a cada momento de sua vida você estivesse prestes a ter um encontro que pode mudar uma vida.

Se você não tem nenhuma ideia de como fazer isso, observe um pastor que faz a obra de um evangelista. Gosto de observar meu amigo Jim. Ele e eu temos servido na mesma equipe pastoral desde meados dos anos 1990. Uma coisa que temos em comum é uma inclinação por comer fora. Mas a maneira como vemos a experiência é bem diferente. Para mim, estar num restaurante tem um propósito óbvio: não

arrepender-me do que escolhi no menu. Não para Jim. Não, almoços se transformam para ele em uma experiência comunitária. Ele anda pelo restaurante, apertando mãos, conhecendo pessoas e beijando bebês. Se restaurantes tivessem eleições, Jim seria prefeito vitalício.

Quando eu converso com um garçom, tenho duas perguntas: qual é a melhor coisa que vocês fazem? Podem fazê-la em tamanho ainda maior? Penso que, se eu não estivesse lá, Jim esquecería de pedir a refeição. Ele fica muito ocupado conversando com o garçom, ouvindo uma história pessoal, uma atualização da pessoa e quaisquer pedidos de oração. Sair do restaurante envolve usualmente um convite para ir à igreja e, talvez, até planos para um feriado juntos. E, mais frequentemente do que o garçom suspeite, ele ouvirá de Jim algo sobre o Salvador — algo que pode salvá-lo do inferno.

Ora, estou convencido de que Jim seria assim mesmo, quer fosse pastor, quer não. Mas aprecio a maneira como Jim se mostra feliz em usar o ser um pastor para envolver os incrédulos. Ele gosta da maneira como esse fato pode desconcertá-los e é bom em desarmar conceitos errados. Jim acha que falar sobre ser um pastor é uma porta aberta para conversar sobre o seu Salvador.

Muitos pensam que Jim não tem medo, sendo isso a razão por que ele é tão eficaz. Mas ele esclarece que a obra de um evangelista envolverá frequentemente a presença de medo. Ele diz:

Eu costumava pensar que, se apenas continuasse fazendo a evangelização, por fim os temores desapareceriam. Mas essa não tem sido a minha experiência, pelo menos não nos últimos 21 anos (e não espero que mudará). Tenho aprendido que evangelizar não é compartilhar o evangelho tão frequentemente que meus temores desapareçam. Sinto-me temeroso cada vez que abro a boca para compartilhar as boas novas. Tenho aprendido que evangelizar implica vencer meus temores e compartilhar o evangelho apesar da incerteza. Somos chamados a proclamar as boas novas e deixar os resultados com Deus. Que privilégio é compartilhar as maiores notícias que o mundo já ouviu!

Eu não sou Jim, mas certamente agradeço a Deus por ele. Jim se esforça para vencer o medo e obedecer a Deus. Ele trabalha com afinco para fazer a obra de um evangelista.

Começando

Talvez você esteja pensando que é chamado, mas se sente um pouco fraco nesta área de evangelização. Como você começa “a obra”?

Vá com sua história. Nunca conheci um evangelista que não era profundamente afetado por sua própria conversão. Ele se lembra... com frequência. As boas novas permanecem gloriosas. Isso me inspira, porque os pastores também devem se lembrar. Não estou falando em compartilhar seu próprio testemunho. Acenda o seu amor pelos perdidos por lembrar-se de que antes você era um perdido. Você tem as boas novas; eles precisam ouvi-la. Tudo que falta é um ponto de conexão.

Procure oportunidades. Você não queria ouvir o evangelho enquanto Deus não abriu soberanamente seu coração para isso. Quem pode dizer se a próxima pessoa com quem você conversar não estará onde você estava quando ouviu a mensagem de salvação pela primeira vez? Lembre: Deus nos criou em Cristo Jesus para as boas obras que já estão preparadas (Ef 2.10). Isso não é legal? As oportunidades já estão prontas para aqueles que fazem a obra de um evangelista.

Construa relacionamentos. Embora amemos ter aquele testemunho de conversão no restaurante para compartilharmos com a família em casa, nosso maior impacto será provavelmente a semeadura lenta e paciente da semente do evangelho, semana após semana, na rotina da vida. As pessoas que vemos semana após semana — esse é o nosso campo. Não estamos apenas transmitindo a verdade, estamos amando as pessoas. Nossa abordagem deve ser tão graciosa quanto as novas que levamos. Ache um homem chamado e você descobrirá uma rede de não crentes que ele está evangelizando.

Nosso grande objetivo: ganhar almas

Charles Spurgeon treinou homens chamados para o ministério. Ele tinha uma palestra intitulada “A Conversão como Nosso Alvo”. Pense em como as palavras de Spurgeon se encaixam em sua visão de

ministério pastoral:

Nosso grande objetivo de glorificar a Deus será principalmente atingido pela conquista de almas. Temos de ver almas nascidas para Deus. Se não fazemos isso, nosso clamor deve ser semelhante ao de Raquel: “Dá-me filhos, senão morrerei”. Se não ganhamos almas, devemos lamentar como o lavrador que não tem colheita, como o pescador que volta para a sua cabana com a rede vazia ou como o caçador que perambulou em vão pelas colinas e vales... Os embaixadores da paz não cessam de chorar amargamente, até que pecadores chorem por seus pecados.^[9]

Se as palavras de Spurgeon refletem emoções genuínas que você experimenta em algum grau ao olhar para o mundo ao seu redor, então, se regozije com o fato de que a graça de Deus já começou a criar dentro de você um amor pelos perdidos. E, se os três passos a respeito de “começando” que acabei de mencionar — vá com sua história, procure oportunidades, construa relacionamentos — parecem verdadeiros em sua mente e coração, como hábitos que você se sente compelido a seguir, isso é digno de sua mais profunda gratidão a Deus.

Todas essas coisas podem ser evidências importantes em determinar se você foi chamado ao ministério do evangelho, à medida que você luta ativamente com esta pergunta: *você ama os perdidos?*

Para estudo adicional

O Evangelho e a Evangelização Pessoal, Mark Dever

The Heart of Evangelism, Jerram Barrs

Marks of the Messenger, J. Mack Stiles

A Evangelização e a Soberania de Deus, J. I. Packer

Salvation to the Ends of the Earth, Andreas J. Köstenberger e Peter

T. O'Brien

[1] Mark Dever, em *Amado Timóteo* (São José dos Campos, SP: Fiel, 2005), 138–39.

[2] Sou grato pela mensagem que ouvi de Ed Stetzer sobre esta passagem. A organização do capítulo é extraída da mensagem de Ed, embora o seu conteúdo não o seja.

[3] Michael P. Green, ed., *Illustrations for Biblical Preaching* (Grand Rapids, MI: Baker, 1989), 62.

[4] Wayne Grudem, *Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrine* (Grand Rapids,

MI: Zondervan, 2000), 868.

[5] William Chadwick, *Stealing Sheep: The Church's Hidden Problem with Transfer Growth* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2001), 10.

[6] Observe este comentário feito por Aubrey Malphurs, em *Planting Growing Churches for the 21st Century: A Comprehensive Guide for New Churches and Those Desiring Renewal* (Grand Rapids, MI: Baker, 1998), 64.

[7] Colin Marshall e Tony Payne, *The Trellis and the Vine: The Ministry Mind-Shift that Changes Everything* (Kingsford, Australia: Matthias Media, 2009), 107.

[8] Joseph Thayer, “2229 εὐαγγελιστής”, *Thayer's Greek-English Lexicon of the New Testament* (June 1996), citado em Bibleworks, 8th ed. CD-ROM, version 1.0 (Bibleworks LLC, 2004).

[9] Charles H. Spurgeon, *Lectures to My Students* (London: Passmore and Alabaster, 1877), 180.

Uma História de Chamada

John Bunyan: Uma Chamada Confirmada pela Igreja^[1]

Um insignificante grupo de pessoas se reuniu ao redor do leito de John Gifford, que estava às portas da morte. Ele tinha sido o pastor fiel de uma pequena congregação que tentava sobreviver em tempos de incerteza. Naquele momento, deitado, ele ofegava, procurando ser fiel ao seu rebanho até o fim. Entre suas últimas palavras na terra, houve este apelo: “Gastem muito tempo diante do Senhor orando a respeito da escolha de um pastor”.

Durante esse tempo, seus olhos estavam fixos em um homem jovem do grupo. Mesmo com imprecisão, o foco do olhar de Gifford era um novo cristão. Nada em sua formação indicava que ele era conveniente para o serviço do Senhor. Ele era um negociante e queria continuar nesta situação. Quase em contrário à sua vontade, ele foi colocado em oportunidades em que seu testemunho público produziu fruto notável. Bunyan o conta:

Durante cerca de cinco ou seis anos, fui despertado para os interesses espirituais, auxiliado a enxergar minha necessidade de Jesus Cristo, nosso Senhor, seu valor e capacitado a confiar-lhe minha alma. Após isso, alguns dos santos dos mais aptos entre nós — aptos com relação a bom senso e santidade de vida, conforme pensavam — perceberam que Deus me considerara digno de compreender algo de seu propósito em sua santa e bendita Palavra e que ele me concedera certa medida de habilidade para compartilhar com os outros o que eu entendia, a fim de que fossem edificadas. Portanto, eles desejavam sinceramente que me dispusesse a liderar, algumas vezes, uma das reuniões e falar-lhes uma palavra de exortação.^[2]

Então, um dia, Bunyan leu as palavras de Paulo em 1 Coríntios 16, que exortam os dotados a serem dedicados ao

serviço dos santos. Estas palavras deram força ao encorajamento que recebera de sua igreja, convencendo-o a parar de fugir de sua chamada:

Esse texto me fez ver que o Espírito Santo nunca pretendeu que as pessoas possuidoras de tais dons e habilidades os enterrem, mas ordena-as que exercitem esses dons e animava-as a fazê-lo... Então, apesar de considerar-me o mais indigno de todos os santos, comecei a trabalhar com grande temor, tremendo à vista de minha própria fraqueza. Entretanto, de acordo com meus dons e com a proporção da minha fé, preguei o abençoado evangelho que Deus me mostrara na santa Palavra da Verdade.^[3]

Bunyan entrou no ministério por meio da identificação e da exortação de uma pequena congregação que tinha de mendigar por lugares para se reunir. Quando a perseguição na Restauração Inglesa avançou para o interior, o frágil e pequeno rebanho se tornou um grupo que se reunia em secreto. E o homem que Gifford esperava que cuidaria deles foi para a prisão.

Por um total de 12 anos, Bunyan definhou na cadeia de Bedford. Mas, como sabemos agora, ele foi um preso extraordinariamente ocupado. Foi durante esse tempo que ele escreveu sua autobiografia, *Graça Abundante para o Maior dos Pecadores*, e, é claro, *O Peregrino*. Bunyan não escreveu na cadeia para encher seu tempo ou para comprar sua liberdade. Escreveu porque Deus o chamara para o ministério e a igreja confirmara a chamada; ele não permitiria que uma coisa insignificante como a perseguição o impedisse de fazer o que fora chamado a fazer. Bunyan escreveu para pastorear — e a igreja de Deus tem sido alimentada por seu ministério desde aqueles dias em diante.

[1] A história de Bunyan é adaptada de sua obra *Grace Abounding to the Chief of Sinners* (Collected Works, Vol. 8, Ages Digital Library) e de John Bunyan (Edinburgh: Banner of Truth, 1964), de Frank Mott Harrison. A primeira destas obras se acha em português sob o título *Graça Abundante ao Principal dos Pecadores* (São José dos Campos, SP: Fiel, 2012).

[2] Bunyan, *Graça Abundante ao Principal dos Pecadores*, 131.

[3] *Ibid*, p. 132-33.

9



Quem Concorde?

Você lembra a minha história do capítulo 1? Lá estava eu, um rapaz com muito zelo e um senso crescente de que, de alguma maneira, um dia eu estaria no ministério. Eu não tinha nenhum treinamento nem preparação, somente uma ambição intensa de pregar a Bíblia. Essa aspiração era o suficiente?

Enquanto isso, eu tentava sobreviver — construir um casamento, manter um emprego, pagar a dívida da faculdade, achar os pares de meias toda manhã. Nesse tempo, deparei-me com várias pessoas que me disseram ver em mim algum potencial para o ministério pastoral. E nenhuma delas era minha mãe. Isso completava, de algum modo, a sequência do desencadeamento de minha chamada? Qual seria o próximo passo? Contatar uma agência missionária? Procurar um seminário? Apenas avançar com fé e começar uma igreja? Ou havia algo mais, algo mais que eu deveria estar procurando?

Se você chegou até aqui, deve ter um senso de que Deus está fazendo uma obra em seu coração. Há algum tipo de chamada em operação. Então, vamos falar sobre o que fazer com ela.

Uma corda de três fios

Quando eu examino as Escrituras, investigo um pouco da história da igreja e observo o que acontece a homens que entram no ministério pastoral, há três fios entretecidos que prendem um homem à sua chamada. Cada fio fortalece a chamada. Eles são a chamada interna, a preparação e a confirmação externa da parte de outros — a corda de três fios da chamada. Estes não são passos consecutivos; antes, são três fios independentes que, na providência de Deus, se unem para ajudar a chamada a achar seu cumprimento.

Fio 1: Chamada interna

Pergunte a um homem que está no ministério como ele chegou ali, e ele lhe contará uma história a respeito de algo que se passa em seu íntimo. Às vezes, é uma experiência repentina e decisiva, que recebe o que Spurgeon descreveu como “um anseio, um anelo, uma fome por proclamar a Palavra”.^[1] Para outros homens, é como uma chamada furtiva; ela se introduz quase despercebida, até que um dia o homem acorda e descobre que a chamada tomou residência como um intruso inesperado.

Muito deste livro falou sobre a chamada interna. Vimos como a chamada de um homem ao ministério está embutida em sua chamada para a salvação. Tudo começa ali — despertando-nos, definindo-nos, transformando-nos. É a coisa mais importante a respeito de todo crente; mas alguns crentes são chamados a exercer liderança entre o povo de Deus. Há algo que eles recebem de Deus, poderíamos dizer, que os faz querer pastorear o povo de Deus e pregar a Palavra de Deus. A chamada interna envolve caráter, dom, capacidade de pregar, um coração disposto a cuidar e um amor pelos perdidos. No caso de um homem chamado ao ministério, este senso interno de chamada tem de ser convincente e duradouro, permanecendo enquanto ele estiver no ministério.

Fio 2: Preparação

Bem, isto é um fator importante. É tão importante que lhe dedicaremos o último capítulo. Por quê? Porque precisamos saber o que fazer durante os meses ou anos em que levamos a chamada interna, mas esperamos por confirmação. Preparação é mais do que apenas matar tempo. Todos nós temos esta tendência de pensar que o sentimento interior deve ser realizado imediatamente — pise no acelerador e persiga-o. E se as outras pessoas reconhecerem algo em nós? Pise fundo e vigie por policiais. Mas não podemos evitar as placas de “dê a preferência” e as luzes amarelas da preparação.

Eu tive uma chamada interna muito antes que alguém a visse. Rapaz, eu pensei realmente que eles foram demorados! No devido tempo, obtive encorajamento da parte de outros — Deus os abençoe! Mas eles estavam incentivando um cara que ainda era... despreparado.

(Observadores discernentes poderiam ter dito “orgulhoso” ou “insensível”, mas fiquemos com despreparado.)

Mas, sabe de uma coisa? Alegro-me muito de não ter entrado imediatamente pelas portas que pareciam estar se abrindo no início de minha vida cristã. E penso que as pessoas sobre as quais eu teria imposto meu ego despreparado são também muito agradecidas.

Talvez você se identifique comigo. Entende humildemente que necessita de preparação. Logo abordarei isso. Antes, precisamos discutir a graça da confirmação externa.

Fio 3: Confirmação externa

É neste ponto que gastaremos a maior parte deste capítulo. Permita-me começar com uma definição simples: *a confirmação externa é o processo de avaliação pelo qual a igreja afirma a chamada de Deus para o homem*. Pense na confirmação desta maneira. Um senso pessoal nunca é suficiente para impelir um homem ao ministério. O senso subjetivo de chamada tem de ser validado objetivamente. A avaliação externa é uma corda essencial que amarra você e sua igreja em segurança.

Por que confirmação?

Por que esse tipo de avaliação e validação da parte de outros é necessária? Primeiramente, porque ela é um princípio bíblico. O texto bíblico apresenta alguns exemplos maravilhosos e variados de como a confirmação externa se realiza.

Ora, antes de você ler sobre Moisés e começar a procurar labaredas em todo arbusto, apenas uma advertência: tenha cuidado quanto a extrair muitas conclusões dos exemplos do Antigo Testamento, como Moisés, Davi e os profetas que receberam sua chamada do próprio Deus para cumprirem propósitos específicos.

*A chamada interna que instiga a alma é validada por uma
confirmação externa para o homem.*

No entanto, ainda podemos aprender coisas importantes dessas histórias. Na história de Israel, havia uma prática de unção e aclamação. Ela representava um reconhecimento público de que Deus estava chamando um homem para cumprir seu propósito. Até Jesus se submeteu ao batismo, que foi um momento de confirmação para seu ministério público. No fim de seu ministério, Jesus comissionou, de maneiras diferentes, seus discípulos para a obra do evangelho — mais notoriamente no discurso de João 13 a 17 e na Grande Comissão (Mt 28.18-20). Assim, quando os discípulos se tornaram a primeira geração de plantadores de igreja, agiram com um grande senso de terem sido enviados por Outro. O que aprendemos deste padrão bíblico é que a chamada interna que instiga a alma é validada por uma confirmação externa para o homem.

Este entretecimento da chamada interna com a confirmação externa é esclarecido em um dos poucos livros sobre o ministério pastoral que se enquadra na categoria de leitura obrigatória para qualquer homem que sente uma chamada. *The Christian Ministry* (O Ministério Cristão), escrito por Charles Bridges, está quase no topo da lista destes livros. Bridges foi um pastor na Igreja Anglicana que contribuiu, juntamente com Charles Spurgeon, J. C. Ryle e outros homens ousados de Deus, para a edificação de igrejas que pregavam o evangelho na Inglaterra vitoriana. *The Christian Ministry* está repleto de discernimento para pastores em todos os aspectos da vida ministerial. No que diz respeito ao assunto da chamada, Bridges o expõe quando explica cuidadosamente tanto o aspecto subjetivo — “um desejo pela obra” — quanto o aspecto objetivo — “conveniência para o ofício”.^[2]

Nossa autoridade é derivada conjuntamente de Deus e da igreja — ou seja, originalmente de Deus e confirmada por intermédio da igreja. A chamada externa é uma comissão recebida da e reconhecida pela igreja, de acordo com a ordem sagrada e primitiva, não qualificando, mas acreditando, o ministro, que Deus chamou interna e convenientemente. Esta chamada transmite, portanto, apenas autoridade oficial. A chamada interna é a voz e o poder do Espírito Santo dirigindo a vontade e o julgamento e transmitindo qualificação pessoal. Todavia, ambas as chamadas — embora distintas essencialmente em seu caráter e fonte — são indispensáveis para o exercício de nossa comissão.^[3]

Bridges está mostrando a atividade soberana de Deus tanto na chamada interna como na externa. Não é verdade que a chamada interna vem de Deus e a externa vem do homem. Não, Deus age através de pessoas em ambos os casos. Na chamada interna, Deus age através da agência humana de nossa própria vontade e julgamento; na chamada externa, ele age por meio da agência humana de sua igreja.

Quem confirma?

Quem determina a confirmação externa? Ela vem de duas fontes.

Em primeiro lugar, os líderes da igreja

A confirmação envolve exame: “Sejam estes... experimentados” (1 Tm 3.10). Paulo pronunciou este pré-requisito para os diáconos, mas ele deve também ser admitido para o caso dos presbíteros. Essa é a razão por que as qualificações dos presbíteros estão presentes nas epístolas pastorais. Se você quer ser um pastor ou plantador de igreja, arranje uma caneta. Há um teste a ser feito.

O teste é realizado por aqueles que estão em autoridade — pelo menos, isso é o que estava implícito em minha escola de ensino médio. Ora, eu teria amado fazer testes realizados por meus colegas de sala. Isso me teria colocado na lista de honra. Mas tive de seguir a velha regra de que são os professores que realizam os testes. Por que eles? É loucura essa ideia de que os professores eram, de algum modo, mais qualificados do que jovens como eu que dormia na aula e via a retenção como uma aula de preparação para o teste de desempenho avançado. Agora, eu entendo. E isso é um aspecto importante no entendimento de sua chamada. A confirmação externa tem de vir de alguém que é qualificado.

Você observa este princípio operando em Antioquia, uma igreja modelo no século I. Quando o Espírito Santo chama Barnabé e Saulo, ele fala a toda a equipe de liderança, dizendo: “Cavalheiros, sua atenção, por favor! Separem estes dois homens para a obra a que os chamei” (At 13.2 — minha tradução livre).

É interessante — o Espírito Santo não falou diretamente a Barnabé e Saulo, mas falou aos outros a respeito deles. Foi pedido aos outros líderes que confirmassem e enviassem estes homens. Por um momento, vamos separar Saulo, que recebeu a sua chamada interna completa por meio de uma aparição do próprio Cristo. E quanto a Barnabé? Até esta altura, sabemos que ele era um homem fiel na igreja. Era também um homem tão encorajador que esta qualidade se tornou o seu nome. Demonstrou o seu comprometimento por contribuir heroicamente para a causa da igreja (At 4.36-37). Era um homem discernente e corajoso, que reconheceu a chamada na vida de Saulo, quando outros não reconheceram isso e não quiseram estar com ele (At 9.26-27). Em Atos 11.22-24, vemos que ele era um “homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé”. Evidentemente, ele tinha capacidade de pregar, mas não sabemos que posição formal de ministério ele ocupou.

A chegada deles ao ministério foi uma separação realizada por outros líderes e não um avanço ambicioso.

Então, você lê Atos 13 e vê dois homens. A chamada de um deles é pronunciada, mas ele estivera trabalhando em relativa obscuridade. A chamada do outro homem é revelada no serviço, devagar, com o passar do tempo. Tanto Saulo como Barnabé se colocaram em posição de serem conhecidos, avaliados e preparados sob a liderança ordenada por Deus. Barnabé foi enviado a Antioquia pela igreja de Jerusalém; Saulo foi trazido a Antioquia por Barnabé. Ambos trabalharam em harmonia com os outros líderes na igreja local. Eles não foram apóstolos livres que procuraram “patrocinadores” ou “parceiros de ministério”. A atividade anterior deles aconteceu em preparação e em serviço à igreja que eles pertenciam. Quando foram confirmados para o ministério, a confirmação se deu para eles como “homens conhecidos”. A chegada deles ao ministério foi uma separação realizada por outros líderes e não um avanço ambicioso. Eles honraram a Deus e serviram à igreja por esperarem pela confirmação externa de sua chamada interna. Isto se torna o padrão da igreja do Novo Testamento: os

presbíteros são chamados por Deus e confirmados por líderes.^[4]

Em segundo lugar, a própria igreja

Pense no que já aprendemos de 1 Timóteo 3 e Tito 1. Deus apresenta qualidades específicas como um sinal da chamada. Mas, num sentido real, toda a igreja é parte do processo de confirmação. Você vive e ministra entre pessoas que o conhecem e têm opiniões a seu respeito. Se você é um santo na frente dos presbíteros e um sujeito ignorante para os demais, suas chances de confirmação são microscópicas. Ora, o alvo não é viver sua vida em auditoria para o ministério. É viver sua vida amando a Deus e os outros, de uma maneira que afetará continuamente as pessoas, como um pastor deve afetá-las.

Permita-me ser mais específico. Considere algumas das qualificações dadas nestas passagens: um pastor tem de ser irrepreensível (1 Tm 3.2; Tt 1.6-7), respeitável (1 Tm 3.2), cordial (1 Tm 3.3), ter bom testemunho dos de fora (1 Tm 3.7) e hospitaleiro (Tt 1.8). Por definição, estas qualidades envolvem outras pessoas. De fato, a única maneira de aplicarmos verdadeiramente estas passagens é por sabermos a opinião da igreja.

Confirmação dos qualificados

Um senso de chamada pessoal, embora seja vital, nunca deve impelir um homem ao ministério. Tem de haver confirmação, não somente daqueles que têm a responsabilidade e a autoridade de prestá-la, mas também dos membros da igreja. Eles têm de ser capazes de vê-lo, um dia, como seu pastor. Então, a pergunta é: em sua vida, quem ocupa a posição de oferecer confirmação? Se você não sabe a resposta desta pergunta, está em perigo de cair na chamada de Sisco.

Conheça o pastor Cassidy ou Sisco para os seus amigos. Ele é um ministro licenciado da Universal Life Church, que se vangloria de ter 17 milhões de membros em todo o mundo. De acordo com os registros de ministros da ULC, Sisco é agora qualificado para oficializar casamentos, realizar funerais e batismos. Contudo, batismos são um pequeno problema para o pastor Sisco, visto que ele tem um incurável medo de água.

Isto pode parecer estranho se você não está ciente de que o querido pastor Sisco é um gato! Parece que o dono de Sisco, talvez enfadado e cínico, viu um anúncio divulgado pela ULC à procura de líderes para começarem uma nova congregação. Talvez preocupado com a potencial escassez de pastores, o dono de Sisco patrocinou seu próprio gato, e Sisco foi rapidamente ordenado como um ministro na ULC, com todos os direitos decorrentes. Entendo que logo depois disto Sisco começou a jogar golfe.

O ministério de Sisco não é tão bizarro quanto parece. Eu tinha um amigo pastor que me falou sobre um homem e uma mulher que desejavam casar-se, mas a igreja não queria realizar a cerimônia. Visto que não queriam passar pelo caminho do juiz de paz, o casal conseguiu que o pai da noiva obtivesse um ordenação online, e ele mesmo fez a cerimônia.

O caminho de Sisco — de ser designado pelo próprio dono — é fácil, mas não é bíblico. A chamada de um homem ao ministério tem de ser confirmada por pessoas qualificadas. Charles Bridges observa sabiamente que o “fracasso no ministério” pode, às vezes, ter sua fonte no momento em que o homem entrou inicialmente na obra. Bridges pergunta: “A chamada ao ofício sagrado foi clara *na ordem da igreja* e de acordo com a vontade de Deus?”^[5]

O que isto significa para você?

Que diferença este assunto de confirmação externa por parte da liderança realmente faz? Que bem ele traz para você pessoalmente e para o povo de Deus?

Você é protegido

O papel da igreja em confirmar a chamada protege o ofício de pastor de ambições corruptas. Mas o seu propósito vai além disso. A confirmação externa dá a um homem a confiança de que ele não está enganando a si mesmo quanto às suas qualificações para o ministério. ^[6] Ela lhe permite assumir a autoridade de seu ofício depois de haver sido provado, libertando-o, assim, da obra de fazer campanha para

conquistar a lealdade das pessoas. E estabelece um relacionamento seguro entre as pessoas e o líder. Todos os envolvidos sabem que há uma avaliação e uma supervisão externa para o homem na liderança e que há uma resposta da igreja a essa liderança. O homem chamado por Deus pode, então, “levar avante seu ministério dentro da comunidade e sob a orientação da igreja”.^[7]

A igreja de Deus é protegida

Pense nisto: minha chamada não é minha chamada; é a chamada de Deus para a sua igreja. A chamada não diz respeito a nós mesmo, diz respeito à vida daqueles que lideramos — ou, pelo menos, estamos tentando liderar. Colocar um homem num púlpito quando ele não é nem chamado nem dotado para estar lá é um desastre em preparação.

Charles Spurgeon entendeu muito bem isto. Ele escreveu: “Errar quanto à sua chamada é uma calamidade terrível para um homem e para a igreja sobre a qual ele se impõe; seu erro envolve uma aflição do tipo mais grave”.^[8]

Muitos homens cometeram este erro grave. Considere T. J., por exemplo. A sua conversão foi tão dramática que ele supõe naturalmente que Deus tem grandes planos para ele. Sendo um homem forte, de personalidade dinâmica, T. J. tinha certeza de que poderia ser tão produtivo no ministério pastoral quanto o era na sua empresa. Ou assim ele pensava. Na igreja, sua franqueza no falar e suas opiniões expressas com clareza eram regularmente confundidas com evidências de uma chamada a pregar. Amigos começaram a incentivá-lo a plantar uma igreja.

*Ele não conseguiu descobrir o que estava errado... mas também
nunca gastou muito cérebro nisso.*

O tempo passou, e T. J. — atormentado com o fato de que ainda não havia sido procurado formalmente para plantar uma igreja — ficou frustrado. Os líderes de sua denominação pareciam não apreciar

seu dom ou não sabiam como utilizar seu estilo de liderança. Enquanto isso, os pastores de T. J. começaram a perceber algumas deficiências em seu casamento. Mas os apelos dos pastores caíram em ouvidos surdos. T. J. achava que eles não eram apoiadores e muito exigentes na maneira como avaliavam os homens. Ele queria impacto; os pastores apelavam por processo.

Por fim, T. J. deixou a igreja e se matriculou numa escola bíblica, completando o curso em tempo recorde. Depois da graduação, ele começou uma igreja na cidade onde havia crescido. Mas houve problemas desde o início. O grupo principal era uma colisão permanente de personalidades que nunca se estabeleceram como uma equipe. T. J. não conseguiu descobrir o que estava errado com a equipe, mas também nunca gastou muito tempo nisso. Ele era atraído a projetos mais do que a pessoas.

No que diz respeito aos cultos dominicais, as mensagens tendiam a ser longas — T. J. tinha muito a dizer! No entanto, os convidados que vinham raramente voltavam mais do que uma ou duas vezes, se voltavam. Quando perguntados por quê, eles se referiam ao pregador que os atingia de modo errado.

Logo as pressões singulares de plantar uma igreja revelaram os problemas no casamento de T. J. Conflitos no lar se tornaram mais frequentes e intensos. Sua esposa começou a mostrar sinais de retraimento emocional.

A fofoca começou, o grupo principal se rebelou, pessoas saíram da igreja, as finanças caíram muito, e, por fim, T. J. foi embora. Ele ficou exausto, irado e quis sair. Agora ele vende imóveis e se recusa a frequentar qualquer igreja.

Há centenas de histórias trágicas como esta — legados de ambições não confrontadas. O ímpeto de homens como T. J. menospreza as informações de outros. Reivindica o direito à autodesignação e à autotunção, a definição unilateral de chamada da própria pessoa. Armadas com desejo, inteligência e motivação, muitas pessoas chegam à conclusão autossatisfatória de que estas são as únicas qualidades que Deus exige.

A Bíblia ensina o contrário. Como Oswald Sanders perguntou:

“Não deveria ser o ofício que procura o homem, em vez de o homem que procura o ofício?”^[9]

Você precisa dos outros

Há pessoas que lhe são bem próximas e podem ver se você tem a capacitação, as qualificações e o caráter para aspirar ao ministério pastoral?

Deus configurou o corpo de um modo que nenhum de nós pode perceber completamente a extensão ou a graça de nossos próprios dons. Deus fez isso intencionalmente, para que sejamos dependentes uns dos outros. Precisamos das outras pessoas para entendermos a direção e o ímpeto de nossa chamada.

Isto foi admiravelmente expresso por Charles Spurgeon ao aceitar a chamada para pastorear a New Park Street Church, em Londres (aos 20 anos de idade!):

Não procurei vir até vocês, pois eu era um ministro de um povo desconhecido mas amoroso. Nunca busquei melhoria de vida. O primeiro convite que recebi de seus diáconos veio até mim sem que eu o procurasse; e tremi ante a ideia de pregar em Londres. Não posso entender como aconteceu, mas agora estou cheio de admiração por causa da Providência maravilhosa. Quero entregar-me às mãos de nosso Deus pactual, cuja sabedoria dirige todas as coisas. Ele escolherá por mim; e, pelo que posso julgar, esta é a sua escolha.^[10]

Ao aceitar a importância de uma chamada externa, o homem chamado se coloca, como Spurgeon, numa posição de ser “cheio de admiração por causa da Providência maravilhosa”. O homem chamado diz às pessoas ao seu redor: “Confiarei mais na estimativa de vocês do que na minha. Confiarei que Deus falará não somente a mim, mas também a mim por meio de vocês. E submeto meu senso de trajetória a esse processo — sabendo que, ao se completar, ele falará mais clara e mais fortemente do que qualquer convicção a que eu possa chegar por mim mesmo”.

Quando olho para 26 anos atrás e penso naquele tempo de chamada em minha vida, vejo mais claramente como Deus realizou seu

plano perfeito, de uma maneira perfeita, no seu tempo perfeito. Isso não significa que eu não tive lutas; poucos homens foram poupados da experiência de incerteza. A luta com a incerteza é parte do pacote. Mas não há incerteza em Deus. Ele o artesão de nossa chamada. Deus entretece os fios da chamada interna, da preparação e da confirmação e mantém você firme à medida que navega por águas inexploradas.

Ache uma maneira de ter pessoas tão perto de você que façam parte da aventura da confirmação externa.

Portanto, se você se acha sozinho com um senso de chamada, examine o seu desodorante. Não importa qual seja a sua eclesiologia e qual o seu sistema de governo, você deve ser capaz de achar uma maneira de ter pessoas tão perto de você que façam parte da aventura da confirmação externa.

Quando seguimos a vereda que conduz ao ministério, começamos a descobrir que o desejo de Deus é que cheguemos no ministério tendo aprendido as valiosas lições necessárias para um ministério eficaz. São lições que exigem confiança em Deus. Tornam a *nossa* igreja mais importante do que o *meu* ministério.

Essa é a razão por que, concernente a qualquer homem que talvez seja chamado para o ministério do evangelho, devemos perguntar: *quem concorda?*

Para estudo adicional

The Christian Ministry, Charles Bridges
Test, Train, Affirm, and Send into Ministry, Brian Croft
Called to Ministry, Edmund P. Cloney

-
- [1] Charles H. Spurgeon, *Lectures to My Students* (London: Passmore and Alabaster, 1877), 25.
[2] Charles Bridges, *The Christian Ministry* (London: Seeley and Burnside, 1830), 91–92.
[3] Ibid.

[4] Considere que 1 Timóteo foi escrita primeiramente para Timóteo em seu papel de liderança. De modo semelhante, Tito foi exortado a identificar e instituir presbíteros. O futuro da igreja depende de líderes que selecionem, treinem e confirmem futuros líderes (1 Tm 5.22; 2 Tm 2.2).

[5] Bridges, *The Christian Ministry*, 90 (ênfase minha).

[6] J. L. Dagg, teólogo batista do século XIX, afirmou que todo homem que está sozinho em crer que Deus o chamou para o ministério “tem razão para admitir que está sob uma ilusão”. Dagg acrescentou que, se aqueles que “honram a Deus e amam as almas dos homens” não reconhecem as qualificações de um homem para o ministério, esse homem “tem razão para suspeitar que tais qualificações não existem”. Citado por Brian Croft em *Test, Train, Affirm, and Send into Ministry: Recovering the Local Church’s Responsibility in the External Call* (Leominster, UK: Day One, 2010), 51.

[7] G. Campbell Morgan, *The Acts of the Apostles*, ed. D. Stuart Briscoe (Grand Rapids, MI: Revell, 1988), 242.

[8] Charles H. Spurgeon, citado por John MacArthur Jr. em *Rediscovering Pastoral Ministry: Shaping Pastoral Ministry with Biblical Mandates* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1995), 103–104.

[9] Oswald Sanders, citado em Henry Blackaby e Richard Blackaby, *Spiritual Leadership: Moving People on to God’s Agenda* (Nashville, TN: Broadman, 2001), 88.

[10] Charles H. Spurgeon, citado por Lewis Drummond, *Spurgeon: Prince of Preachers* (Grand Rapids, MI: Kregel, 1992), 200.

Uma História de Chamada

John Newton: Conhecendo o Valor de Esperar^[1]

Pensamentos Variados e Inquirições sobre um Assunto Importante — parece um tema de um trabalho de faculdade — e um trabalho muito entediante. Mas isso não era as anotações aleatórias de uma mente inquiridora que meditava sobre tópicos teóricos. Era um diário de seis semanas de uma análise sensata e exaustiva do coração — o autoestudo de um homem desesperado por ouvir a voz de Deus.

John Newton tinha 33 anos de idade. Já tinha vivido toda uma vida, encarando a morte inúmeras vezes e fazendo coisas ousadas e mesquinhas que a maioria das pessoas nunca imaginaria. E havia chegado a este ponto. E, convertido há apenas alguns anos, aposentado recentemente da abominação do tráfico de escravos, Newton só podia mesmo duvidar se era chamado ao ministério.

Ele saíra de um descanso de seis semanas convencido plenamente de que era chamado ao ministério do evangelho. As únicas perguntas que restavam era onde e como. Newton estava realmente mais velho do que a maioria dos que aspiravam ao ministério, e quase todos estes entravam na vida eclesiástica vindos diretamente da escola. Além disso, o caminho tradicional para um homem era solicitar ordenação na Igreja da Inglaterra. No entanto, havia outras oportunidades fora da igreja estabelecida — empolgantes, mas eram trabalhos independentes arriscados.

Desde o início, a jornada de Newton até o ministério foi entremeada de obstáculos. O primeiro foi um obstáculo muito espinhoso. As pessoas com as quais Newton acreditava que deveria se unir (os anglicanos) não o queriam; mas ele não tinha um senso de chamada para com as pessoas que o queriam realmente (os independentes).

A resposta de Newton à sua chamada se tornou uma pe-

rambulação de seis anos em incerteza e oposição. Ele procurou o conselho daqueles que o conheciam bem, incluindo sua esposa e sua família. Estes conselheiros o ajudaram a convencer-se de que sua visão para o ministério seria melhor satisfeita na igreja estabelecida. Ele trabalhou zelosamente nos vários testes e exigências para a ordenação. Mas foi rejeitado. E rejeitado de novo. E de novo. As razões deixaram-no perplexo: ele não estudara nas escolas certas, era “entusiasmado” demais, seu passado pecaminoso não era apropriado para um ministro da igreja.

Newton foi rejeitado seis vezes no ministério que buscava seguir. Teve de esperar. Ele possuía uma confiança em Deus e a resiliência de um homem que havia enfrentado coisas piores do que discriminação. Assim, ele entrou no modo de preparação: “No presente, tenho de permanecer como sou e me esforçar para ser tão útil quanto posso na vida particular, até que eu possa ver melhor”.^[2]

Deus usou esse tempo de espera para solidificar um homem que não era tão estável quanto pensava ser quando saiu de sua reclusão de seis semanas, com sua chamada. Anos depois, em uma carta a um jovem homem que se achava numa situação semelhante, Newton revelou o valor de esperar em sua vida:

É muito difícil nos mantermos dentro dos limites da prudência quando nosso zelo é ardente, e um senso do amor de Cristo está em nosso coração, e uma terna compaixão por pecadores condenados nos impelem a agir logo — mas “aquele que crê não se apresse”.

Estive quase por cinco anos sob esta restrição. Às vezes, eu pensava que tinha de pregar, embora fosse nas ruas. Eu ouvia tudo que parecia plausível e muitas coisas que não eram plausíveis. Mas o Senhor cercou de maneira graciosa, talvez diríamos insensível, o meu caminho com espinhos. Do contrário, se tivesse sido deixado à mercê de meu próprio es-

pírito, eu teria feito tudo que pudesse para não ter sido colocado nessa esfera de utilidade, à qual lhe aprouve me trazer em seu bom tempo.

Naquele tempo, eu teria saído a pregar, mas, embora essa intenção fosse boa, vejo agora com clareza que superestimava a mim mesmo e não tinha aquele julgamento e experiência espiritual que são requisitos para tão grande serviço.^[3]

Um tempo bem gasto preparou Newton para tão grande serviço. Newton chegou a entender que um período de espera faz parte da coordenação de tempo perfeita de Deus.

[1] A história de Newton é adaptada de Jonathan Aitken, *John Newton: From Disgrace to Amazing Grace* (Wheaton, IL: Crossway, 2007), e de *Letters of John Newton* (Edinburgh: Banner of Truth, 2007).

[2] Citado por Aitken, em *John Newton*, 159.

[3] De uma carta datada de 7 de março de 1765. *John Newton, Voice of the Heart*, ed. Jay P. Green Sr. (Lafayette, IN: Sovereign Grace, Inc., 2001), 137–38.

P



..... PARTE TRÊS

Esperando

10



Enquanto Você Espera

Você está sentado na sala de cinema, perdido no desenrolar da saga que enche a tela à sua frente. Uma de suas mãos está mergulhada em um enorme copo de pipoca, a outra presa, como um vício, em um galão de Coca-Cola. Você não está mais no seu assento, foi transportado para a cena — pilotando a espaçonave pelas galáxias desconhecidas ou guiando, de um lado para outro, aquele cupê clássico superpotente através das cidades, e os bandidos, no seu encalço. E aquele sujeito em pé na escadaria não sabe que está prestes a ser assassinado de uma maneira cruelmente inovadora? E você está bem atrás dele. Tudo que pode ouvir é o som da respiração — sua ou dele?

De repente, um celular toca. Dois toques depois, você entende que isso não é parte do filme — é o seu celular, e você é um idiota. Consciente de que *você* está agora em perigo de ser morto de uma maneira cruelmente inovadora pelos espectadores ao seu lado, você pega o telefone, aperta o botão silenciador e olha para ver quem estava chamando-o. E... que infelicidade! Era a ligação pela qual você esperava — a empresa que lhe daria a resposta sobre a oportunidade de trabalho ou a moça da igreja que lhe diria se estava interessada no encontro na cafeteria. Mas você está num cinema escuro e não pode responder ao telefonema.

Às vezes, você recebe uma chamada que pode mudar sua vida. É a chamada certa, e você é a pessoa certa — mas, sob algumas circunstâncias, você não pode atendê-la. Número certo, pessoa certa, tempo errado.

Você tem de esperar.

O paradoxo da preparação

Neste livro, temos enfatizado que o ímpeto por trás da chamada para plantar ou pastorear uma igreja se origina dentro da mente e da

intenção de um Deus todo-sábio, todo-poderoso e todo-soberano. Apesar de abordarmos frequentemente a espiritualidade centrados em nós mesmos, Deus não precisa de nós. Para *nada*. Ele é autossuficiente e nada precisa de fora de si mesmo para sua subsistência e satisfação. Se ele não precisava criar-nos, certamente não precisa de nós como líderes.

No entanto, apesar disso, em sua graça, Deus chama homens, um por um, para plantarem igrejas e pastorearem seu povo. Então, onde você está neste assunto da chamada?

Minha ideia é que você está em um de dois lugares. Ler este livro ampliou sua visão quanto ao ministério pastoral, e você está querendo saber “o que vem depois?” Sua chamada parece tão nítida, como a badalada de um sino em uma manhã tranquila de inverno. Mas há outro grupo, um grupo que foi esclarecido por meio deste livro. Você sente que obteve alguma clareza, mas ela ainda não é bem-vinda porque parece desafiar seu sonho. Você se sentiu chamado a plantar ou pastorear uma igreja, mas agora tem mais perguntas a respeito de sua conveniência, de sua chamada.

Não importando onde você esteja, quero usar este capítulo final para pastoreá-lo. Quero oferecer-lhe algumas coisas práticas que você deve fazer em relação à chamada. No entanto, o mais importante é que desejo inspirar fé em você quanto ao bom plano de Deus, apesar do resultado.

Deus nunca dá uma chamada (ou a retém!) sem ter um bom plano por trás dela.

Você sabe: Deus nunca dá uma chamada (ou a retém!) sem ter um bom plano por trás dela. Porque ele é um Deus bondoso, todos os seus planos são bons. Todas as chamadas têm limites — limites de dons, de esfera, de oportunidade e de tempo. Portanto, o alvo deste capítulo é fundamentar a sua fé na bondade e na sabedoria abundantes de Deus, enquanto ele prepara perfeitamente seu homem para a missão — com seus limites e tudo mais. No ministério pastoral ou fora dele — onde

quer que seja!

Então, o que você deve fazer agora? Uma palavra: prepare-se!

Grande, Dave. Que ideia maravilhosa! Obrigado pela brevidade!

Muitos homens se perguntam por que Deus lhes daria um desejo tão forte pelo ministério, mas não abriria as portas para a sua realização. Gosto de dizer-lhes que interpretem este desejo como uma ordem de prepararem-se. Não é uma licença para abandonar o emprego ou plantar uma igreja, pelo menos, ainda não. É uma chamada para preparar a alma, a vida e a mente para as alegrias e os rigores do ministério. “A maior e mais árdua preparação”, diz Bridges, “é no íntimo”.^[1]

Preparação para o ministério pode ser como um paradoxo. Deus chama você a começar agora, assumindo certos riscos que não assumiria sem a chamada. Ao mesmo tempo, Deus o chama a esperar — a confiar nele, à medida que os meses ou os anos se passam e *ele o* prepara para o ministério pastoral. Você está agindo, enquanto está esperando.

Como você faz estas duas coisas? Neste capítulo, exporemos como agir e esperar ao mesmo tempo. Igualmente importante, veremos como estes passos podem trazer benefícios ao homem que, ao final, compreende que não é chamado ao ministério pastoral.

Comece agora

Um homem que ouve uma chamada nunca é um homem que permanece acomodado e quieto. Uma evidência essencial da chamada é a ambição santa que é canalizada em ação. Essa é a razão por que, como um líder responsável por avaliar questões relacionadas à chamada externa, não olho para o que um homem é e o que ele pode fazer. Procuro ver o que ele já está fazendo. Isso me ajuda a medir o grau de aspiração e de desejo — “Se alguém *aspira* ao episcopado, excelente obra *almeja*” (1 Tm 3.1).

Irmão, há muito que você pode fazer agora para preparar a si mesmo na chamada. Eis algumas ideias com as quais você pode começar. Para cada uma, incluí alguns “passos práticos” que você pode dar.

1. *Seja honesto quanto aos seus desejos.* Se você “aspira” ao ofício de

presbítero, diga ao seu pastor. Se você não tem um pastor, ache uma boa igreja e tenha um pastor. Não é humilde permanecer em silêncio quanto aos seus sonhos. Você não é Maria, que “guardava todas estas coisas no coração” (Lc 2.51). Compartilhar seus sonhos é muito mais proveitoso. Avaliação da parte de outros acontecerá em algum momento; por que não deixar que ela comece agora?

Um passo prático: usando algumas das categorias deste livro, escreva ao seu pastor e compartilhe seu senso de chamada e desejo em relação ao ministério. Convide-o para um almoço, para discutir especificamente os pensamentos dele sobre a sua carta.

2. *Ore.* Você ora consistentemente a respeito de sua chamada?

Um passo prático: agende momentos regulares de oração, talvez até retiros pessoais, nos quais você possa nutrir seu senso de chamada e colocá-lo no altar diante do Senhor.

3. *Comece a servir.* A chamada é revelada no servir. Um jovem chamado quer achar agora mesmo um papel que se encaixe em seus dons. Mas, neste estágio, a chamada não é uma autorização para você exibir seus dons; é um convite para ser um servo onde quer que seja necessário. Você se sente chamado a pregar às massas? Excelente — vá primeiro ensinar no ministério infantil. É um ótimo lugar para alguém começar.

Um passo prático: procure os líderes de sua igreja e lhes diga: “Em que ministério nossa igreja precisa de mais ajuda?” Depois, faça o que eles precisam que seja feito. Servir na obscuridade pode fazer mais para moldar um futuro líder do que vários anos gastos em vasculhar igrejas para achar a colocação ideal.

4. *Se você está na faculdade, siga uma direção vocacional.* Sair diretamente da faculdade para o ministério de tempo integral é a exceção e não a regra. Não suponha que você precisa de uma graduação que se relacione diretamente com o ministério.

Um passo prático: seja um aluno disciplinado e bem equilibrado. Siga a excelência e engaje-se nas oportunidades de ministério que surgem com a vida acadêmica. Não se esconda em seu grupo cristão — envolva-se no campus como uma testemunha de Cristo. Aprenda a pensar e a persuadir com base numa perspectiva bíblica. Escolha al-

guém que você julge ser um influenciador humilde de outros e faça muitas perguntas.

5. *Procure conselhos e avaliação.* Você está buscando ativa e permanentemente a sabedoria de homens que conhecem você e o seu senso de chamada?

Um passo prático: continue levando seu pastor para almoçar — procure conhecer a percepção constante dele quanto à sua vida pessoal. Além disso, cultive a comunhão responsável com homens sábios de sua idade ou mais velhos.

6. *Estude.* Você está aprofundando seu poço teológico por meio de um estudo sistemático de sã doutrina e teologia bíblica?

Um passo prático: peça ao seu pastor uma lista de livros para você estudar. Depois, faça um plano de como e quando completará este estudo — e dê esse plano ao seu pastor para que ele acompanhe sua realização.

7. *Amadureça.* Como a sua vida se harmoniza com as qualidades de um presbítero mencionadas em 1 Timóteo e Tito? Em que área você precisa crescer?

Um passo prático: procure prestar contas e busque correção daqueles que lhe são mais íntimos. Se você é casado, comece com sua esposa. Como diz Wayne Grudem: “Não é opcional que a vida [de pastores] seja exemplo para os outros seguirem; é uma exigência”.^[2]

8. *Coloque em ordem a sua casa:* o caminho para o ministério pastoral é frequentemente um caminho sacrificial. Talvez você precise ter uma vida simples e adaptável. Você está preparado para fazer sacrifícios a fim de seguir a sua chamada? Conheço muitos homens cuja habilidade para prosseguir numa oportunidade foi impedida por dívida excessiva. Você deve também cuidar de sua esposa, enquanto explora a sua chamada. Lembre a nossa discussão anterior sobre isto — se você é chamado, ela tem de concordar confiantemente. Se ela não concorda, então, para você, preparar-se para o ministério significa ouvir as reservas de sua esposa, considerar atentamente a sua relutância e responder humildemente as suas observações.

Um passo prático: livre-se de toda dívida que você puder e mantenha esse procedimento. Se você é casado, assegure-se de que sua cha-

mada seja uma conversa aberta que sua esposa pode ter sempre que desejar. Explore quaisquer preocupações que ela apresente. Discuta quaisquer objeções com amigos e com um pastor sábio.

9. *Persevere com paciência.* Você está comprometido em esperar que Deus o leve ao ministério, em vez de construir ansiosamente suas próprias oportunidades?

Um passo prático: siga uma vocação em que você pode sobreviver e crescer. Desenvolva habilidades profissionais para que não seja dependente do ministério para sobreviver.

Há muito que você pode fazer agora para preparar a si mesmo na chamada.

Charles Spurgeon sabia um pouco a respeito de colocar homens no ministério. Ele apreciava ver homens ocupados querendo e fazendo tudo o que pudessem em favor do reino. Seu conselho é digno de ser adotado: “Qualifique-se a si mesmo para esferas mais amplas, você que está em lugares insignificantes; mas não negligencie seus estudos para procurar melhores posições. Prepare-se para uma oportunidade quando ela vier e descanse seguro de que o ofício virá para o homem que é apropriado para o ofício”.^[3]

Aprenda a esperar

Tenho uma teoria: odeio esperar, por isso Deus me chama a escrever. Estou falando sério. Se você é um homem impaciente, que gosta de retorno imediato e não sabe esperar, escrever é como um bandido, que sequestra seu senso de progresso e o mantém como refém até que você pague o resgate de tempo — tempo em reescrever, tempo em editar, tempo em pesquisar, tempo livre. Por fim — embora pareça levar uma eternidade — você é recompensado com um manuscrito em desenvolvimento. Mas, em meu mundo, não há como escrever rapidamente. Toma tempo. O tempo é essencial à chamada.

Sempre que você vê alguém sendo chamado na Bíblia, Deus inse-

re um tempo variável na equação. Considere Abraão: teve a promessa de um filho aos 75 anos de idade, mas só o recebeu aos 100 anos. Pense em Moisés: 40 anos no deserto, duas vezes. Davi teve de manter-se calmo por cerca de 30 anos entre a unção e o governo. Paulo tem uma pequena espera de 17 anos entre a chamada e o reconhecimento mais amplo de seu papel.

Por que tanto tempo? Porque Deus usa o passar de meses e anos para testar um homem e santificá-lo. Lembra todas as qualidades sobre as quais falamos neste livro? Elas não são coisas que obtemos de imediato. São operadas num homem no decorrer do tempo.

Deus usa o passar de meses e anos para testar um homem e santificá-lo.

Os testes do tempo envolvem provações, geralmente. Há a provação de esperar, e outras provações que vêm junto com a vida. Para o homem chamado ao pastorado, há sempre um propósito duplo nestas provações: santificá-lo como um crente e prepará-lo como um pastor.

Isto foi expresso muito bem por John Newton:

Quando Deus planeja que um homem tenha utilidade eminente no ministério, ele o conduz por meio de águas profundas e o faz beber abundantemente do cálice de tristeza espiritual, para que ele seja preparado, por meio de um longo curso de experiências aflitivas, para simpatizar com crentes tentados e desanimados e possa aprender como administrá-lhes a consolação com a qual seu próprio coração foi, por fim, consolado.

[4]

Mais do que qualquer outra coisa, tempos de espera e provações têm o propósito de levar um homem à confiança na providência de Deus quanto a si mesmo e aos outros. Providência — um termo teológico que se refere à soberania ativa e benevolente de Deus nos afazeres do homem — coloca junto o caráter de Deus e a nossa experiência sob a bandeira de Romanos 8.28: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chama-

dos segundo o seu propósito”. Em palavras simples, a providência de Deus é a sua ação de provar o que é bom para nós no decorrer do tempo.

Na obscuridade

Minha chamada para o ministério desenvolveu-se durante um período de cinco anos. Três desses anos foram gastos trabalhando em horários noturnos como um segurança em um hospital, por menos de um salário mínimo. Era um trabalho honesto, mas em minha mente ele redefiniu o significado de trabalho que não tem oportunidade para subir de cargo. Tentei conseguir outros trabalhos, mas Deus me manteve lá. Estava me envolvendo com uma boa igreja, aprendendo a servir, firmando-me no casamento e experimentando a terapia de realidade da vida fora do contexto da faculdade. Esperar era a minha sala de aula, meu campo de treinamento, meu centro de avaliação. Esperar era a boa providência de Deus agindo para o bem na vida de um futuro pastor.

O tempo tem outro benefício para o homem chamado: permite que ele sirva na obscuridade. Irmãos, precisamos de obscuridade. Precisamos realizar o ministério sem aclamação, para não ficarmos viciados em aclamação, quando ela surgir. Anonimato é o solo do qual os pastores são colhidos. A obscuridade fertiliza o homem com humildade, para que aquilo em que ele se torne produza realmente fruto.

Nosso Deus soberano não esquecerá nem negligenciará a obra que está fazendo em você ou o lugar que está preparando para você.

Tenho um colega em nossa equipe pastoral chamado Brian. Antes de entrar no ministério pastoral, ele era um gerente na NBC. Sua chamada envolveu um longo período de serviço secreto — e não me refiro ao tipo de serviço que inclui escolta presidencial e armas semiautomáticas. “De domingo à sexta”, disse Brian, “eu supervisionava uma sala de redação de cem pessoas e era responsável por milhões de dóla-

res em tecnologia de última geração. Mas, servindo à igreja no domingo, eu recebia instruções de um jovem que era *muito específico* quanto à maneira como eu devia enrolar um cabo de microfone”.

Por fim, Brian deixou a NBC para estudar no Pastors College, do ministério Sovereign Grace, e tem servido fielmente no ministério por 12 anos. Mas ele nunca esquecerá como as lições na obscuridade o prepararam para o ministério. “Embora eu não tenha percebido a conexão na época”, ele diz, “servir na equipe de som e no ministério infantil se tornou um contexto crítico em que Deus agiu em mim antes de agir através de mim como um pastor”.

Talvez você esteja sendo paciente há muito tempo, mas nada está acontecendo. Quanto tempo você deveria esperar? Não se preocupe com o tempo que se passa — nosso Deus soberano não esquecerá nem negligenciará a obra que está fazendo em você ou o lugar que está preparando para você. Deus não está brincando com seu futuro. Ele está formando-o para esse futuro.

Eis algumas questões que firmarão a sua alma no decorrer do tempo.

- Eu reconheço a mão de Deus, o Chamador, em colocar a preocupação da chamada em minha vida?
- Apesar de onde estou em minha vida hoje — não importando quão distante seja de onde eu deveria estar — eu creio que isso nunca pode limitar a capacidade de Deus para realizar sua vontade em minha vida?
- Eu estou respondendo com fé à minha situação presente?
- Os outros diriam que sou um homem agradecido?
- Eu confio em Deus tanto para esclarecer minha chamada quanto para confirmar sua direção?
- Estou cuidando diligentemente de minha vida e doutrina (1 Tm 4.16)?
- Estou investindo em minha própria santificação e no aprofundamento de minha doutrina?
- Outros diriam que estou usando este tempo da minha vida para seu benefício máximo?

O que fazer se eu não sou chamado?

Sou sensato e compreendo que este livro será, em alguma medida, um instrumento de tristeza para alguns homens. Alguns o lerão e compreenderão com pesar que não receberam a chamada para o ministério vocacional. Outros, que pensavam estarem incluídos no âmbito de uma chamada tão desejada, descobrirão que têm muita inexperiência, deficiência de caráter ou independência que coloca a realização de seu sonho fora de alcance — pelo menos, por enquanto. E alguns reconhecerão que, em sua providência, Deus tornou permanentemente intransponíveis essas deficiências.

Não veja isto como oposição de Deus. Veja-o como uma reorientação da parte de Deus. Você não está sozinho.

Permita que a história de Mike McLernon lhe traga nova visão. Ele tinha graduação em engenharia elétrica e servia fielmente como um pilar de sua igreja local em Virginia. De fato, Mike servia tão fielmente que os pastores começaram a se perguntar se ele tinha uma chamada pastoral em sua vida. Quando se abriu uma posição que parecia se adequar aos seus dons, um processo de análise prudente foi iniciado e resultou em que a igreja lhe ofereceu a posição. Para aceitar a posição, Mike teria de deixar sua profissão e desistir da ideia, que alimentava no fundo do coração, de que um dia poderia retornar à Nova Inglaterra, sua região natal, para plantar uma igreja. Entretanto, Mike amava sua igreja e, depois de oração e aconselhamento sérios, aceitou a posição. Fim da história, certo? Bem, deixe Mike contá-la.

Embora eu tenha feito uma decisão bem informada e considerada com prudência para entrar no ministério pastoral, logo descobri que pastorear era muito mais difícil do que eu tinha imaginado. Eu não tinha pensado antes em toda a obra administrativa que estava envolvida, e achei difícil ajustar-me à agenda de um pastor, com suas muitas reuniões à noite e trabalhos aos sábados. E, acima de tudo, compreendi que não cuidava das pessoas num nível em que um pastor deveria fazê-lo.

Depois de alguns meses na função pastoral, comecei a me perguntar se era realmente chamado ao ministério de tempo integral. Por fim, encontrei coragem para contar ao nosso pastor principal as minhas dúvidas so-

bre o ministério. Ele começou um longo processo de avaliação sábia e amorosa de meus dons e caráter que produziu muito fruto. Durante esse tempo, continuei a ser fiel no ministério, enquanto me perguntava se este era meu futuro de longo prazo. Lembro-me de ir para casa, muitas noites, pensando: “Bem, eu sou chamado para o ministério hoje. Vejamos como será amanhã”.

No final, a avaliação revelou que eu era excelente em fidelidade no ministério, mas não no fruto que indicaria uma chamada pastoral clara. Todos os envolvidos concordaram em que seria melhor para mim, minha família e a igreja se eu deixasse a equipe pastoral e voltasse ao mercado de trabalho.

Em vez de ficar desapontado com a perspectiva de deixar o ministério de tempo integral, compreendi que meu sonho adormecido de plantar uma igreja na Nova Inglaterra se tornou novamente possível — embora não houvesse planos no horizonte.

Vejá-o como uma reorientação da parte de Deus.

Na providência de Deus, um caminho se abriu para que Mike perseguisse o seu sonho de plantar uma igreja na Nova Inglaterra, em 2001. Mike se uniu à equipe de plantação de igreja como o homem que poderia conseguir um bom emprego de engenharia e seria um esteio para a obra em seus anos de formação. Desde então, ele tem usado seus dons consideráveis para fazer o que precisa ser feito para edificar a igreja. Ele aprecia servir seus pastores na missão do evangelho. E Mike aprendeu algo que todo homem que deseja cumprir o propósito de Deus na igreja precisa aprender. Como Mike diz,

Um homem não precisa de um papel oficial numa igreja para realizar um ministério genuíno. Visto que ele ama a igreja e o povo de Deus, que se preocupa com as alegrias e as tristezas do povo de Deus e os conduz à compaixão de Deus, então, ele tem um impacto real na igreja. Isto acontece se o homem serve ou não em uma função “oficial” na igreja.

Em todo este livro, você leu histórias de grandes homens chamados ao ministério pastoral. Mas acho que todos eles olhariam para homens como Mike e diriam: “Isso é verdadeira grandeza! Isso é uma história de chamada digna de ser contada!” Sei que é uma história que

gosto muito de contar.

Uma porta diferente

Se você está vendo a porta da chamada se fechar, tenho outra porta para a qual você deveria olhar. É a porta do diaconato. O diaconato é, conforme a Bíblia, um ofício reconhecido na igreja. Embora, no decurso da História, os diáconos tenham servido à igreja numa grande variedade de maneiras, a Bíblia deixa claro que a igreja precisa de diáconos.

Diáconos são achados frequentemente entre aqueles que consideram o presbiterato. Seu caráter e amor pela igreja desencadeia a questão do presbiterato, mas sua falta do dom de ensino cria um obstáculo intransponível. O que um homem deve fazer? Bem, pense no diácono! Igrejas são edificadas sobre os labores e sabedoria destes homens. Nenhuma igreja prevalecerá sem eles.

Frequentemente em segundo plano, os diáconos cumprem um papel valiosíssimo em liberar os pastores para fazerem a obra de pregar e ensinar. Embora os diáconos estejam geralmente ocupados com as necessidades materiais da igreja, as Escrituras parecem garantir-nos liberdade para interpretarmos a responsabilidade deles em sentido amplo. Como um autor diz: “Parece melhor ver os diáconos como servos que fazem o que for necessário para permitir que os presbíteros cumpram sua chamada, dada por Deus, de pastorear e ensinar a igreja”.^[5] Isto pode incluir cuidar das questões financeiras e administrativas da igreja, assistir aos pobres, liderar pequenos grupos ou uma ampla variedade de outras tarefas importantes.

É provável que você já tenha diáconos em sua igreja. Podem até ter outra designação, mas, não importando o título, eles fazem a diferença. Liberam os pastores, servem ao povo e se tornam o elemento de união que contribuem para que os membros da igreja permaneçam juntos. E Deus tem uma recomendação especial para eles: “Os que desempenharem bem o diaconato alcançam para si mesmos justa preeminência e muita intrepidez na fé em Cristo Jesus” (1 Tm 3.13). Se você não é chamado para ser um pastor, focalize suas ambições em ser

um diácono. Sua igreja precisa de você.

Perseverança e fé

Este livro é a coisa mais importante que escreverei. Isso não significa que penso que ele seja especialmente bem escrito e destinado a se tornar um best-seller; este não é o meu interesse. Mas, se você ama a igreja, tem de se interessar pela maneira como ela é liderada e como seus líderes são escolhidos. A missão do evangelho exige nada menos do que o nosso melhor no que diz respeito a ajudar homens a ouvirem e a responderem a chamada.

Se você é verdadeiramente chamado, o abismo entre a sua situação atual e a realização plena de sua chamada *será* atravessado no devido tempo. Nestas páginas, tentei apresentar-lhe algumas maneiras de estender essa ponte, mas somente Deus pode determinar o momento certo de sua passagem. Até lá... ame a Deus. Sirva aos outros. Estude o evangelho. Invista em sua igreja local. Cresça na graça. Confie no tempo de Deus. E deixe o resto com Deus.

O teste crucial de um homem chamado é se ele deseja o avanço do evangelho mais do que o avanço de seu próprio ministério. Este é seu teste constante e diário, se ele espera estar algum dia no ministério ou tem estado no ministério por 40 anos. E será aprovado no teste de maneira final e última somente quando passar deste mundo para estar com seu Senhor, que o chamou e o tornou fiel à chamada.

Precisamos considerar seriamente as palavras de Charles Spurgeon:

Haverá alguém para dar continuidade à obra do Senhor; e, à medida que a obra prossegue, importa quem a realiza? Deus sepulta o obreiro, mas o próprio Diabo não pode sepultar a obra. A obra é permanente, embora o obreiro morra. Nós passamos, como estrela após estrela perde seu brilho; mas a luz eterna nunca se obscurece. Deus terá a vitória. Seu Filho virá em sua glória. Seu Espírito será derramado entre os povos; e, quer não seja este homem, nem aquele, nem aquele outro, Deus achará, até nos confins do mundo, o homem que levará adiante a sua causa e lhe dará a glória.^[6]

O Chamador fala. Sua chamada soa com clareza. Sua missão é gloriosa. A sua igreja é a sua alegria. Que Deus ajude você a ouvir a chamada e a exaltar o Chamador.

Para estudo adicional

The Art of Divine Contentment, Thomas Watson

Resgatando a Ambição, Dave Harvey

Trusting God, Jerry Bridges

[1] George Herbert, citado por Charles Bridges, *The Christian Ministry* (London: Seeley and Burnside, 1830), 62.

[2] Wayne Grudem, *Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrine* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994), 916.

[3] Charles H. Spurgeon, *Exploring the Mind & Heart of the Prince of Preachers* (Oswego, IL: Fox River, 2005), M-503.

[4] Citado por James M. Garretson em *Princeton and Preaching* (Carlisle, PA: Banner of Truth, 2005), 45.

[5] Benjamin L. Merkle, *40 Questions About Elders and Deacons* (Grand Rapids, MI: Kregel, 2008), 240.

[6] Charles H. Spurgeon, *Metropolitan Tabernacle Pulpit*, 1892, vol. 38, p. 297.

Agradecimentos

Alguém disse certa vez que originalidade é a arte de ocultar as suas próprias fontes. Como acredito que a maioria de meus pensamentos são emprestados de alguma fonte, parece correto envolver aqueles que ajudaram a colocar tais pensamentos na forma deste livro. Então, eis a lista, e agradeço a Deus por todos eles:

Andy Farmer, cuja ideia quanto às histórias de chamada e cujo auxílio editorial em todo o projeto ilustram de modo simples o seu desejo de servir a seu amigo. Muito obrigado, Andy.

Erin Radano, a secretária excepcional que em breve nos deixará para gozar de sua promoção à maternidade. Sua ajuda neste projeto supera sete anos de serviço incansável. Palavras não podem expressar a gratidão que eu sinto.

Sarah, editora residente no ministério Sovereign Grace. Obrigado por emprestar seus olhos e seu teclado para o aprimoramento deste projeto.

A equipe da Crossway. Sou muito agradecido por sua visão quanto a este livro e seu desejo de serem parceiros comigo na publicação.

Matt Chandler conseguiu, de algum modo, encaixar a escrita da apresentação em sua vida rigorosa. Obrigado, Matt, por servir-me desta maneira! Obrigado, mais ainda, por seu exemplo de sofrer para a glória de Deus.

Thomas Womack, que contribuiu novamente com sua mente teológica perspicaz e sua mão editorial experiente. Obrigado por dar sua vida para aprimorar a obra de outros.

Ron Flood e Jared Mellinger, os quais, ambos, mostraram grande interesse em oferecer discernimento e talento ao projeto. Obrigado, meus amigos.

Jeff Purswell foi muito amável em fazer a revisão teológica. Obrigado, amigo.

E, por último — porém, acima de tudo — agradeço a Deus por minha esposa, Kimm, que tornou estes 26 anos de ministério numa aventura prazerosa que compartilhamos juntos.



A Editora Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativo e faça parte da comunidade Fiel. Através do informativo, você terá acesso a vários materiais gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

Visite nosso website

www.ministeriofiel.com.br

e faça parte da comunidade Fiel